

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 Centro de Educação e Humanidades
 Faculdade de Educação
 Programa de Pós-Graduação em Educação

Éát|vÉ wx âÅt ä|wtM xää|tä° z|tá wx ÑÜxáxÜättúÉ wt ÅxÅ™Ü|t ÇÉ tÜÖâ|äÉ ÑxááÉtÄ wx T ÇäÉÇ|É T ÄätÜxé C tütwt

Larissa Frossard Rangel Cruz

Dissertação apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador (a): Prof. Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot

Setembro de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MOSAICO DE UMA VIDA:
estratégias de preservação da memória no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada

Larissa Frossard-Rangel Cruz

Dissertação apresentada à Comissão Organizadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Maria Helena de Moraes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.ª Dr.ª Maria José de Moraes - UERJ

Prof.ª Dr.ª Maria José de Moraes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

“O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está a nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi nos concedida uma frágil força messiânica para qual o passado dirige um apelo” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Dedico a todos que se preocupam com a memória e a história de Macaé.

T zütwxv|ÅxÇãÉá

Este é o espaço reservado para que o registro de gratidão a todos que participaram da minha trajetória no Programa de Pós-Graduação da UERJ se fixe no tempo e permaneça na memória. Desenvolver esta pesquisa me fez voltar de onde vim para pensar o meu chão, a minha cidade e, conseqüentemente a minha história pessoal.

Oriunda de uma cidade do interior, distante dos meios de produção acadêmica, mas sempre imersa em leituras e encontros sobre Educação, misturei-me aos tantos outros candidatos para concorrer a uma vaga na universidade. Após o processo de seleção, fui convidada por Ana Chrystina Venancio Mignot para fazer parte de seu grupo de pesquisa. Neste dia, minha história com a UERJ começou e o agradecimento inicial vai para aquela que acreditou no meu potencial. Muito obrigada, professora.

A estrada se tornou companheira. Semanalmente, durante mais de três anos, viajei seis horas para cumprir com minhas obrigações de aluna. À minha tia Carmen Cinira Rangel Mussi Rocha, que me acolheu em sua casa e me deu suporte para cumprir com minha meta, meu muito obrigada. A gratidão é extensiva aos primos Sávio Rangel Mussi Rocha, Bruno Rangel Mussi Rocha e Gabriel Rangel Mussi, seus filhos, que dividiram seus espaços comigo.

Durante a participação nas disciplinas do curso tive a felicidade de conviver com professores brilhantes. Gostaria de registrar o meu agradecimento a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ e, em especial aos da Linha de Pesquisa “Instituições, Práticas Educativas e História”, pelas inúmeras contribuições que recebi. Agradeço profundamente ao professor José Gondra, exemplo de disciplina, organização e dedicação à pesquisa que apontou lacunas e caminhos de meu projeto de dissertação.

Desenvolver minha pesquisa não foi possível sem a colaboração do meu tio Fernando Cláudio Frossard Rangel que, com seus conhecimentos de informática, dedicou muito de seu tempo para colaborar no planejamento de minhas atividades. Reconheço e agradeço seu empenho.

No primeiro espaço de atuação, a Escola Municipal Antonio Alvarez Parada, enalteço o carinho e a força de toda a equipe da escola, em especial das minhas companheiras e amigas Claudia Márcia Cardim da Rocha Cardoso, Adélia Mattos Pessanha e Patrícia Barreto, que não mediram esforços para que eu cumprisse com minhas tarefas. Alguns dias de angústia, outros de cansaço, mas todos de determinação. Obrigada, amigas (antes de tudo!). Na SEMED, o agradecimento especial a Bernadete Mara Coutinho Gonçalves da Silva, Tânia Aguiar, Cynthia Freire Rangel Fernandes e Regina Celia Santos Nascimento.

O agradecimento é também dirigido a Milmar Madureira Pinheiro, atual Secretária Municipal de Educação, por ter me cedido à SEMAPH para dar continuidade a minha pesquisa; e a Ricardo Meirelles Vieira, Secretário de Acervo e Patrimônio Histórico, companheiro de trabalho de Tonito, que me deu todo apoio que necessitei para vencer as dificuldades do percurso. Neste espaço, o agradecimento especial a Vilson Gavinho, já amigo e parceiro de alguns trabalhos, por todas as contribuições. Impossível enumerar todas. Agradeço a Jane Marinho e Rosali Quinan pelas leituras sempre colaboradoras.

Aos amigos historiadores Ana Lucia Nunes Ferreira e Walter Luiz Pereira, que me motivaram a cursar o mestrado, pelas interferências e sugestões que deram aos meus textos.

Agradeço aos colegas que conheci nas aulas, com os quais pude compartilhar bons momentos de ensino e de aprendizagem. Conhecê-los fez também ampliar minha visão. Tive a noção de como são diferentes e ricos os interesses de pesquisa.

Às minhas colegas do grupo de pesquisa, pelas críticas, sugestões, colaborações e silêncios, um agradecimento sincero. Estou certa de que cada uma fez o que pôde para colaborar na minha trajetória. Andréa Soares Caruso, Jussara Santos Pimenta, Ana Amélia Borges de Magalhães Lopes, Patrícia Coelho da Costa, Silmara de Fátima Cardoso, Gláucia Diniz Marques, Améris Ribeiro, Rosa Maria Souza Braga e Roberta Lopes. Gostaria de fazer um agradecimento especial a Inês de Almeida Rocha, pela possibilidade de tornar nossos encontros mais sensíveis e musicais, e pela amizade. E as colegas que não fazem mais parte do grupo, mas que tive o prazer de conviver por tempos menores: Antonia Simone Coelho Gomez, Anaíse Cristina da Silva Nascimento, Elaine Constant Pereira de Souza, Bárbara Trindade da Rocha, Luciene de Almeida Simonini e Suzana Brunet Camacho.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, por não entender muito o porquê de tantas leituras, encontros e viagens, mas que acompanhou de perto minhas horas e horas de dedicação aos estudos - as muitas ausências.

Foram muitos os que me incentivaram e ajudaram. Agradeço a todos.

Finalmente, tenho dois agradecimentos muito especiais a fazer. Agradeço a Dona Detinha, por disponibilizar o arquivo de Antonio Alvarez Parada para desenvolver minha pesquisa de mestrado.

Ao meu companheiro Rogge Esteves Perfetti por permanecer sempre ao meu lado e acompanhar de perto cada linha escrita, cada documento digitalizado, cada leitura, cada revisão, cada tudo. Junto à produção de minha pesquisa, produzimos uma coisa muito especial, fruto do amor que compartilhamos: nosso bebê – Guilherme, que já começou a participar de uma atividade acadêmica.

O resultado de todo o trabalho está mais adiante. Obrigada a todos.

e xâÄÉ

O professor, escritor e historiador Antonio Alvarez Parada (1925 – 1986) organizou um expressivo arquivo que se conserva em seu antigo gabinete, na casa onde residia, em Macaé. O objetivo desta pesquisa é compreender a trajetória que se expressa na trama deste arquivo, interrogando-o a partir da persp

T uããtvã

The professor, writer and historian Antonio Alvarez Parada (1925 - 1986) organized an expressive archive that is being conserved in an old cabinet, in his own house, in Macaé. The objective of this research is to understand the trajectory that is expressed in the tram of this archive, interrogating it from the historical perspective. In this direction, it is intended to examine as, when constituting this archive, its bearer constructed his memory and composed, from his intellectual production, a memory of his native land. His wife, when keeping and preserving the documents of his workmanships and accomplishments, she continued his filling procedure, organizing the speeches published after his death. This set of documents became basic to understand how is constructed the memory of somebody that it thought the society through the press, by publication of books and his performance in educational and literary spaces. The logic of constitution of this archive seemed me of producing and keeping registers that served as a support to disclose his way to reveal his, solid image, drawn as a mosaic, presenting the diverse dimensions of his trajectory. The present work intends to contribute to studies of memory and personal archives and, consequently to everybody interested in History, the History of Education and, particularly for Macaé's History.

F âÄöÜ|É

Agradecimento.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
“Viagem entre ruínas”: entrando no arquivo.....	09
1– Inventariar a própria vida.....	20
1. 1 - Um lugar de memória: o gabinete.....	22
1. 2 - O <i>curriculum vitae</i> : modo de colecionar a si mesmo.....	24
1. 2. 1 – A trajetória de formação.....	26
1. 2. 2 - Os campos de atuação e as posições ocupadas.....	30
1. 2. 2. 1 – Uma singular trajetória no magistério.....	32
1. 2. 2. 2 - O historiador: vasculhar os idos tempos macaenses.....	40
1. 2. 2. 3 - Como escritor, um autor localista.....	46
1. 3 - Solidificando a imagem.....	52
2 – A memória de um tempo que passou: os dois lados do progresso.....	54
2. 1 - Beber das águas do passado: as fontes de pesquisa	57
2. 1. 1 - Fontes bibliográficas: obras de referência da história local e regional.....	58
2. 1. 2 – A preciosidade de seu acervo: as fontes primárias.....	61
2. 2 - A produção intelectual do titular do arquivo.....	77
2. 2. 1 - A Imprensa: o <i>doce veneno</i>	78
2. 2. 2 - Publicar livros, cristalizar pesquisas.....	90
2. 2. 3 – Um suporte para a circulação de idéias: as revistas	101
2. 2. 4 – Cursos, conferências e discursos.....	105
2. 3 - A construção da memória e da história de Macaé.....	108
3- A ausência definitiva: a presença nas construções póstumas.....	112
3. 1 – A guardiã do arquivo: a continuidade do acervo.....	115
3. 1. 1 – Os necrológios: as designações de seus pares.....	123
3. 1. 2 - A trajetória profissional nos lugares de lembrar.....	130
3. 1. 3 – Obras póstumas que imortalizam uma trajetória.....	133
3. 2 – O reconhecimento de seus ofícios.....	136
A produção de um legado na construção de um arquivo pessoal.....	139
Referências Bibliográficas.....	143

Âi |tzxÅ xÇäÿ Üâ•ÇtäÊM
xÇäÿtÇwÉ ÇÉ tÜÖâ|äÉ

As idéias que nortearam esta dissertação pareciam adormecidas no tempo. Professora primária, meu primeiro concurso público foi em 1989 para a Prefeitura de Macaé, no qual fui aprovada e escolhi a Escola Municipal Professor Antonio Alvarez Parada, onde passei a exercer o magistério. No mesmo ano iniciei minha graduação em Pedagogia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé. Durante os primeiros sete anos trabalhei com turmas de alfabetização a 4ª série. Em 1996, fui convidada pela diretora a ser professora orientadora e, até 2005, coordenei o trabalho pedagógico desta unidade de ensino.

As questões do cotidiano escolar fomentavam os debates que aconteciam na escola, onde a literatura sobre educação estava presente. Nos encontros, conferências e congressos, levava as inquietações do grupo em busca de soluções para os problemas que emergiam na prática. A distância dos grandes centros acadêmicos impossibilitava, naquele momento, o aprofundamento de alguns deles. Aprendemos, em grupo e na prática, que pensar o nosso fazer pedagógico era um dos caminhos para superarmos parte das questões do cotidiano.

Ao ingressar no grupo de pesquisa coordenado por Ana Chrystina Venancio Mignot, fui me dando conta da importância dos *Papéis Guardados*¹, ou seja, dos materiais que produzimos durante uma vida e que “*amarelados pelo tempo guardam segredos, emoções, sonhos, expectativas, projetos, costumes e práticas. Testemunham do nascimento à morte*” (MIGNOT, 2003, p.5). A medida em que observava o cotidiano da escola em que trabalhava, ia me dando conta da importância destes documentos .

Ao olhar as paredes da escola, percebia que nela estavam inscritas cenas da história daquela unidade de ensino: trabalhos dos alunos, murais informativos, reflexões pedagógicas, cartazes e fotografias. Uma fotografia me chamava a atenção: a do professor Antonio Alvarez Parada. Naquela imagem encontrei a primeira questão que me ajudou a construir o caminho da minha pesquisa: Por que esta escola tem este nome?

Entrar na escola e olhar o nome inscrito na sua portaria não foi mais indiferente, estava atenta a *pedagogia da paisagem*.² A localização do prédio no conjunto urbano permitia gerar uma imagem da escola: anteriormente ali se localizavam o Liceu dos Operários de Imbetiba,³ suas oficinas e as dependências da Companhia Leopoldina Railway. Nesta época a cidade era basicamente ferroviária e a escola preparava mão de obra especializada para

¹ Expressão utilizada para intitular o livro da exposição itinerante *Papéis Guardados*, com curadoria de Ana Chrystina Venancio Mignot, inaugurada na Vila Penteadado, em São Paulo, entre 16 e 19 de julho de 2003, por ocasião da *XXV International Standing Conference for the History of Education*, evento promovido pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

² Sobre *pedagogia da paisagem* consultar VIÑAO FRAGO e ESCOLANO (1998).

³ Que mais tarde passou a ser Escola Profissional Ferroviária 8-1 – SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Leopoldina.

desempenhar suas atividades. Olhava da porta da escola e então avistava a Petrobrás, empresa estatal que ocupou todo este espaço e direcionou a cidade para atividade petrolífera.

Além disso, o prédio é suporte para outros símbolos. Possivelmente o nome de Antonio Alvarez Parada tenha sido resultado da visão de que as escolas deveriam ter nomes de homens ilustres, que fossem exemplos para as crianças. A exibição de seu nome marca a história de Macaé, a cidade ferroviária, aquela sempre defendida por ele, bem de frente para algo que sempre lhe causou medo: a cidade do petróleo.

Remexendo documentos da escola, encontrei algumas de suas obras no conjunto dos livros da sala de leitura. No armário da direção, uma pasta verde, com recortes de jornais sobre ele, fragmentos guardados pela diretora⁴ para não deixar esquecido o patrono daquela unidade de ensino. Na verdade, deu à escola, uma nova identidade, já que inicialmente ela tinha o nome de Escola Municipal 16 de Julho.⁵

Na proporção em que ouvia conversas a respeito do professor Tonito, como era e é conhecido, fui tendo certeza de que ele estaria, direto ou indiretamente, relacionado à minha pesquisa. Foi quando resolvi, com o estímulo da professora, historiadora e amiga Ana Lucia Nunes Ferreira, fazer uma visita a Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez, viúva do professor, conhecida por todos como Dona Detinha. Naquela conversa informal, recheada de lembranças da Macaé antiga - risos, comentários e saudades, intuí que, desenvolver uma proposta de estudo que envolvesse este professor, por tudo que fez pela educação e pela história da cidade, seria uma tarefa importante. Neste dia, fui apresentada por ela ao local onde o professor passou grande parte da sua vida trabalhando, estudando, pesquisando e escrevendo: seu gabinete.

Os relatos orais de Dona Detinha,⁶ ganhavam uma força surpreendente enquanto indicava os sentidos possíveis de cada objeto ali conservado. O arquivo do professor é composto de cartões, cartas, discursos, bilhetes, crônicas, fotografias, livro-caixa, diários de viagens, álbuns de retratos, recortes de jornais, telegramas, certificados, títulos, livros, coleções de jornais do século XIX, *objetos-relíquia*.⁷ Fragmentos reveladores do seu cotidiano de professor, de escritor, de marido e de pesquisador da história de Macaé. Tudo compõe um acervo que revela sua forma de ver o mundo e do trabalho de professor, escritor e

⁴ A diretora que organizou a pasta foi Rosalina Maria dos Santos Machado (gestão 1986 – março de 2003).

⁵ Situada à Rua Denach Lima, s/nº, Imbetiba, no 1º Distrito do Município de Macaé, foi criada pela Lei 778/82 de 30 de março de 1982, no governo do Prefeito Carlos Emir Mussi e funcionava desde março de 1980, com o nome de Escola Municipal 16 de Julho. No governo posterior, na gestão do Prefeito Alcides Ramos, pela Lei 999/86, esta unidade escolar passou a denominar-se Escola Municipal Professor Antônio Alvarez Parada.

⁶ Entrevista exploratória realizada em 19 de junho de 2003 com Dona Detinha.

⁷ Expressão utilizada por Orest Ranum em: Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). *História da vida privada 3: da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 211-266.

historiador. É ela quem bem traduz a obra e a vida do professor: “*Tonito é público, é meu marido, mas é patrimônio de Macaé... e se guardou tanto, é porque tem importância*”.

Entrar no arquivo foi como uma “*Viagem entre Ruínas*”, convite que Herivelto Ferreira do Couto - companheiro de Tonito como jornalista e membro da Academia Macaense de Letras - fez aos leitores ao prefaciá-la uma das obras de Antonio Alvarez Parada:

Todos somos devedores de Antonio Alvarez Parada por mais esta contribuição cultural inestimável. Os espíritos sensíveis deleitar-se-ão com a seiva poética e nostálgica destas crônicas. Os mais cultivados apreciarão interessados e agradecidos o ensejo desta incursão ao passado, onde a graça e leveza do estilo do Autor, ao lado de amenidades pitorescas da própria história temperam agradavelmente um possível sabor de viagem entre ruínas. (COUTO, 1980, p. 13)⁸.

Para compreender seu ofício de historiador, de como ele tinha acesso a tantos documentos antigos de história da cidade, entrevistei Vilcson Gavinho, que indicou e disponibilizou alguns documentos da Collecção D. Rosa Joaquina,⁹ importante acervo que conta com uma vasta documentação também referente à história desta região. Como neto de Rosa Joaquina, Vilcson herdou parte do acervo que pertencia a ela.

Outra entrevista fundamental para entender parte das relações de Antonio Alvarez Parada com outros intelectuais da cidade e de suas atividades como colecionador de jornais do século XIX, foi com Adriana Bacellar Leite e Santos, neta de Moacyr Santos – doador de grande parte da coleção de jornais para ele. Adriana também foi aluna e, posteriormente sua amiga. As considerações foram importantes também para entender o ofício de professor.

As idas à casa que abrigava o arquivo de Antonio Alvarez Parada foram se tornando mais freqüentes. Nesse movimento começaram a ser construídas as idéias que se misturavam aos sentimentos de medo, de dúvidas, de não-saberes, de curiosidades e de inquietações: Como vou entender estes documentos? Como vou narrar a trajetória pessoal e profissional do titular do arquivo? Que tipos de documentos compõem este acervo? E as preocupações foram surgindo na medida em que meu contato ia aumentando.

⁸ In: PARADA, Antonio Alvarez. **Histórias da Velha Macaé**: crônicas históricas. Edição do autor. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1980.

⁹ É um acervo particular, de caráter familiar composto por documentos anexados por herança ou aquisição, em períodos diversos. Remonta ao século XV até os dias atuais. É portanto, rico em sua diversidade: objetos tridimensionais, periódicos, correspondências, diários, manuscritos, mobiliário, indumentária, numismática, azulejaria, livros, obras de arte, fotografias e memorabilia. Parte deste acervo foi citado como “Família Santos Gavinho” no GUIA DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL do Estado do Rio de Janeiro. (Coord. Técnica - Margareth Silva). Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Justiça e Interior / Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997, pp. 103-104; e no ROTEIRO DOCUMENTAL PARA A HISTÓRIA DE MACAÉ (Coord. Histórica - Paulo Knauss). Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé / Fundação Macaé de Cultura. Ananã Engenharia Cultural, s/d, pp.126-129. O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – INEPAC está organizando um novo guia estadual com a discriminação mais completa e atualizada deste acervo, já com a nomenclatura Collecção D. Rosa Joaquina, marca patenteada.

Desde então comecei a tecer interpretações sobre as relações entre aquele arquivo, a educação e a história de Macaé. Os cuidados que envolvem a análise de arquivos são muitos: as condições de trabalho, o manuseio dos papéis, a leitura e contextualização dos documentos, a relação com os contextos em que foram produzidos, para citar alguns. Isto porque os acervos são compostos por documentos de naturezas e temporalidades distintas. Além disso, os arquivos pessoais nem sempre são mantidos dentro das práticas adequadas de preservação de documentos.¹⁰ Este é o caso do arquivo que foi analisado nesta pesquisa, onde o manuseio dos documentos, pela guardiã, quase nunca respeita a ordem que inicialmente foi deixada pelo titular.

Trabalhar com arquivos implica também cruzar fontes e colocar questões, porque os documentos não falam por si mesmos, eles respondem as nossas indagações. Por isso um mesmo arquivo pode conter muitas análises.

O primeiro trabalho¹¹ que desenvolvi foi sobre a participação de Antonio Alvarez Parada na imprensa de Niterói, no jornal *O Fluminense*, no final da década de 1970, onde escreveu, semanalmente, sessenta e sete crônicas epistolares, assinadas por Álvaro Antônio, pseudônimo escolhido por ele para assinar as missivas e, de certa forma, permitir um maior grau de intimidade à redação dos textos. Nelas, ele enviava notícias do cotidiano da cidade a um hipotético João, durante um ano e meio, de 1º de julho de 1977 a 17 de novembro de 1978. As crônicas epistolares, cartas públicas, destinadas a todos os leitores de um jornal niteroiense, em especial aos macaenses ausentes, retratam a história de um município do interior, por meio da escrita de um professor. Ao analisá-las, encontramos a imprensa como um espaço acessível de manifestação de um cidadão, motivado pelo exercício da escrita. A repercussão se deu em diferentes localidades, cumprindo a tarefa de registrar, divulgar e preservar a história. Como apresenta Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (2002), “*A carta é o veículo. A escrita, modos de ser. E a leitura, modos de ver* (p. 227)”. A escrita, assim como a leitura, era parte integrante do cotidiano de Antonio Alvarez Parada.

Esse conjunto de artigos acabou por propiciar a publicação da segunda obra póstuma de Tonito, já que se encontrava pronta para publicação, encadernada, com prefácio e posfácio escrito por ele. Revisei os textos, acrescentei notas, fiz a apresentação da obra e a Prefeitura Municipal de Macaé, por meio da Secretaria de Acervo e Patrimônio Histórico, editou em 2006. Importante registrar que, antes de encontrar a obra pronta e preparada pelo próprio autor em seu arquivo, quando tive conhecimento desta participação dele na imprensa estadual, fui ao arquivo do jornal *O Fluminense* e fiz cópia de todas as crônicas publicadas,

¹⁰ Sobre o trabalho de pesquisa em arquivos, consultar BACELLAR (2005).

¹¹ FROSSARD, Larissa. "CARTAS DA PROVÍNCIA": crônicas epistolares. In: II Seminário Interno Educação e Imagem, Rio de Janeiro – UERJ. Caderno de Resumos, 2004.

organizando um material que foi muito importante para entender a participação dele dentro da página do jornal, as relações com as matérias e com outras colunas, como a do seu irmão Cesáreo Parada.

Posteriormente apresentei uma comunicação no I Seminário Brasileiro sobre o Livro e a História Editorial,¹² onde analisei as obras de Antonio Alvarez Parada, mantendo um diálogo constante com alguns dos documentos que integram seu arquivo pessoal. A análise dos documentos permitiu examinar o processo de produção e circulação de seus livros, entendendo que, além de autor, constituiu-se em editor, divulgador e distribuidor dos mesmos. Os significados e atribuições de sentidos dados por ele em suas obras resultam num processo de conhecimento tecido nas esferas cotidianas, a partir das pesquisas e dos contatos com as pessoas que participavam de suas atividades enquanto escritor e jornalista, e pressupõem um poder que exercita na medida em que trazem em seu bojo, os discursos que orientam as significações dos textos produzidos e transformados em livros. Antonio Castillo Gómez (2003) considera o livro enquanto uma produção cultural, por aquilo que pretende enunciar e que de fato representa para quem lê: *“Cada producción cultural, um cuadro o um libro, enuncia también una determinada imagem de aquello que representa, la cual se constituye em la medida que existe um sujeto receptor de la misma, ya sea el espectador de um cuadro o el lector de um texto cualquiera”* (p.113).

Por isso, o trabalho originou um outro estudo,¹³ no qual analisei os elementos intermediários que compõem suas obras: capas, prefácios e dedicatórias impressas. As capas sugerem sentidos prévios à leitura dos textos e apresentam uma certa intenção em deixar inscrita a sua forma de pesquisar, correspondendo à significação das obras. Os prefácios, além dos outros textos que compuseram suas obras, evidenciam a sua importância para a sociedade macaense e deixam claras as intenções do autor em fazer, com sutileza, convites à leitura. As dedicatórias impressas, em sua maioria, são dirigidas às pessoas que marcaram a sua trajetória pessoal. Neste sentido, pode-se afirmar que ser macaense motivava Antonio Alvarez Parada para a atividade da escrita. Escrita esta que o condecora como um importante intelectual na construção e preservação da memória e da identidade da cidade.

Ao trabalhar com as obras, dediquei um trabalho a analisar seu último livro, destinado às crianças,¹⁴ *Meu nome, crianças, é Macaé*, publicado em 1983. No impresso, o

¹²FROSSARD, Larissa. DO ESCRITOR AO LEITOR: bastidores de produção e circulação de livros. In: I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. São Paulo: EDUSP, 2004. p.76 – 77.

¹³FROSSARD, Larissa. CAPAS, PREFÁCIOS E DEDICATÓRIAS IMPRESSAS: cerimônias de apropriação das obras de Antonio Alvarez Parada. In: 15º Congresso de Leitura do Brasil, 2005, Campinas. Caderno de Resumos. Campinas: ALB / Faculdade de Educação UNICAMP, 2005. v.1. p.133 – 134.

¹⁴FROSSARD, Larissa. A CIDADE CONTA SUA HISTÓRIA: um educador escrevendo para o público infantil. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Perspectivas e Desafios da Pesquisa e do Ensino de

autor escreve sobre a evolução de Macaé, do século XVII ao final do século XX, de forma quase sempre linear e cronológica, apresentando às crianças muitas das mudanças pelas quais a cidade passou. A falta de material didático da história de Macaé destinado ao público infantil fez com que o autor aceitasse o convite da Petrobrás para produzi-lo. A empresa reconheceu nele a competência para executar esta tarefa. A construção das crônicas, apesar do esforço em torná-las acessíveis às crianças, em alguns momentos traz elementos que dificultam a interpretação, apresentando conflitos, do próprio autor, com a escrita da narrativa. Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1988) ao analisarem os prefácios de algumas obras de autores consagrados como Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Francisca Júlia, destinadas ao público infantil, esclarecem sobre as dificuldades que os autores tiveram em tornar o texto acessível à inteligência infantil, demonstrando a preocupação com a correção do estilo e a natureza da linguagem. Isso demonstra que escrever para crianças não é uma tarefa simples e com ele, não foi diferente.

Quando trabalhei com as fotografias presentes neste arquivo pessoal escrevi outra comunicação,¹⁵ com o objetivo de utilizar a fotografia como fonte, enquanto possibilidade na composição de um conhecimento sobre o passado, que se refere à parte de sua trajetória. Para tanto, levou-se em conta que a *“fotografia, como todas as linguagens, não se esgota na ação do fotógrafo, ela estabelece um diálogo com o leitor que faz a sua leitura sobre aquilo que vê”* (CIAVATTA, 2002, p. 48). Susan Sontag (2004), por sua vez, nos alerta: *“fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia”* (p. 33). Na análise das fotografias escolhidas, os relatos orais da esposa auxiliaram na identificação de pessoas, de espaços e de tempos, já que nem todas as imagens possuíam legendas.

Fazer reflexões sobre álbuns de retratos permitiu ampliar o conhecimento sobre a dimensão histórica da fotografia e suas possibilidades de análises. Neste sentido, tomou-se os álbuns como veículos que armazenam imagens que guardam uma relação com o contexto histórico que as produziram. São coleções de imagens que levam em conta, na sua maioria, um ritual de organização cronológica e do destaque dos eventos que as pessoas participaram, envolvendo-os como objetos que devem ser cuidados, cultivados e conservados.

História da Educação. Programação e Resumos. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2006, v.1, p.218.

¹⁵FROSSARD, Larissa. ÁLBUNS DE RETRATOS: fragmentos do tempo que narram detalhes de uma trajetória. In: III Seminário Internacional As Redes de Conhecimentos e a Tecnologia: professores/professoras: textos, imagens e sons. Rio de Janeiro: Laboratório de Educação e Imagem / PROPED - Faculdade de Educação (UERJ), 2005, pp. 18-18.

Todos estes trabalhos foram fundamentais para que eu delimitasse os caminhos que norteariam o desenvolvimento desta dissertação. Paralelamente a eles, me debrucei em *Baú de Memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto* (2002), de Ana Chrystina Venancio Mignot, onde a pesquisadora, a partir do arquivo pessoal desta signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, traçou sua trajetória. Entender este percurso metodológico foi fundamental para o estabelecimento das questões da minha pesquisa, as quais emergiram da leitura desta obra: Porque Antonio Alvarez Parada constituiu um arquivo? Como vou ler estes documentos? Que imagem gostaria de legar para a posteridade?

O interesse por arquivos pessoais é recente e sinalizam a revalorização do indivíduo na história. Christophe Prochansson (1998), em estudo sobre a renovação das práticas historiográficas, afirma que a “*crise da história social labrossiana abriu espaço para modelos de análise em que os indivíduos desempenham um papel importante*” (p.113). Voltando a dar vida aos documentos pessoais, as análises buscam examinar os vestígios deixados pelos indivíduos em seus arquivos pessoais, como forma de utilizá-los como fontes de pesquisas que necessariamente possuem suas peculiaridades e, por isso, exigem posturas metodológicas específicas. Arquivamos nossa vida com determinada intenção, não é uma prática neutra. Guardamos o que sobreviverá ao tempo e a morte. Organizamos o que servirá de registro para traçar nossa história. Como aponta Philippe Artières (1998), arquivar a própria vida é uma maneira de publicar a própria vida.

Nas conversas informais que fui estabelecendo com as pessoas que conheceram Antonio Alvarez Parada, principalmente seus ex-alunos, fui compreendendo aspectos que me faziam ver que o arquivo deste educador, merecia ser objeto de pesquisa. As entrevistas realizadas com Jorge Luiz Saraiva e Fernando Cláudio Frossard Rangel, ambos ex-alunos, foram essenciais para seguir as pistas e compreender muitos documentos encontrados no arquivo pessoal que se relacionam diretamente com suas atividades como professor e produtor de materiais da disciplina que lecionava – Química.

Apesar da abundância de documentos presentes no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada, em muitos momentos foi necessário buscar a significação dos mesmos no entrecruzamento com documentos depositados em outros arquivos. Assim, para melhor compreender tanto a história da imprensa macaense como a participação dele na mesma, recorri à Biblioteca Pública Municipal Dr. Télió Barreto, onde inventariei todos os números de *O Debate*, desde a fundação deste jornal até dois anos da morte de Tonito. Outros jornais foram consultados, como exemplares do *Jornal da Cidade* e *O Rebate*, recentemente doados

ao Centro de Memória Antonio Alvarez Parada por Luiz Ernesto Olive Carneiro da Silva, fundador do primeiro.

Além dos jornais, no Centro de Memória tive acesso a alguns documentos que não haviam sido guardados em seu arquivo pessoal e que também ajudaram a melhor compreender sua participação na vida cultural da cidade. Nesta instituição de guarda também pude localizar importantes obras de referência escritas por historiadores macaenses que subsidiavam a produção intelectual de Antonio Alvarez Parada.

Ao longo das conversas que desenvolvia com a viúva, fui cautelosamente apresentando a ela o meu desejo. Via em seus olhos o prazer em narrar as histórias de seu marido. Parecia estar vivo, ali, ao nosso lado. Ou que, a qualquer momento entraria pela porta da sala. Tristeza profunda em não tê-lo conhecido. Esbarrei poucas vezes nos corredores do Colégio Estadual Luiz Reid, onde eu estudava e ele era professor.

Ao mergulhar nos documentos do arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada, fui tomando contato com uma literatura produzida sobre a escrita de si. Na leitura dos trabalhos que compõem a publicação de *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica* (2000), fui me dando conta da importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa: diários, cartas, agendas, memórias, enfim, uma documentação produzida por indivíduos diversos, que possibilitam análises produtivas na construção de percursos de vidas.

Segundo o dicionário,¹⁶ biografia é a “*descrição ou história da vida de uma pessoa*”. E porque se escolhe biografar pessoas? Biografa-se para descrever a história de alguém, para interpretá-la, para reconstituí-la, para revivê-la. Muitas vezes as intenções de escrever sobre alguém são diversas: exaltar, criticar, apologizar, dessacralizar, destruir. Contar uma vida, como diz o senso comum, é descrevê-la, entendendo-a como um conjunto de fatos que asseguram a origem, o desenvolvimento e o fim de uma vida, em uma sucessão cronológica.

Diferentemente desta perspectiva e relacionando as reflexões sobre biografia e história, me detive no estudo de Sabina Loriga (1998) onde afirma que a “*fronteira que separa a biografia da história sempre foi bastante imprecisa*” (p.225) e coloca que, recentemente, o indivíduo voltou a ocupar um lugar de destaque no centro das preocupações dos historiadores. Neste momento, não pretendemos retomar um debate sobre as questões do fazer biográfico,¹⁷ mas especificamente situar a biografia no papel que ela ocupa como instrumento e produção da pesquisa histórica, já que se refere à questões metodológicas:

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao “cotidiano”, a “subjetividades outras”; por exemplo, a

¹⁶ Aurélio Buarque de Holanda.

¹⁷ Sobre os predecessores antigos da biografia, ver LORIGA (1998).

história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico (LORIGA, 1998, p. 225).

Outra autora que coloca o destaque no país, nos últimos dez anos, nas publicações de caráter biográfico e autobiográfico, é Ângela de Castro Gomes (2004). Ao apresentar o volume, desenha como este tipo de produção vem ganhando espaço no trabalho dos historiadores e destaca a importância dos investimentos e cuidados teórico-metodológicos: *“Uma delas retoma o ponto da ‘ilusão biográfica’, isto é, da crítica que destaca a ingenuidade de se supor a existência de ‘um eu’ coerente e contínuo, que se revelaria nesse tipo de escrita, exatamente pelo efeito de verdade que ela é capaz de produzir”* (GOMES, 2004, p.15).

A referência diz respeito ao estudo de Pierre Bourdieu (2002) que levanta problemas e questões acerca das biografias e histórias de vida e propõe uma nova perspectiva interpretativa:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, com o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (p.185).

Para tanto, ele propõe a possibilidade de entender a vida de uma pessoa através *“da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”* (BOURDIEU, 2002, p. 189). É preciso tentar compreender a vida como história em relação ao espaço social no qual os acontecimentos constitutivos se deram, isto é, *“os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social”* (op. cit. p. 190), mais precisamente nos estados sucessivos da estrutura do campo que está sendo considerado. É neste sentido que pretendemos compreender a trajetória de Antonio Alvarez Parada, interrogando o arquivo a partir da perspectiva histórica, levando em conta as contradições e tensões que ele enfrentou ao transitar nas diversas esferas sociais.

Ao analisar as estratégias de preservação da memória presentes na constituição de seu arquivo, foi possível construir a trajetória deste professor, escritor e historiador macaense. Que memória Antonio Alvarez Parada construiu sobre si mesmo? Ao produzir textos sobre a História de Macaé e deixar registrados seus pontos de vista, que memória pretendeu compor sobre sua cidade? Ele teve, em vida, o mesmo reconhecimento de depois de morto? Que memória a cidade construiu sobre ele? Estas foram algumas questões que nortearam o estudo, que foi dividido em três capítulos.

No primeiro, examino como o titular, ao constituir seu arquivo pessoal, preparou, de certa forma, uma memória de si, apresentando o local que se tornou um lugar de memória: o gabinete. Nos diversos documentos do seu acervo, entrecruzados com muitos outros, faço uma leitura da sua trajetória, identificando seus espaços de formação e de atuação profissional, apresentando características relacionadas às suas práticas de professor, escritor e historiador. O *curriculum vitae*, por ele organizado, foi o fio condutor deste capítulo, o que permitiu responder, de certa forma a uma questão: Como ele gostaria de ser lembrado?

No segundo capítulo analiso sua produção intelectual que, na interlocução com registros diversos - inclusive cartas, permitiu examinar suas atividades de pesquisa, suas fontes e os meios de divulgação de seus estudos. Tal análise permitiu traçar parte de sua rede de sociabilidade. Grande parte de sua produção refere-se à história de sua cidade natal e, neste sentido, pretendeu-se entender a memória que Tonito construiu sobre a Macaé e de que forma colaborou para a preservação de sua história.

Finalmente, no terceiro capítulo procuro, a partir do arquivo e em diferentes registros, versões sobre a atuação de Antonio Alvarez Parada, analisando como a cidade construiu a memória sobre ele. Para tanto, as práticas de arquivamento da esposa, a guardiã do arquivo, foram essenciais para entender como se constrói a memória sobre alguém que pensa a sociedade por meio da imprensa, da publicação de livros e da atuação em espaços de produção intelectual. Ao buscar, no mosaico de sua vida, a sua individualidade, procurei considerar também as condições de seu tempo.

Entrar no arquivo de Antonio Alvarez Parada e tentar construir sua lógica de constituição foi uma tarefa desafiante. A presente pesquisa pretende contribuir para os estudos sobre memória e arquivos pessoais e, conseqüentemente para todos que se interessem pela História, História da Educação e, particularmente a História de Macaé.

VtÑ•âÄÉ D

\ÇäxÇätÜ|tÜ t ÑÜ™ÑÜ|t ä|wt

Antonio Alvarez Parada tinha como prática diária acumular papéis; estratégia utilizada por ele para produzir um certo sentido à sua vida: o de arquivá-la. Ao guardar documentos, selecionar, descartar, organizar, classificar, ocupa-se o tempo com os detalhes que são fundamentais e que, por isso, não devem cair no esquecimento. Reunir registros do cotidiano permite fazer um inventário da vida, na medida em que torna possível deixar as marcas da própria história, as particularidades dos caminhos percorridos por um indivíduo. Estas ações acabam por propiciar que se construam arquivos pessoais.

E com que intenção se produz um arquivo? Por que as seleções são feitas? O que se pretende revelar e esconder? Os estudos de Philippe Artières (1998) sobre arquivos pessoais ajudam a compreender que *“o arquivamento do eu não é uma prática neutra; é, muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto”* (p. 31). Este mesmo autor observa ainda que sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor, autorizado ou não. Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Para ele, arquivar a própria vida é, definitivamente, uma maneira de publicar a própria vida; é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. Ao examinar as razões que levam a produção de um arquivo, salienta que esta é uma prática de construção de si mesmo, onde os papéis acumulados testemunham sua própria existência:

Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (ARTIÈRES, 1998, p.31).

No estudo do arquivo pessoal de Armanda Álvaro Alberto, Ana Chrystina Venancio Mignot (2000) conceitua arquivos pessoais como *“extensões do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição e triagem. Arquivar é guardar, mas é também esconder”* (p.124), chamando atenção para atributos que ligam a memória ao esquecimento. O que teria levado então o professor Tonito a selecionar, classificar, recortar e organizar um arquivo? Por que acumulou tantos papéis? O que escolheu registrar?

A escrita caminha ao lado da vida de uma pessoa e Rosa Maria Blasco Martinez (2002) afirma que nunca se conserva a totalidade de documentos produzidos durante esta vida, há sempre seleção: *“Si la escritura camina al lado de la vida del hombre, una parte de esa vida queda em el archivo familiar”* (p. 391). Neste sentido, um arquivo pessoal registra uma forma de acumulação privada que permite perceber um desejo de torná-la pública,

acentuando a “*individualidade do titular, redefinindo seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos*” (VENANCIO, 2003, p. 5).

Neste capítulo, o objetivo é analisar como este indivíduo, ao arrumar, classificar, guardar e descartar documentos constituiu seu arquivo pessoal e, de certa forma, preparou uma memória de si. Tomamos como fio condutor do primeiro capítulo o *curriculum vitae* de Antonio Alvarez Parada, organizado por ele, forma que encontrou para classificar parte dos papéis que acumulou durante sua trajetória.

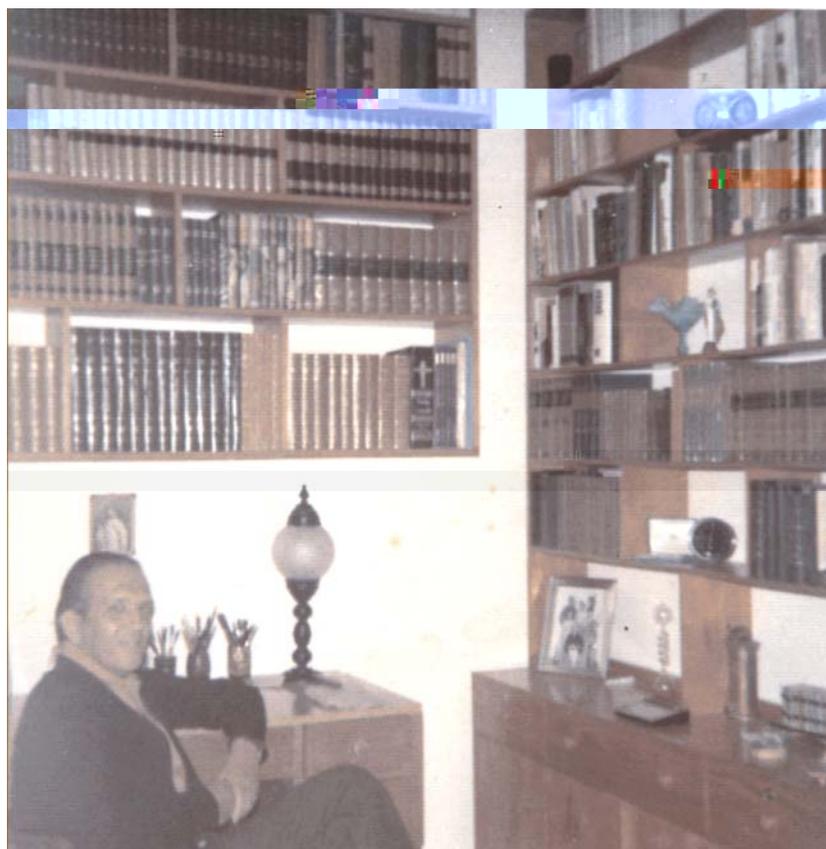
1. 1 - Um lugar de memória: o gabinete

O arquivo de Antonio Alvarez Parada está conservado em seu gabinete, local onde passou grande parte de sua vida. Os documentos que o compõem reúnem informações que possibilitarão compreender as estratégias de produção de memória utilizadas por ele na sua constituição. Roger Chartier (1991) ao analisar como os espaços de leitura que se expressam na arquitetura da casa, aponta que o “*gabinete*” é o local escolhido para o retiro, onde as pessoas estudam e guardam aquilo que possuem de mais valioso: “*local onde as pessoas entesouram ‘o que têm de mais precioso’, livros úteis ou raros, naturalmente, sobretudo a si mesmas*” (p. 139).

Podemos classificá-lo, de acordo com Pierre Nora (1977), como um “*lugar de memória*”, pois apresenta, simultaneamente, três aspectos: material, simbólico e funcional. É material na medida em que seu conteúdo representa concretamente vestígios do passado; funcional porque representa um recorte temporal, cristalizado, que permite a transmissão da lembrança deste tempo; e, fundamentalmente, simbólico, visto que caracteriza a experiência vivida por um indivíduo particular. Este autor complementa a análise sobre os “*lugares de memória*” afirmando que sua razão fundamental é “*parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial*” (p. 22), ou seja, deixar os vestígios que os tornam apaixonantes: “*os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações*” (op. cit. p. 22)

O lugar da escrita de Antonio Alvarez Parada deve ser visto como um espaço que caracteriza sua própria identidade, já que foi o local escolhido por ele para se dedicar à produção, seleção e organização de seus documentos. Ao documentar o lugar da escrita de autores por meio de fotografias e relatos orais, Eder Chiodetto (2002), aponta que nestes lugares há uma extensão da identidade do autor: “*A narrativa é o seu espaço de ação. Na*

arquitetura doméstica do escritório ocultam-se mundos ilimitados. É a partir dali que ampliam-se as fronteiras do imaginário” (p.17).



Tonito em seu gabinete. Sem data. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

O gabinete da casa de Antonio Alvarez Parada, fisicamente, permanece guardando todos os móveis e objetos que o compõem. É pequeno, com uma escrivaninha e uma cadeira onde produzia seus escritos, quatro estantes e uma poltrona. A escrivaninha comporta diversos objetos: porta-retratos, jarro, relógio, calendário, abajur, placas, além de papéis dispersos e pastas que são manuseadas freqüentemente.

Na estante à direita da escrivaninha encontra-se sua máquina de escrever, companheira de escrita, já que datilografava tudo o que produzia: aulas, discursos, crônicas e livros. Podemos dizer que sua máquina de escrever era a maior companheira na produção de seus escritos.¹⁸

Na estante da parede de trás da escrivaninha está sua coleção de jornais do século XIX e XX, com um pequeno aparelho desumificador. Todas as paredes possuem prateleiras fixas que organizam seus livros, álbuns e pastas. Nos espaços vazios das paredes, encontramos aquarelas pintadas por ele mesmo. Apesar de não ser artista plástico, gostava de pintar, de retratar paisagens, principalmente as de Macaé.

¹⁸ Encontramos, curiosamente em seu arquivo, um singelo bilhete à sua esposa da época em que acabara de comprar sua máquina, dedicando-lhe sua primeira batida.

Desde 15 de março de 1986, data de sua morte, o arquivo encontra-se aberto a pesquisadores interessados na coleção do professor. Muitos fizeram e fazem visitas à guardiã do arquivo em busca de documentos que possam estar relacionados às suas atividades de pesquisa. Por esse motivo, os documentos, em sua maioria, encontram-se dispersos ou sem lugar fixo, porque o arquivo é manuseado diariamente por quem dele cuida. Esse fato dificultou a classificação. Por esta razão, minha opção foi, uma vez identificados os documentos, classificá-los de maneira que pudessem estar relacionados ao desenvolvimento das atividades de Antonio Alvarez Parada durante sua trajetória.

O gabinete testemunha a existência de Antonio Alvarez Parada por meio de documentos, livros e objetos deixados por ele, que “*recriam a pessoa no templo da memória*” (ABREU, 1996, p. 67). O arquivo, neste sentido, tornou-se objeto para esta pesquisa que, na interlocução com outros documentos, ajudou a seguir as pistas de questões estabelecidas: O que Tonito pretendeu selecionar para deixar guardado? Por que guardou tantos papéis?

1. 2 - O *curriculum vitae*: forma de colecionar a si mesmo

Uma forma que Antonio Alvarez Parada encontrou de classificar parte dos papéis que acumulou foi organizando o seu *curriculum vitae*: “*O que é um curriculum senão o inventário de nossos arquivos domésticos?*” (ARTIÈRES, 1998, p.13). O currículo, encontrado na pasta com planos de aulas, provas e testes, tem três páginas, datilografadas por ele, com sete itens: “*Dados Pessoais*”, “*Formação Escolar*”, “*Experiência Profissional*”, “*Trabalhos Publicados*”, “*Cursos Ministrados*”, “*Palestras*” e “*Outras Informações*”. Trata-se de uma autobiografia resumida. Cada item nos remete a outros documentos que pretendem apresentar uma certa coerência com a organização e classificação de seus papéis.

Examinando cada detalhe do currículo e, na interlocução com outros documentos, podemos traçar grande parte de sua trajetória pessoal e profissional. Os indícios nos levam a supor que o currículo foi produzido entre 1983 e 1984, já que faz referência à sua última publicação em vida *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983) e não sinaliza sua última conferência no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro - IHGB, realizada em 30 de maio de 1984, onde pronunciou uma palestra sobre o Conselheiro João de Almeida Pereira.¹⁹

¹⁹O Conselheiro Almeida Pereira foi deputado provincial, secretário do Governo e depois presidente da Província do Rio de Janeiro, deputado geral em cinco legislaturas, de 1857 até falecer, tendo sido Ministro do Império no Gabinete Ferraz. A conferência foi pronunciada em 30 de maio de 1984, na sessão comemorativa do centenário de falecimento de João de Almeida Pereira Filho.

Interessante notar que em “*Dados Pessoais*”, onde se tem o nome, a data e local de nascimento, filiação, estado civil e endereço, fica clara a sua intenção em deixar registrada a sua descendência, pois orgulhava-se em ser filho de espanhóis: “*Filiação – Marcial Alvarez Moreiras e Artemia Parada Alvarez, ambos espanhóis, naturais da província de Orense, na Galícia*”. Marcial veio para o Brasil, não se sabe precisamente quando, trabalhar com o cunhado Manuel Guilherme Taboada. Montaram uma casa de material de construção chamada “A Construtora”. Assim que se estabeleceu, voltou à Espanha, em 1924. Casou-se com Artêmia em 18 de março de 1925, viajaram pela Europa e em maio deste mesmo ano, chegaram ao Brasil. Em 27 de dezembro de 1925, domingo, nascia Antonio Alvarez Parada.

Sua certidão de nascimento permanece guardada dentro de um arquivo de metal, em seu gabinete, onde organizou e preservou seus principais documentos pessoais. As divisórias do arquivo são indicadas: “*Imóveis (escrituras, contratos, etc.)*”; “*Contracheques*”; “*Recibos (luz, gás, telefone, etc.)*”; “*Impostos Diversos*”; “*Imposto de Renda*”; “*Professor RJ*”; “*Vida Escolar*”; “*Certidões*”; entre outros. Neste arquivo de metal a certidão de óbito faz parte do conjunto, provavelmente colocada pela viúva.

Apesar de nascido no Brasil, em Macaé, Antonio Alvarez Parada foi registrado nos moldes espanhóis: Antonio²⁰ sem acento, seguido primeiramente pelo sobrenome do pai, Alvarez²¹ e depois o sobrenome materno, Parada. Primogênito, teve mais cinco irmãos:²² Pilar, Cesáreo, Lucita, Hermínia e Annita. Os pais sempre escolhiam os nomes de seus filhos homenageando parentes próximos. Antonio foi uma homenagem a seu avô paterno.

Além do arquivo de metal – que contém certidões, históricos e papéis diversos, outros documentos pessoais fazem parte do seu acervo:

DOCUMENTOS PESSOAIS	
TIPO DE DOCUMENTO	QUANTIDADE
Álbuns de coleções de selos	5
Caderneta	1
Correspondência passiva (cartas, telegramas, cartões e bilhetes)	359
Honrarias: certificados, títulos e diplomas	35
Livro-caixa	1
Objetos tridimensionais: placas, medalhas, canetas e outros	20
Postais	25

Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada

²⁰ Muitas referências a seu nome acentuam o Antonio. Inclusive algumas capas de suas obras trazem o acento. Em algumas de suas assinaturas em fotografias e papéis diversos seu nome também está acentuado. Fizemos a opção de seguir o seu registro civil: Antonio sem acento.

²¹ Em espanhol, o Alvarez pronuncia-se como proparoxítona.

²² Os nomes completos dos irmãos: Maria Maximina Pilar Luz Alvarez Pinto, Cesáreo Alvarez Parada, Luz Artêmia Hermínia Alvarez Campos de Oliveira, Hermínia Alvarez Carneiro da Silva e Annita Alvarez Parada.

Observando este quadro fica claro que, dentre os documentos pessoais, o de maior número refere-se à correspondência passiva, que está organizada em pastas que contém folhas plásticas e respeitam certa ordem cronológica. Um detalhe que chama atenção: porque as cartas escritas pela esposa não estão no gabinete?²³

Na década de 1920, época do nascimento de Antonio Alvarez Parada, Macaé era uma cidade pequena e tranqüila. As atividades econômicas giravam em torno da agricultura:

No limiar do século XX, o Município permanecia predominantemente rural. A economia macaense ainda estava calcada na produção de cana-de-açúcar, principalmente das regiões de Quissamã e Carapebus, na produção cafeeira da região serrana, na atividade pecuarista e na extração do pescado (LOBO JÚNIOR, 1990, p. 39).

O porto era o centro da atividade comercial e foi palco de grandes manifestações portuárias do Brasil no final do Império. Desativado em 1904, conseqüência do surgimento das estradas de ferro, tornou a cidade um porto de passagem do comércio de açúcar e álcool. Algumas atividades de cunho fabril começaram a se desenvolver e garantir o tráfego de trens e barcos no município. No entanto, estas unidades fabris não tiveram muito destaque.

Neste sentido podemos afirmar que, até a chegada da Petrobrás, na década de 1970, a cidade sofre de uma certa estagnação no campo econômico: “A vinda da Petrobrás para Macaé ocorreu com o terminal de apoio sendo construído na área onde foram desativadas as oficinas da Estrada de Ferro Leopoldina e do antigo porto de Imbetiba” (LOBO JÚNIOR, 1990, p. 42).

Salientamos que é um *curriculum* profissional que, apesar de destacar sua principal atividade, de professor, também apresenta outras dimensões de sua trajetória: de historiador e escritor.

1. 2. 1 - A trajetória de formação

A análise da formação escolar do *curriculum vitae* oferece alguns elementos para compormos sua trajetória, pois indica as instituições de ensino pelas quais passou como aluno.

Até os onze anos de idade, Antonio Alvarez Parada morou em Macaé onde fez o curso primário no Colégio São João Batista, da educadora Irene Meirelles. A última crônica do seu primeiro livro, *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), descreve um pouco sobre o primeiro dia na escola, em 1931:

²³ Maria Bernadette tem todas as cartas escritas por ele, desde a primeira, da década de 1940. Em várias ocasiões fez leituras de trechos durante as entrevistas, mas afirma que serão enterradas com ela.

A primeira imagem que guardo foi a que me proporcionou, em 1931, o dia inicial de minha vida escolar. Lembro-me bem. Ao meio-dia, envergando naquele inconfundível uniforme do Colégio São João Batista, calça curta branca e camiseta xadrez azul e branco, em padrões miúdos, lá estava eu, garoto de cinco anos, empurrando o velho portão de ferro da casa antiga da rua Direita.(...) Calouros, ressabiados e sem jeito, fomos entregues aos cuidados de uma colega veterana que nos ajeitou. (...) De minhas especulações oculares fui brutalmente roubado pelo violento badalar de uma sineta e por uma ordem que foi um grito estridente: “– Silêncio!”. Era Dona Anísia. (...) O silêncio fez-se de imediato (...). Dona Anísia abriu a porta que espelhava seus reflexos coloridos (...) e imediatamente ressurgiu o rosto mal aparecendo sôbre o alto espaldar de uma cadeira de rodas onde vinha Dona Irene. (...) Lentamente, a cadeira de rodas foi dirigida para a mesa. (...) Ao comando da voz de Dona Anísia e dois toques sêcos e rápidos da régua sobre a mesa, a garotada perfilou-se e... Ouviram do Ipiranga as margens plácidas (...). Após o hino, o silêncio na sala permitia ouvir moscas se as houvesse. Dona Irene esperou que a irmã se retirasse da sala, levando de volta a cadeira de rodas e fechando a porta colorida. Tirou de um estojo os óculos de aro, colocou-os e com voz pausada, calma e incrivelmente forte e nítida para sua aparência tão frágil, iniciou a chamada: Enio... Hamilton... Hindenburgo... e iniciou a aula. Por seis longos anos, assim foram iniciadas as atividades do dia letivo. Por seis curtos anos, tive a felicidade de ser seu aluno (PARADA, 1958, pp. 202-203).

Ao iniciar esta última crônica do livro, justifica que será a única a tratar de fatos mais recentes, “*de fatos de uma época que poderá chamar-se de ‘hoje’*” (PARADA, 1958, p. 203), já que todas as outras remontam períodos bastante distantes. Nessa ele é um dos personagens e, por isso, foi escrita na primeira pessoa do singular. Exercício de memória que ele mesmo traduz quando constrói a narrativa: “*agora, quando essa época traz como lembrança um travo amargo de saudade*” (op.cit. p.203) e utiliza a escrita para registrar, de forma poética e emocionada, sua vida escolar em Macaé e a importância de Dona Irene para sua formação.

Irene Josephina Meirelles fundou, em 1904, o Colégio São João Batista que se tornou referência em toda a região, sendo berço intelectual de gerações de macaenses. A luta no magistério pela fundação desta escola pode ser observada na trajetória desta educadora, retratada em publicação recente sobre as mulheres macaenses:

A carreira profissional começa aos dezessete anos quando foi nomeada professora da Escola Mista N.º 5, no bairro de Imbetiba. Ali permaneceu até 1899, quando foi afastada por questões políticas. Não se fragilizou e, tomando atitude corajosa, torna pública a intenção de fundar um educandário particular. (...) Adiou este sonho quando o Governo Estadual anulou sua suspensão, reconduzindo-a ao cargo. Em 1903 viu mais uma vez ameaçada a sua vocação, quando o presidente Nilo Peçanha reformula a Instrução Pública criando exigências que impediam Dona Irene de lecionar em estabelecimentos públicos. Outra vez dispensada do cargo, finalmente concretiza seu ideal de autonomia (GAVINHO, 2006, p.120).²⁴

²⁴ Consultar GAVINHO (2006).

Com o bom resultado no exame de admissão, Tonito se mudou para Niterói a fim de cursar o ginásio no Colégio Salesiano Santa Rosa.²⁵ Em um álbum de fotografia constam duas fotos de sua turma, uma com a seguinte legenda: “4º ano, Colégio Salesiano – Niterói, 1940”. Nas imagens estão escritos os nomes dos colegas de turma e de um professor, detalhes que ajudam a contextualizá-las no tempo e no espaço, estratégia utilizada por ele para que não deixasse que os nomes dos companheiros de turma caíssem no esquecimento.



Antonio Alvarez Parada e sua turma do 4º ano do Colégio Salesiano de Niterói em 1940. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

A fotografia era de um dos integrantes da imagem, José Aiex, colega de turma, que lhe ofereceu como recordação: “Ao amigo e colega Antônio Alvarez Parada pelos benefícios prestados, os meus sinceros agradecimentos. Oferece José Aiex”. Esta foi uma prática que, segundo Boris Kossoy (2001) se disseminou no mundo a partir da década de 1860: “o retratado tinha por hábito oferecer seu retrato (com a devida dedicatória, assinatura e data) para alguém, em sinal de ‘amizade’, ‘recordação’, etc” (p. 82). Ana Chrystina Venancio Mignot (2003) também descreve esta prática:

Parece que a troca de fotografias com dedicatórias na própria imagem ou no verso constituiu-se, durante muito tempo, em prática intensa entre familiares e amigos, evidenciando que passou a ser um suporte da escrita privilegiado para comunicar o nascimento de um filho, a primeira comunhão, a formatura, o casamento (p. 28).

A segunda, Tonito oferece a seus pais, irmãos e ao padrinho, porém a foto faz parte do seu álbum de retratos. Observando os versos das duas fotografias, notamos que trazem um

²⁵ Antes de ir para o Salesiano, Antonio Alvarez Parada passou pelo Colégio Aciolli, que posteriormente fechou, o que fez transferir-se para o Salesiano.

detalhe interessante: são dedicadas no ano de 1941, ou seja, algum tempo depois que foram tiradas, já que na frente da imagem está escrito o ano de 1940. Podemos supor que primeiro Tonito recebeu a fotografia com a dedicatória do amigo e esta o inspirou a ter a mesma ação: dedicar também a alguém.

Há ainda uma foto sua, no arquivo, com uma dedicatória à sua mãe. Após o falecimento dela, a mesma retornou a seu álbum. As fotos que são dedicadas a alguém têm uma simbologia especial.

Os caminhos por onde circulam as fotos são traçados por sua doação e contra-doação. As dedicatórias escritas sobre as fotos refazem estes caminhos e localizam doador e receptor. Entre as inúmeras fotos guardadas vemos, vez ou outra, a foto do colecionador com dedicatória a alguém que supostamente foi importante em sua vida. O retorno do retrato ao seu próprio acervo denuncia, muitas vezes, a morte do receptor. Agora, a quem mais interessa a posse da imagem, senão ao seu próprio dono? (BARROS, 1989).

Outras fotografias estão presentes no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada e estão organizadas em álbuns:

ÁLBUNS	NÚMERO DE FOTOGRAFIAS
Álbum 1	37
Álbum 2	37
Álbum 3	102
Álbum de Homenagem – Cidadão Benemérito	28
Álbum da Academia Macaense de Letras (1963 – 1967)	42
Conjunto de 3 álbuns – viagens	95
Conjunto de 4 álbuns – ele e a esposa	108
Envelopes (com fotografias soltas)	46

Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada

Grande parte do acervo fotográfico retrata a história de amor entre ele e sua esposa, desde a primeira fotografia,²⁶ tirada pelo casal enquanto namorados, até os últimos eventos importantes vividos por eles antes de sua morte, em 15 de março de 1986. São trinta e nove anos de registros entre namoro, casamento e bodas, passando pelas viagens pelo Brasil e pela Europa.²⁷ Os álbuns do casal são organizados em ordem cronológica, rodeados de informações, com legendas, datas e locais especificados. Traduzem a tentativa de colecionar o passado: “o álbum surge, assim, atrelado à idéia de coleção, à prática de acumular objetos, revestido de alto valor afetivo e simbólico” (LIMA apud MIGNOT, 2001. p. 77). Percebe-se a intenção romântica de construir e eternizar a história vivida pelos dois.

²⁶ A primeira fotografia foi tirada na Choupana das Rosas, em 1947. Foi reproduzida por ele através de um desenho e colocada uma dedicatória para Detinha, na época, sua namorada. Casaram-se em 05 de março de 1953.

²⁷ A viúva prefere que a vida íntima do casal não seja publicada por considerar esta história sem valor para as pessoas que não conviveram com eles. Temos depoimentos de que Antonio Alvarez Parada escrevia diários de viagem, porém não estão em seu escritório.

Em entrevista publicada,²⁸ Antonio Alvarez Parada narra outros detalhes de sua trajetória de estudante: “*Fiz o complementar misturado com o científico sob reforma de ensino. Entrei na Escola Nacional de Química, cursei um ano e meio. Problema de doença me fez vir para Macaé, estafa, resultante de estudo muito acentuado*” (*O Debate*, 18/03/1986, p. 5).

O Instituto Lafaiete e o Colégio Santo Inácio foram as instituições de ensino pelas quais passou depois do Colégio Salesiano Santa Rosa, até ingressar na Escola Nacional de Química. Os dois históricos escolares estão presentes em seu arquivo de metal, juntamente como uma certidão expedida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Escola de Química, com seu histórico escolar, já que não concluiu o curso. Não serviu ao exército. Consta em seus documentos pessoais o Certificado de Isenção do Serviço Militar. Em fins de 1949, recebeu um convite do professor Miguel Ângelo da Silva Santos para lecionar no Gymnasio Macahense.

1. 2. 2 - Os campos de atuação e as posições ocupadas

Ao registrar as atividades que exerceu em seu *curriculum vitae* Antonio Alvarez Parada possibilitou a identificação de parte de sua história de vida. Entendemos que a vida deste macaense, na sua dimensão individual, está articulada a fenômenos sociais mais amplos e, a partir destas relações, procuramos entender como que sua história perpassou pelo conjunto de posições que ocupou, nos diferentes campos onde atuou.

Partimos da premissa de que narrar esta história não se resume à tarefa de descrever seus acontecimentos sucessivos, que se iniciam com o nascimento, se desenvolvem durante um tempo cronológico e acabam com a morte do sujeito. Esta análise pretende romper com a visão de biografia numa perspectiva linear e cronológica, como uma narrativa de seqüência de acontecimentos que caminham para uma única direção. Para tanto se buscou compreender a vida de Antonio Alvarez Parada a partir da noção de “*trajetória*”, perspectiva posta por Pierre Bourdieu (2002), onde se procura entender o sujeito levando em conta as colocações e deslocamentos no espaço social que está sendo considerado.

Os acontecimentos constitutivos da vida de um indivíduo estão relacionados com os espaços sociais nos quais se deram, incluindo as tensões e contradições que o indivíduo

²⁸ Esta entrevista foi reeditada no dia 18 de março de 1986, três dias após a morte de Tonito. O título desta reedição foi *Há sete anos Tonito concedeu entrevista e contou muitos detalhes de sua vida*. Originalmente, esta entrevista foi publicada no jornal mensal *O Século*, na edição de nº 2.670, em janeiro de 1979, com o título *Tonito é uma Parada*.

enfrentou ao transitar nestes espaços. Ao levar em conta estes aspectos estaremos refletindo sobre sua trajetória e seu projeto, na perspectiva de Gilberto Velho (1994). Este autor desenvolve “*a noção de campo de possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos*” (p. 40) e coloca que o sujeito é aquele que faz projetos, projetos individuais estes que interagem com outros dentro do “*campo de possibilidades*”,

na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória (VELHO, 1994, p.101)

É nessa dialética que os indivíduos se constituem, se fazem e são refeitos, através de seus projetos e trajetórias individuais. Ao analisar os campos de atuação de Tonito, podemos entender seus projetos.

Sua trajetória profissional no campo da educação teve início em 1950, como professor do Gymnasio Macahense e da Escola Profissional Ferroviária 8 -1- SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - Leopoldina. Ministrava aulas de Matemática, Física, Química e Espanhol.²⁹ O Gymnasio Macahense foi extinto em 1956 e seus cursos foram transferidos para as dependências de uma nova escola: a Fundação Educacional Luiz Reid, que mais tarde se tornou Colégio Estadual. No Luiz Reid, Tonito trabalhou como professor até a data de sua morte. No SENAI, além de professor, foi diretor do Centro de Formação Profissional de Macaé, de 1970 a 1976, e, interinamente em 1963.

Algum tempo antes de iniciar sua carreira no magistério, Antonio Alvarez Parada escreveu alguns artigos em jornais, os quais chamava de comentários esportivos. O primeiro que encontramos referência data de 1950, mesmo ano do início de sua atividade como professor. No currículo, em “*Trabalhos Publicados*”, no subtítulo “*Artigos na Imprensa*” ele sinaliza: “*Desde 1953 escreve em jornais*”. Por que não considerou a época em que colaborava esporadicamente? Supomos que só se considerou na imprensa quando teve sua primeira coluna assinada, em 1953, intitulada de “*Pelo Mundo das Letras*”. A partir desta época passou a se dedicar a outras colunas.

Além de crônicas que integravam colunas de sua autoria, escrevia também artigos esporádicos. Sua produção em jornais deu origem à maior parte de suas obras que foram publicadas e outras que ainda aguardam a publicação. Escreveu seis livros durante sua vida e duas obras foram editadas após a sua morte.

²⁹ Era descendente de espanhóis e em conseqüência, deu aulas desta língua.

A análise do conjunto de cartas presente em seu arquivo pessoal e o *curriculum vitae* permite observar que, além de professor e escritor, atuou como membro fundador da Academia Macaense de Letras - AML, da qual foi presidente por duas vezes. Foi membro correspondente do Instituto Campista de Literatura e da Academia Campista de Letras. Proferiu palestras no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, na Academia Macaense de Letras - AML e em entidades como o Rotary Club de Macaé, Lions Clube de Macaé, Prefeitura Municipal de Macaé e colégios da cidade.

O conjunto das posições simultaneamente ocupadas por este indivíduo, socialmente instituído e que agiu em diferentes campos, permitiu-nos examinar a trajetória possível da atividade de Antonio Alvarez Parada enquanto professor, historiador e escritor, refletindo também sobre as motivações que o levaram a organizar seu arquivo pessoal.

1. 2. 2. 1 - Uma singular trajetória no magistério

Grande parte das informações do *curriculum* se refere a sua atuação como professor. Ao registrar sua “*Experiência Profissional*” Antonio Alvarez Parada a dividiu em cinco, identificando os cargos e funções ocupados durante sua trajetória profissional: “*Função atual*”, “*Cargos e/ou funções de magistério já exercidos*”, “*Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento*”, “*Participação em Congressos, Reuniões Técnicas, Científicas, Profissionais, etc.*” e “*Outras Participações*”, nas quais identifica todos os detalhes de cada um. O item “*Cursos Ministrados*” também se refere à sua atividade de professor, pois todos eles foram direcionados a professores e alunos.

Em discurso proferido na Assembléia Legislativa, por ocasião da homenagem como Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro,³⁰ discorreu sobre os aspectos que nortearam sua trajetória pessoal e profissional:

O primeiro amor é a sala de aula. Onde ganhei e ganho a vida. Amando como somente pode ser amado quem nos ama ainda mais. (...) O segundo amor é Macaé. Amor sem freios, sem medidas. Amor de admiração. Amor de filho. Amor de gratidão (...) O terceiro amor, os que me conhecem sabem quem é. Amor primeiro e único. Amor, amor. Não necessito citá-lo. Ele está em mim e isso me basta.

Fazendo uma análise da trilogia amorosa de Tonito, encontramos em primeiro lugar a sala de aula, espaço destinado à sua principal atividade profissional, professor, iniciada em 1950 quando descobriu, ao aceitar um convite do professor Miguel Ângelo para lecionar

³⁰ O discurso foi proferido em 25 de março de 1985 e posteriormente publicado no jornal *O Debate*.

Química e Física, que esta seria a carreira que desejaria seguir. Macaé segue a ordem sendo o motor que faria com que desenvolvesse outras dimensões de sua trajetória: de historiador e escritor. A dedicação à escrita e, conseqüentemente a produção de suas obras é resultado desta admiração pela cidade. Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez, a “Detinha”, completa a trilogia, como “*amor primeiro e único*”, sendo sua companheira durante, aproximadamente, quarenta anos de convivência.

O Gymnasio Macaense, primeiro local de trabalho de Tonito como professor foi fundado em 1923 e, durante muitos anos era o único estabelecimento a manter o curso secundário na cidade. Até então havia o Liceu dos Operários de Imbetiba, que formava mão-de-obra especializada para atender às necessidades da rede ferroviária, com cursos profissionalizantes; o Grupo Escolar Raul Veiga³¹ - primeiro grupo escolar da cidade; e alguns colégios particulares:³²

Até 1946, somente funcionavam os cursos diurnos, sendo oferecido o Ginásial e o Normal, mas a partir de 1947, o Dr. José Pereira Crespo, proprietário do Ginásio, criou o Curso Básico de Comércio, de nível idêntico ao do ginásio e como preparatório do curso de Técnico de Contabilidade, surgido em 1951. Ainda em 1950, foi criado, também a noite, o curso Científico com vistas à preparação daqueles alunos que iriam continuar seus estudos de nível superior, fora da cidade (LOBO JÚNIOR, 1990, p. 49 - 50).

A entrevista que Tonito concedeu, citada anteriormente, permite que examinemos aspectos de sua atividade docente. A criação do curso científico foi a iniciativa que, de certa forma, direcionou-o para o magistério:

Miguel era secretário do antigo Ginásio Macaense, na ocasião, me telefonou dizendo que o Dr. Crespo, diretor do colégio, decidira no ano de 50 iniciar o curso científico em Macaé. O dito 2º grau em Macaé só existia em termos de curso Normal e sabedor dele, Miguel, que eu tinha um ano e meio de Química, me convidou para dar aulas de Química e Física (...) E assim, em março de 1950 eu ingressei no magistério de Macaé, e um mês e pouco depois, eu tinha me achado em termos de vocação, eu jamais tinha pensado na vida em sala de aula (O Debate, 18/03/1986, p. 5).

O Liceu dos Operários, segunda escola na qual Tonito lecionou, foi criado em 1911, e, posteriormente, passou a se chamar Escola Ferroviária 8.1 – SENAI – Leopoldina, mantida pela estrada de ferro da Companhia Leopoldina Railway. Oferecia cursos de marcenaria, caldeiraria, ferraria, ajustagem, tornearia e solda, acrescidos das disciplinas obrigatórias do antigo curso ginásial. No mesmo ano em que iniciou suas atividades docentes no Gymnasio Macahense, em junho, passou a ministrar aulas de Ciências e Matemática neste estabelecimento de ensino:

³¹ Hoje é a Escola Estadual Matias Neto.

³² Existem poucos estudos a respeito da História da Educação de Macaé, o que dificultou um detalhamento maior deste campo.

...um outro amigo veio me avisar que tinha dado uma vaga na escola do SENAI, tinha uma vaga de professor de ciências e matemática porque o Professor Pierre, que dava essas aulas lá, como contratado, tinha sido obrigado pela Rede a desistir ou aceitar o emprego efetivo. Para ele, não interessava emprego efetivo de oito horas porque ele tinha compromisso no colégio, teve que abrir mão. Então, quando chegou em junho eu estava dando aula em dois colégios e sempre melhorou um bocadinho o rendimento, né? (O Debate, 18/03/1986, p. 5).

O Gymnasio Macahense, importante dentro no cenário educacional da cidade, com o aumento dos cursos e, conseqüentemente da demanda, viu-se necessidade de mudança nas dependências:

Um macaense chamado Luiz Lawrie Reid que havia feito fortuna na capital paulista resolveu, por dedicação a Macaé, erguer um prédio amplo e moderno para ofertá-lo ao estado a fim de que fosse instalado um colégio estadual, onde a juventude pudesse fazer seus cursos gratuitamente. A praça Nilo Peçanha – popularmente chamada de Praça de Luz – onde funcionava o antigo gerador de energia elétrica, foi cedida pela municipalidade para a construção do prédio que foi feito por Luiz Reid (LOBO JÚNIOR, 1990, p.50).

Construída a escola nesta praça,³³ o governo do Estado não aceitou o prédio e, por iniciativa da comunidade, foi criada a Fundação Educacional Luiz Reid, constituída e registrada para receber o patrimônio ofertado pelo macaense. Tonito foi um dos fundadores. Em 1956, o Gymnasio Macahense foi extinto e seus cursos foram transferidos para esta fundação. A foto registra o momento da criação da mesma, uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, voltada a empreendimentos educacionais e culturais.



Antonio Alvarez Parada em discurso na Inauguração da Fundação Educacional Luiz Reid em 1956. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

³³ A antiga Praça da Luz marcou, não só a história da cidade, mas também a do país: a morte de Motta Coqueiro, último cidadão a ser enforcado no Brasil. Em uma fotografia Antonio Alvarez Parada está ao lado de Godofredo Tinoco, outro importante macaense que escreveu sobre a cidade. No verso da fotografia, o registro: “Praça da Luz. Enforcamento. Mota Coqueiro. Godofredo Tinoco e Tonito”. Essa mesma fotografia foi publicada numa obra de Godofredo Tinoco (1966).

Posteriormente, o Estado fez um contrato anual com a Fundação para remunerar o corpo docente. Em dezembro de 1961 foi criado o Colégio Estadual Luiz Reid.³⁴ Estas foram as instituições que tiveram Antonio Alvarez Parada como professor.

No original do registro civil do casamento, a indicação da profissão de Tonito: professor ferroviário. Posteriormente, em 1973, requereu outro registro civil do casamento, e, neste, apenas a indicação de ferroviário para a sua profissão. Orgulhava-se em ser ferroviário. Em artigo intitulado “Macaé, a ferroviária”, ele escreveu sobre a importância do núcleo ferroviário da cidade, num tom um tanto saudosista, chamando atenção para o fato de que as transformações ocorridas no espaço urbano, de certa forma, levavam ao esquecimento de questões importantes sobre a identidade do Município:

Perdoem-me se, estando errado, possa fazer do erro uma injustiça. Parece-me porém que o petróleo, arrancado às entranhas do mar foi tornando os macaenses algo desmemoriados. Fazendo-os precocemente surdos aos ecos do apito das locomotivas ou do som do buzo, trazido pela brisa da praia. Restringindo-lhe a visão ao que é, diminuindo-lhes a capacidade de enxergar o que tem sido, na realidade inda é. Fazendo-os respeitar valores modernos fê-los olvidar o suor fecundo do trabalho antigo (PARADA, O Debate, 30/11/1985).

O SENAI teve um papel importante na vida deste professor, que lá, se aposentou como diretor. Apesar de ter trabalhado até o ano de sua morte no Colégio Estadual Luiz Reid, e de sempre demonstrar um carinho muito grande pelas duas unidades de ensino, enalteceu, na entrevista, anteriormente citada, o papel do primeiro estabelecimento de ensino em sua vida:

No meu íntimo aquela escola foi uma lição de vida pra mim, acho que aprendi mais do que ensinei. Aprendi a entender o miúdo e mais do que aprender a entender o miúdo, eu comecei a viver o problema dele e fiz dele o meu problema. Eu tenho essa vaidade de ter achado que passei a ser mais gente depois que entrei naquela escola (...) ela me tornou muito mais humano, a verdade é essa, então isso é o resumo, sou um profissional do ensino, sempre vivi de ensino, não tenho outra renda que não seja de ensino (O Debate, 18/03/1986, p. 5).

No final da década de 1970, esta escola, da qual se orgulhava em trabalhar, foi extinta e parte de seu espaço deu lugar a uma empresa estatal. Tonito julgava esta escola tão importante para a formação das classes populares, e dos “meninos do SENAI”, como ele se referia e, como escrevia nos jornais da época, publicou *Réquiem por uma escola*³⁵, onde torna pública a sua dor de professor, de cidadão brasileiro e de membro da comunidade ferroviária:

Morreu, não. Mataram minha escola. (...) Não foi apenas a minha Escola, o conjunto físico das salas de aula e oficinas de aprendizagem, pátios e quadras

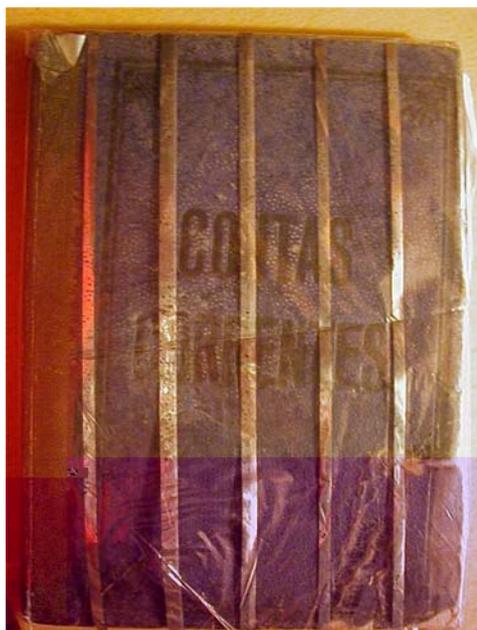
³⁴ O colégio foi criado pelo Decreto Estadual nº 4.985 de 19/12/1961.

³⁵ Crônica escrita em um jornal não identificado. No arquivo está a cópia da crônica sem nenhuma informação que nos auxiliasse na identificação da época em que foi publicada. Sinalizamos a década de 1970 pelos indícios presentes no conteúdo da narrativa.

onde passei profissionalmente vinte e cinco anos, sete meses e 25 dias dos melhores da minha vida. (...) Daqui a dias, os tratores da empresa estatal transformarão seus prédios em terra chã e aplainada. Para depois utilizarem seu solo como fonte de divisas, substituindo a forja de cidadãos úteis e capazes. Para si, para os seus, para Macaé, para a pátria nossa. Afinal, para que escolas se mais repercussão têm os números do P.N.B., boneca querida dos brinquedos tecnocratas? Escolas? Bobagem!...

O réquiem, na liturgia católica, faz parte de uma celebração no ofício dos mortos. Como era católico praticante, possivelmente utilizou esta expressão como parte do título da crônica, já que se tratava do fim de uma escola. Em parte da área do antigo SENAI funciona hoje a Escola Municipal Professor Antonio Alvarez Parada, nome dado em sua homenagem.

Outros documentos guardados em seu arquivo pessoal permitem observar que suas atividades como professor não se resumiram ao contato com alunos em sala de aula. Envolveram também a preparação de apostilas, exercícios e livros. Isso pode ser visto em seu livro-caixa, onde existem os registros manuscritos dos gastos com dois de seus livros, identificadas todas as ações, até a publicação e venda dos mesmos. É um caderno de capa dura, escuro, encapado por ele mesmo com um plástico transparente, com listras grossas prateadas, que ao fundo se lê: CONTAS CORRENTES.



Capa do Livro – Caixa. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Neste livro, as páginas são numeradas, com lugares específicos para as datas, as ações a serem empreendidas, os débitos e os créditos a serem calculados. Curiosamente os registros têm início na página 21, evidenciando uma descontinuidade. Não se sabe se ele arrancou as páginas propositalmente para ocultar algum tipo de informação ou se aproveitou o livro que anteriormente fora utilizado para um outro fim.

A primeira obra de que se tem registro neste livro-caixa e que está diretamente relacionada à sua atividade de professor é *Pesquisa de Anions e Cations* (1968), editado pela Livraria Nobel S/A, A Casa das Apostilas, em São Paulo, única obra do autor que não faz referência à cidade de Macaé. Este livro foi editado por ele, possivelmente para que tivesse um material que atendesse parte de suas necessidades enquanto professor de Química e que, em contrapartida tivesse relação com os assuntos que considerava importantes para o currículo de seus alunos. Portanto, como professor, organizou um livro didático de Química, no final da década de 1960. Um ex-aluno, ao conceder uma entrevista,³⁶ relatou:

Ele era nosso professor de Química. Como não tinha uma obra única que tratasse dos assuntos que ele considerava importante que nós soubéssemos sobre anions e cations... nada o agradava... ele chegou a conclusão que seria mais viável editar um livro onde os alunos tivessem um custo baixo e que atendesse às necessidades dele enquanto professor. Ele fez um apanhado, reuniu os assuntos mais relevantes em relação a este assunto e editou o livro. Ele se preocupava muito em nos preparar bem para os concursos.

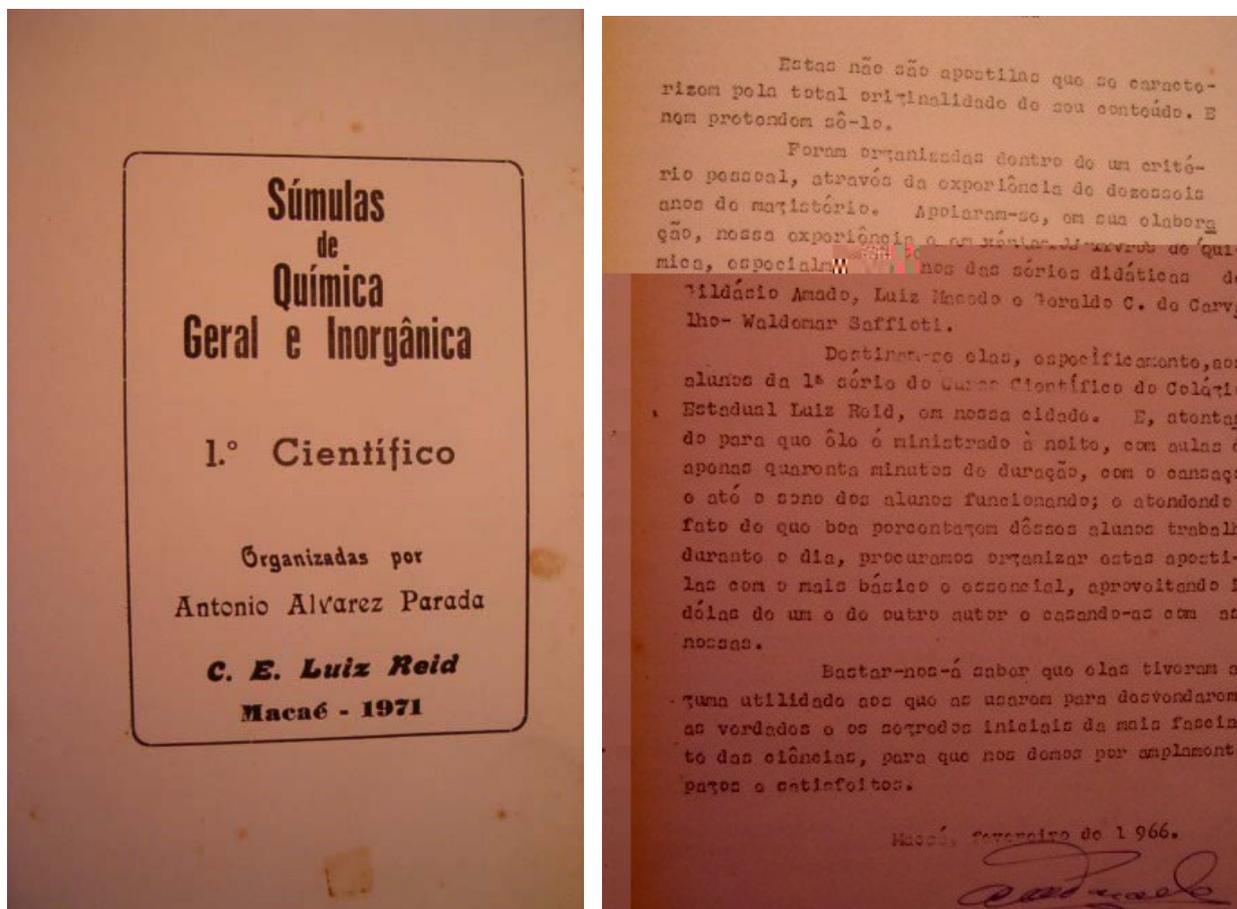
Desta forma, o professor viajou para São Paulo, apreçou a obra, anotou todas as despesas e dividiu o valor pelo número de livros editados, vendendo-os aos alunos. Sem objetivar lucro, a edição foi feita para que se tivesse um material que atendesse as suas necessidades no exercício da docência. Em uma página do livro-caixa têm-se os registros, semestralmente, do que foi recebido dos alunos, em diferentes épocas, evidenciando que, durante nove anos, de 1968 a 1977, ele utilizou este material.

	DEBITO	CR
11.7.68	Recebido - 1º sem. 68	
3.3.69	Idem - 2º semestre 68	
3.7.69	Idem - 1º semestre 69	
4.7.70	Idem - 1º semestre 70	
28.12.70	Idem - 2º semestre 70	
9.7.71	Idem - 1º semestre 71	
9.2.72	Idem - 2º semestre 71	
30.5.72	Idem - 1º semestre 72	
31.12.72	Idem - 2º semestre 72	
30.6.73	Idem - 1º semestre 73	
22.12.73	Idem - 2º semestre 73	
15.7.74	Idem - 1º semestre 74	
02.01.75	Idem - 2º semestre 74	
10.7.75	Idem - 1º semestre 75	
11.12.75	Idem - 2º semestre 75	
01.4.76	Idem - 1º semestre 76	
22.12.77	Idem - 2º semestre 77	

Folha do Livro – Caixa com os registros das vendas dos livros.
Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

³⁶ Fernando Cláudio Frossard Rangel foi aluno do professor Tonito durante o científico, que cursou de 1967 a 1969, época em que o professor escreveu, editou e vendeu este livro. A entrevista foi realizada no dia 16/06/2004.

Vale ressaltar que Tonito anteriormente havia organizado outro material de Química que não foi publicado, mas está encadernado³⁷ e guardado em uma de suas estantes. Apesar da suposta folha de rosto estar datada com o ano de 1971, três anos após a edição do livro, a apresentação, com o título de “Um Esclarecimento”, onde justifica a organização do material, é assinada em fevereiro de 1966:



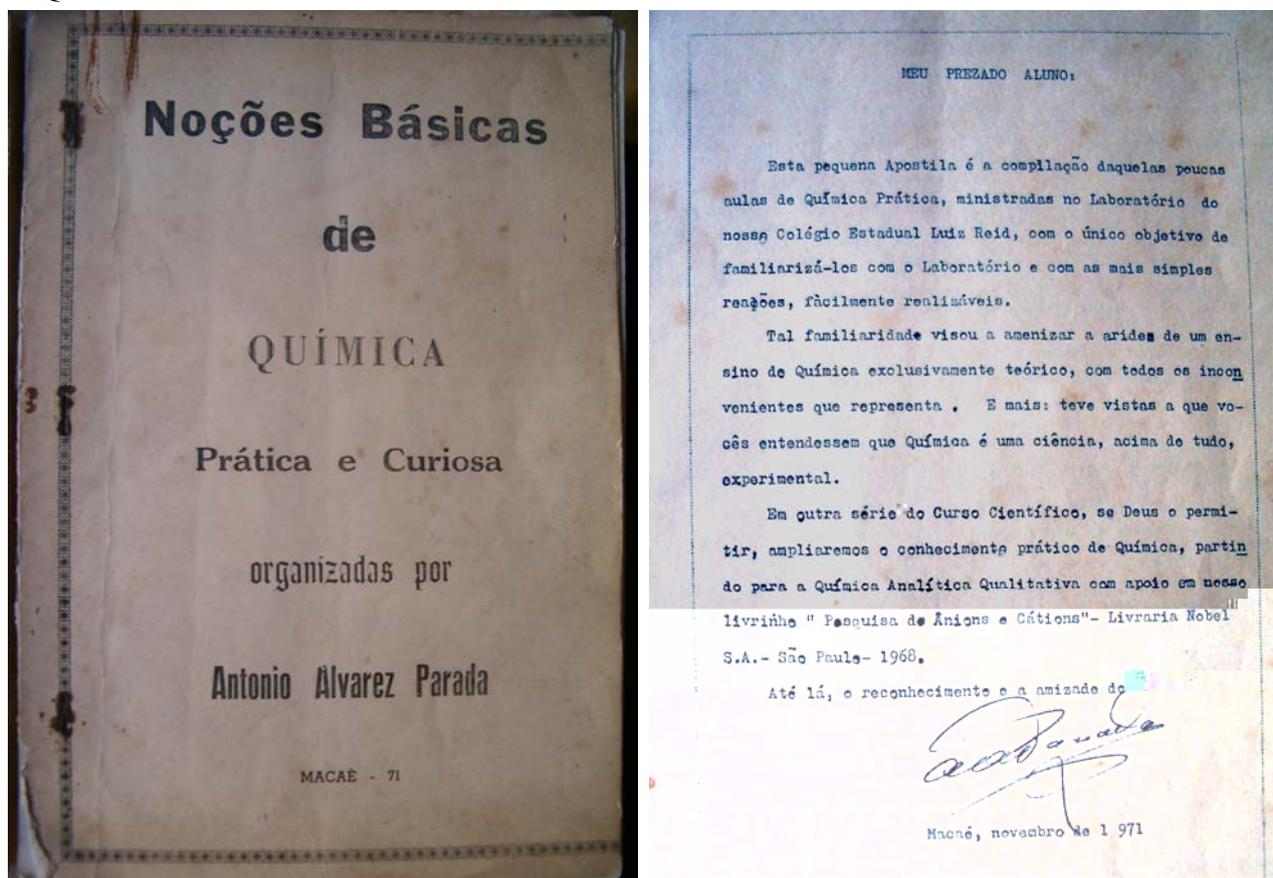
Folha de Rosto e apresentação das Súmulas de Química Geral e Inorgânica. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Nesta apresentação afirma que fez uso de vários livros de Química de séries didáticas, citando os autores e, somada a sua experiência de dezesseis anos no magistério, resolveu agrupar as matérias para facilitar o aprendizado dos alunos do curso noturno, em sua maioria trabalhadores: “*Destinam-se elas, especificamente aos alunos da 1ª série do Curso Científico do Colégio Estadual Luiz Reid, em nossa cidade*” (fevereiro de 1966, p.2).

De fato, em 1971 ele fez uma apostila com o título “Noções Básicas de Química – Prática e Curiosa”, mas esta, direcionada aos alunos que freqüentavam o laboratório de química do Colégio Estadual Luiz Reid. Isso pode ser observado já na apresentação do material que tem como título “MEU PREZADO ALUNO”. Datado em novembro de 1971, esclarece que as atividades ali presentes referem-se às experiências mais simples de serem

³⁷ A encadernação é rosa com pequenos riscos pretos.

realizadas, com o objetivo inicial de fazer com que os alunos se familiarizassem com a disciplina e percebessem que esta ciência não era somente teórica, mas essencialmente prática. No último parágrafo da apresentação do material, faz a propaganda do seu livro de Química:



Capa e apresentação da Apostila. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Outro tipo de documento nos remete às práticas de Tonito como professor: as provas. Em seu arquivo estão algumas cópias das avaliações que organizava. Tinha como rotina aplicar duas provas: uma individual e outra em grupo. Depois que corrigia as provas individuais, organizava a turma em grupos para que fizessem a mesma avaliação, deixando entrever que seu objetivo era que os alunos discutissem e aprendessem uns com os outros, fato que foi indicado por outro ex-aluno:³⁸

Tonito foi “culpado” pelo atraso da minha formação em Direito. Eu era um excelente aluno de Química, o que me fez iniciar o curso superior nesta área. Cursei um ano e depois desisti, fui fazer Direito. Mas me lembro de uma situação muito interessante, uma bronca que ele me deu depois de uma prova em grupo. Eu tinha acertado toda a prova individual, aí ele me colocou num grupo. Não tiramos a nota máxima na prova em grupo. Ele me chamou num canto depois e me perguntou: ‘Mas Jorge, porque vocês erraram a tal questão?’ Eu disse a ele que o grupo não aceitou a minha opinião. E ele me

³⁸ Jorge Luiz Saraiva foi aluno de Tonito de 1971 a 1973, no Colégio Estadual Luiz Reid. A entrevista foi realizada no dia 16/06/2004.

disse: Mas não podia, você tinha de convencê-los, o objetivo era esse. Está precisando melhorar seus argumentos'. No entanto, Tonito só merece elogios, por tudo que foi capaz de incentivar.

Adriana Bacellar³⁹ relatou também sobre atividades práticas aplicadas na sala de aula pelo professor, onde fica evidente a admiração que nutria por ele:

Eu não fiz o Normal, fiz o Científico. E você podia optar por algumas especializações. Optei por Química e o grande professor de Química era Tonito, né? No Luiz Reid tinha um grande e bom laboratório na época. Tinha tudo. Na época eu era uma craque em Química (...). Inclusive ele passava pra gente muita pesquisa de campo. Uma das coisas que eu mais me lembro foi com a fórmula do açúcar. Ele mandou a gente pra usina de Carapebus para analisar desde a retirada da cana até seu processamento, demonstrando, na prática, as fórmulas químicas. A gente ia de trem pra Carapebus. (...) Eu era uma criança. Eu sei que quando vi aquele homem alto, parecia sempre bronzeado, aquele espanholzão, gente, eu não perdia nenhuma aula de Química e eu queria ser a melhor aluna, porque foi uma paixão platônica por Tonito, das mais avassaladoras.

No decorrer da entrevista, ela falou sobre a amizade que se estabeleceu depois, quando foi cursar Jornalismo em Niterói. Apesar da diferença de idade, alguns interesses eram comuns. E se correspondiam frequentemente tratando de coisas genéricas, cotidianas. O professor perguntava muito sobre a rotina acadêmica. É possível que o interesse se devesse ao fato de ser o curso de Jornalismo, já que na prática ele exercia essa atividade, pois escrevia sistematicamente para jornais da cidade e região.

Eu sei que a gente ficou amigo e todo Natal ele me mandava cartões, feitos por ele, assinado por ele e Detinha. Foi assim até ele morrer. A ligação da gente foi essa, amizade de aluno e professor que depois continuou e virou de amigo. Ele ficou muito feliz quando eu fui fazer Jornalismo. Era um curso novo. Porque até então, os jornalistas que atuavam, praticamente ninguém estudava Jornalismo. Ele me deu muita força, queria saber como eram as aulas, a vida acadêmica (...) Dele, hoje, eu tenho só dedicatórias em livros.⁴⁰

1. 2. 2. 2 - O historiador: vasculhar os idos tempos macaenses

Vasculhar documentos antigos, ler, decifrar pistas, observar indícios, cruzar documentos e divulgar a história de Macaé fazia parte do cotidiano de Antônio Alvarez Parada. Os itens do currículo “*Trabalhos Publicados*”, “*Palestras*” e “*Outras Informações*” caracterizam seu interesse pela história de Macaé, já que tudo que produzia embasava-se em pesquisas realizadas sobre a sua cidade.

³⁹ Adriana Bacellar Leite e Santos é jornalista. Foi aluna e amiga de Antonio Alvarez Parada. Entrevista realizada em 25/07/2005.

⁴⁰ Adriana Bacellar se desfez de todos os seus papéis, que incluía as cartas e cartões enviados por Antonio Alvarez Parada.

Não se sabe precisamente quando Antonio Alvarez Parada resolveu fazer pesquisas sobre Macaé. Em conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, sobre o Conselheiro Almeida Pereira, dá pistas de seu interesse sobre as pesquisas de Macaé: “*O tempo foi passando, percorria eu o finzinho da estrada dos 20 anos, quando, bairrismo funcionando, iniciei minha interminável excursão pelos largos caminhos, pelas picadas estreitas e até mesmo pela virgem floresta do passado macaense*”.⁴¹

Os vinte e poucos anos de Antonio Alvarez Parada datam do final da década de 1940, época que ele mesmo indica ser o início de suas pesquisas. Em manchete de primeira página lê-se: “*Historiador recebe indicação do Conselho Estadual de Cultura*”,⁴² na qual faz-se referência à importância que ele tinha para o desenvolvimento das pesquisas sobre a municipalidade e notifica-se que José Cândido de Carvalho, então Presidente do Conselho Estadual de Cultura, sugerira à Secretaria de Estado de Educação e Cultura a aquisição e distribuição do livro *Imagens da Macaé Antiga* (1982), indicação aprovada por unanimidade.

A matéria possui dois subtítulos, “A Pesquisa” e “O Material”, onde se fala, no primeiro, do início da atividade de historiador e das fontes que originaram suas obras:

A história do início das pesquisas sobre a cidade, teve início, segundo nos conta Tonito, como é mais conhecido o professor Parada, numa coluna do então jornalista de “A Semana”, jornal de Santa Maria Madalena, Newton Carlos, hoje repórter da TVS, canal 5, onde se via um calendário que continha um acontecimento histórico da cidade, juntamente com o dia da semana do fato correspondente no atual ano. Isso lá pelos anos de 1949 (O Debate, 17/08/1982, p.3).

Parte da documentação que constitui seu arquivo pessoal foi microfilmada pela Fundação Biblioteca Nacional e, desta maneira, está disponível para pesquisadores: são jornais do século XIX e XX, doados, em sua maioria a ele por Moacyr Santos, e que se tornaram fontes para a escrita de suas obras. No início de *Histórias da Velha Macaé* (1980), Antonio Alvarez Parada inicia a apresentação do trabalho agradecendo a doação:

Minha enorme gratidão a todos aqueles de quem obtive subsídios para a feitura destas páginas. Os quais consubstancio, por dever de justiça, na pessoa de Dr. Moacyr Santos, cuja espontânea e gentil doação de preciosas coleções de jornais macaenses do século passado foi a mais valiosa das fontes de que se hauriu este meu trabalho (p. 9).

Moacyr Santos foi um médico que, ao que tudo indica, também se interessava pela história da cidade, pois recebeu, muitas vezes, Tonito em sua casa para as pesquisas sobre a história de Macaé.⁴³ Além de médico, foi professor no Gymnasio Macahense, lecionando

⁴¹ In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 147 (351): 488 (351), abr./jun., 1986, p. 490.

⁴² Historiador recebe indicação do Conselho Estadual de Cultura. *O Debate*. 17/08/1982, capa e p.3.

⁴³ Em entrevista realizada em 08 de abril de 2005, a viúva falou sobre as visitas que Tonito fazia à casa do médico Moacyr Santos para realizar algumas de suas pesquisas.

Inglês. O projeto do Brasão de Macaé é de sua autoria.⁴⁴ De que forma Moacyr Santos teve acesso as coleções dos jornais do século XIX? Por que ele escolheu Tonito para ser o guardião de sua coleção? Que relações eles mantinham? Existem documentos no escritório que registraram esta relação?

Em um livro de Tonito temos referência a Moacyr Santos quando escreve sobre Hindemburgo Olive de Araújo Carneiro da Silva, ou simplesmente como assinava H. Olive, uma das maiores expressões artísticas macaenses da pintura:

(...) a morte veio colhê-lo prematuramente, quando mal ultrapassara os vinte anos e já obtivera medalha em exposição do Museu Nacional de Belas Artes, na então Capital da República. Discípulo de Takaoka, artista japonês que por aqui residiu, H. Olive deixou muita obra de qualidade, especialmente aquarelas, a maior parte em poder de sua família e do Dr. Moacyr Santos, seu protetor e incentivador, como o é da Escolhinha de Arte, único repositório da pintura, atualmente em Macaé (PARADA, 1963, p. 70 - 71).

Moacyr Santos incentivava a produção de Hindemburgo Olive fornecendo materiais para que pudesse produzir suas pinturas. Em *Cartas a Françoise* (1990), Jorge Picanço Siqueira escreveu sobre a proteção que Moacyr Santos dava aos artistas e dos trabalhos que adquiriu, e descreveu sobre uma obra que possui:

Takaoka foi mestre internacional. Frequentou, no Rio a pensão Mauá, pouso de artistas famosos. Pintou muito em Macaé. Eu mesmo tenho um trabalho – uma aquarela datada de 1937 – em que aparece a oficina da Leopoldina, onde hoje está a Petrobrás. Está emoldurado e coberto com vidro italiano, que não dá reflexo. Quem deu a seu avô, Seu Siqueira, foi Dr. Moacyr Santos. Pudera, papai havia oferecido ao Dr. Moacyr um sopeira inglesa muito bonita (PICANÇO, 1990, p. 60).

Em entrevista, a neta de Moacyr Santos, Adriana Bacellar,⁴⁵ observou que o avô sempre procurava incentivar a produção de artistas. Participava, com frequência, de tudo que dizia respeito à cultura e a Filosofia, como a Academia Macaense de Letras - AML e a Escolinha de Arte de Macaé. Tinha satisfação pessoal em poder ajudar a pessoas interessadas em aprender. Ela lembrou ainda que o médico fazia o que era possível para ajudar os artistas, comprando telas e tintas, coisas que, muitas vezes eram difíceis para os mesmos. Sobre os atendimentos que Dr. Moacyr Santos fazia às famílias, e o recebimento das consultas, fala sobre a atuação do médico:

Vovô foi um dos três primeiros médicos de Macaé. Naquela época uma cidade muito pequena. Vovô nasceu em 1902, então você imagina que a atuação dele foi no final da década de 1920. As pessoas costumavam pagar serviço de médico tanto assim com o que tivessem em casa de produção própria, como bananas, ovos, aquelas coisas né, quanto com algumas coisas que pudessem ter, sabe aquela coisa de orgulho, de médico, “o médico vem na minha casa quando eu preciso”, então eu tenho aqui uma xícara de porcelana que foi do

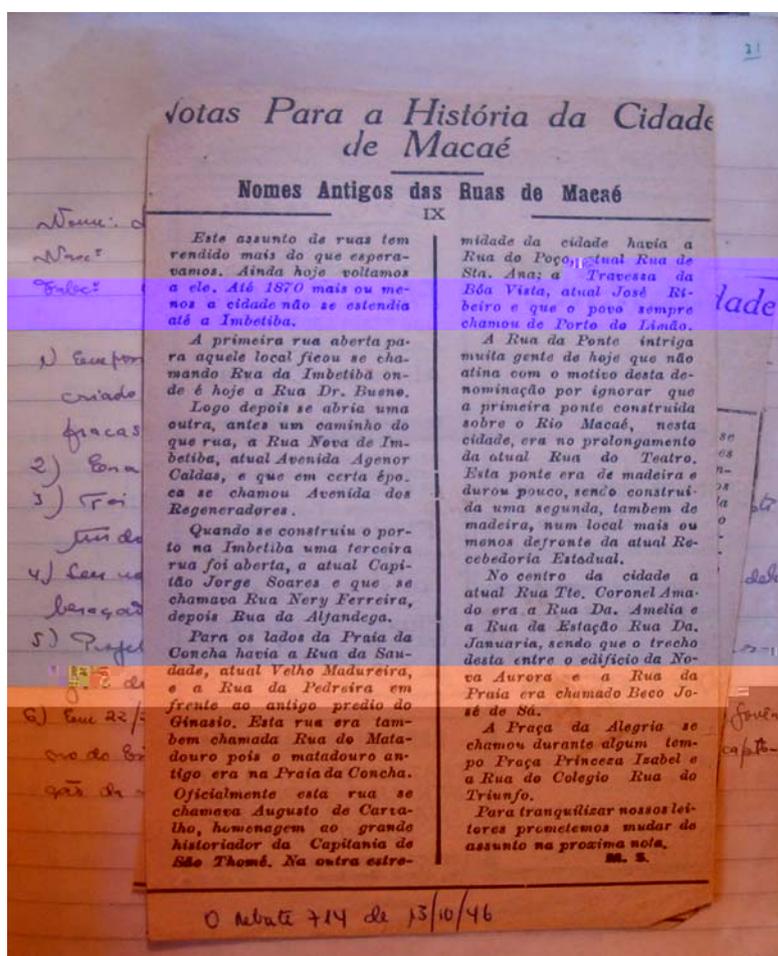
⁴⁴ Brasão de Macaé – Projeto: Moacyr Santos. Desenho: Darwin Silveira Pereira (*O Debate*, 26/07/1986).

⁴⁵ Entrevista realizada em 25/07/2005.

meu pai, presenteava. E foi assim que ele começou a ter esse tipo de, não sei se pode se chamar de coleção, porque não era nada dirigido, nem por interesse específico, mas que ele guardava e papai e tio Roberto têm até hoje. Uma peça de cristal, uma outra isso, um quadro de fulano, um quadro de sicrano.

É possível que, assim como recebia peças antigas como forma de pagamento pelas consultas, pelas visitas do médico à família, tenha recebido também as coleções de jornais do século XIX que, posteriormente, doou a Antonio Alvarez Parada, provavelmente porque via nele a possibilidade de ser um guardião. Percebia o empenho em pesquisar e divulgar a história local. Com ele, Moacyr Santos participava de reuniões que tinham como objetivo conhecer cada vez mais os velhos tempos macaenses. Um espaço dos trabalhos que eram desenvolvidos foi a casa de Cezar Mello, que hoje é o Solar dos Mellos - Museu da Cidade de Macaé. Os três escreviam em jornais da cidade.

Em um caderno onde Tonito organizou as informações de uma de suas colunas dos jornais, encontrei artigos soltos assinados por M. S.. É um caderno de capa de papel azul e sua primeira folha tem um índice com 37 nomes de ruas e avenidas. A partir do índice, na ordem, está registrada uma biografia de cada um deles. Mas quem era M.S.? O recorte do artigo de jornal demonstra que Tonito pesquisava em artigos de Moacyr Santos e este data de 1946. O nome da coluna era “Notas Para a História da Cidade de Macaé”:



Em seu arquivo pessoal é possível identificar outro espaço de sociabilidade dos intelectuais macaenses: a Academia Macaense de Letras – AML, fundada no início da década de 1960. Entendem-se espaços de sociabilidades na mesma perspectiva posta por Giselle Martins Venancio (2003), como canais através dos quais os intelectuais veiculavam suas idéias e estabeleciam suas relações com o conjunto da sociedade. Tonito enxergou nesta instituição a possibilidade de reverter uma certa estagnação cultural da cidade: “*Resta a esperança da melhoria que a recém-fundada Academia Macaense de Letras pode representar, em futuro próximo, para a mocidade estudiosa de hoje*” (1963, p. 75). No final da década de 1970, ao analisar, durante a entrevista já citada, o panorama literário de Macaé, ele o considerava inexpressivo, especialmente quando confrontado com o do passado e, descreve sobre a fundação da AML, da qual também participaram Herivelto do Couto, Silvio Peixoto e Álvaro Bastos, e o fim da Academia:

Acontece o seguinte, é preciso que vocês entendam, hoje, a falecida Academia de Letras. Faleceu através do suicídio normal pois houve um erro na sua formação. A academia foi fundada da seguinte maneira: Um dia algumas pessoas aqui em Macaé receberam uma carta de Godofredo Tinoco, presidente da Academia Campista de Letras, pedindo uma reunião na Nova Aurora. Eu e outras pessoas comparecemos, chegamos lá ele tinha já uma ata pronta elaborada criando a Academia Macaense de Letras, e pedindo a nossa colaboração. No meio do impacto e da surpresa, havia um objetivo de se fazer alguma coisa pela cultura de Macaé e nós embarcamos na canoa (...). A academia tomou um impulso muito grande de saída e morreu de uma doença muito comum: o gigantismo precoce (O Debate, 18/03/86, p. 11).

Ao analisar um prospecto que faz parte da publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Macaé - IHGM⁴⁶ identifica-se a quem Tonito se referia em seu livro-caixa quando colocou o nome M. Ipanema, que indicava a pessoa que estava com um número de exemplares de livros para serem vendidos. Supostamente fazia referência a Marcello de Ipanema, um dos professores que integrava o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, que participou dos eventos onde Tonito proferiu duas palestras, convidado por Pedro Calmon: uma sobre o Barão de Monte de Cedro e outra sobre o Conselheiro João de Almeida Pereira: “*Encantando a todos pela fluência de seu discurso e pelo embasamento de seu texto, TONITO recebeu correspondência do professor Marcello de Ipanema, dizendo: ‘Insisto com você que freqüente nossa casa, para o ingresso oficial’*” (1995).

Muitas cartas presentes em seu arquivo fazem referência às palestras ministradas no IHGB. A escrita epistolar é uma das modalidades da *escrita de si*⁴⁷ e foi uma estratégia constantemente utilizada por Tonito, pois a cada publicação de uma obra, enviava um livro e uma carta a diversas pessoas e instituições, aguardando o comentário dos leitores. Em seu

⁴⁶ Texto escrito por Vilcson Gavinho e Regina Céli Silva, sócios fundadores deste Instituto.

⁴⁷ Michel Foucault (1992).

arquivo, estão muitas cartas que fazem referência às suas obras e às duas conferências ministradas no IHGB. Uma das missivas, enviadas por Marcello de Ipanema, registra o ocorrido:

Parabéns por sua brilhante, erudita, delicada, encantadoramente bem escrita, antológica em uma palavra, conferência sobre o Barão de Monte Cedro. Você foi feliz em tudo. E que excelente dicção tem você! Sua fala assemelhou-se a um volumoso e belo rio que nasceu grande. Todos os que o ouviram foram unânimes em classificar você e seu trabalho como exemplares, dignos dos mais encomiásticos louvores. (...) Agora, lembre-se, venha sempre às quartas-feiras ao Instituto, sua freqüência será seu ingresso. (...) Pela conferência e pelas publicações, renovo agradecimentos. Abraços Fraternos. Marcello de Ipanema. (Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1982).

As cartas são utilizadas, na maioria das vezes, em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, visando a atender a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, informar, solicitar, criticar, entre outros.⁴⁸ Portanto, trata-se de um modo de escrita amplo, apresentando uma diversidade de textos, intenções, suportes e utensílios. Sua materialidade se traduz nas formas com que se apresenta: a letra, o papel, a tinta, o envelope. São importantes canais de comunicação e, durante décadas, foram os mais importantes meios de estreitar as distâncias, das pessoas se fazerem presentes. De acordo com Élide Mattos Vaz (1998), “*as cartas constituem importante canal de comunicação, amplamente utilizado há centenas de anos, em diferentes pontos do mundo. Por muito tempo, representam o único meio disponível para estreitar distâncias, diminuir saudades e de as pessoas se fazerem presentes*” (p. 12).

1. 2. 2. 3 - Como escritor, um autor localista

No seu *curriculum vitae*, em “*Trabalhos Publicados*”, além de apresentar suas atividades como historiador, também apresenta toda a sua produção intelectual, como escritor e jornalista. Dividido em três partes, é assim caracterizado: “*Livros*”, “*Opúsculos*” e “*Artigos na Imprensa*”.

Interessante evidenciar que o currículo não cita um fato ocorrido em 1963. Na ocasião das comemorações do Sesquicentenário de Macaé, Antonio Alvarez Parada fez parte da comissão de organização dos festejos.

Escreveu uma poesia sobre a cidade.⁴⁹ Os versos foram musicados por Lucas Vieira, pianista e compositor macaense, para ser o Hino do Sesquicentenário de Macaé. O sucesso fez com que, mudando apenas um verso - o último da segunda estrofe, o hino passasse a ser o Hino Oficial do Município:

<p style="text-align: center;">HINO DO SESQUICENTENÁRIO DE MACAÉ</p> <p style="text-align: center;"><i>Música de LUCAS VIEIRA Letra de ANTÔNIO A. PARADA</i></p>	<p style="text-align: center;">HINO DE MACAÉ</p> <p>Letra de Antonio Alvarez Parada Música de Lucas Vieira</p> <p>Onde o mar beija a areia morena, Onde o rio se encontra com o mar, Onde o sol banha a terra serena, Tu estás, Macaé, a sonhar.</p> <p>Macaé, nossa voz é a história, A cantar teus encantos, teus céus, Tua gente, teus anos de glória, Um passado de tantos troféus.</p> <p>Longe o Frade teus campos domina, A espalhar-se planície sem par No horizonte o farol ilumina Os caminhos dos homens do mar.</p> <p>Macaé, minha terra querida, Que os anos te fazem crescer, Para nós tu és terra onde a vida Fica sempre em constante nascer.</p>
<p>Onde o mar beija a areia morena, Onde o rio se encontra com o mar, Onde o sol banha a terra serena, Tu estás, Macaé, a sonhar.</p> <p>Macaé, nossa voz é a história A cantar teus encantos, teus céus Tua gente, teus anos de glória Que são cento e cinquenta troféus.</p> <p>Longe, o frade teus campos domina, A espalhar-se planície sem par. No horizonte, o farol ilumina Os caminhos dos homens do mar.</p> <p>Macaé, minha terra querida, Se os anos te fazem crescer Para nós tu és terra onde a vida Fica sempre em constante nascer.</p>	

Cartão do lançamento do hino, em 1963. Ao lado, a letra do hino que hoje é cantado.
Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

⁴⁹ Única poesia escrita em sua vida, segundo o relato de Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez. No entanto, encontramos uma outra poesia na *Revista Nova Aurora*, com o título “Louvação a uma Velha Senhora”, assinada por Antonio Alvarez Parada.

Isto também demonstra que ele não só recolhia, classificava e guardava papéis, mas também escrevia muito. Seus livros são resultado de suas experiências e de suas pesquisas. Enquanto narra sobre pessoas, fatos e eventos, estabelece o que tem e o que não tem estatuto de realidade. Os livros deste autor são: *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), *ABC de Macaé* (1963), *Pesquisa de Anions e Cations*⁵⁰ (1968), *Histórias da Velha Macaé* (1980), *Imagem da Macaé Antiga* (1982) e *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983). Dois livros foram editados após a sua morte: *Histórias Curtas e Antigas de Macaé* (1995), onde estão reunidas mil crônicas, em dois volumes, textos originalmente publicados no Jornal *O Debate*, no período de 1978 a 1985, com apoio cultural da Petrobrás; e *Cartas da Província*⁵¹ (2006), realização da Prefeitura Municipal de Macaé, por meio da Secretaria Municipal de Acervo e Patrimônio Histórico.

Uma parte de sua obra foi financiada por ele mesmo. Morando em Macaé, uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, na época com poucas possibilidades de acesso ao mundo editorial, provavelmente teve muitas dificuldades para fazer com que seus livros chegassem aos leitores. Suas três primeiras obras não contaram com o apoio financeiro de nenhuma instituição, é o que se observa nas dedicatórias e agradecimentos impressos nos livros. Só a partir da quarta publicação é que se tem referência ao apoio da Prefeitura Municipal de Macaé e da Petróleo Brasileiro S. A., muito tempo depois. Nas primeiras páginas de *Histórias da Velha Macaé* (1980) inicia a apresentação demonstrando este fato: “Vinte e dois anos após a primeira, dezessete depois da segunda, aqui estou com outra obra sobre o passado de minha terra” (p. 9). Estas palavras, de certa forma, justificam uma das dificuldades que ele tinha para publicar o que escrevia: a financeira.

Em seu arquivo ainda estão reunidas outras obras do autor, aguardando publicação: *Calendário Macaense (O Rebate – 1950)*, *Quem é quem nas ruas de Macaé (Jornal da Cidade – 1978 - 1980)*, *Setenta Anos de Poesia em Macaé (1860/1930 – 1979)*, *Palácio dos Urubus – Um breve histórico (Jornal Macaé – 1980)* e *A Sociedade Macaense (1978)*.

Antonio Alvarez Parada tinha por hábito fazer encadernações para que seu material permanecesse organizado e preservado. Todos os exemplares de suas obras têm encadernações especiais e estão nas estantes do gabinete. As quinze revistas da Academia Macaense de Letras - AML, publicadas até 1968, estão encadernadas em dois volumes, com

⁵⁰ Única obra que não faz referência a Macaé. Pesquisa de Anions e Cations: práticas de química. São Paulo: Edição da Livraria Nobel S/A, 1968 (esgotado).

⁵¹ Encontrei esta obra pronta em seu arquivo, datilografada e encadernada. Fiz todo o trabalho de revisão, escrevi o texto de apresentação da obra e a Prefeitura de Macaé realizou o projeto de edição. Para o lançamento do livro, realizado em 25 de janeiro de 2006, organizei uma exposição de fotografias, a partir dos álbuns que fazem parte do Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada e que será enviada para as unidades de ensino de Macaé, como exposição itinerante, para que os alunos conheçam um pouco da trajetória deste importante pesquisador e escritor da cidade, que é autor do hino cantado semanalmente nas escolas.

índice feito por ele. As matérias que escrevia na imprensa, em sua maioria, também tiveram o mesmo tratamento.

Como já anunciamos, ser macaense motivava Tonito para a atividade da escrita. Escrita esta que o consagra como um importante intelectual na construção e preservação da memória de Macaé, já que, além de publicar livros sobre a cidade, atuou como jornalista.

Em uma obra de Godofredo Tinoco (1966), escritor macaense, existe uma fotografia que apresenta três gerações de jornalistas e registra o local onde aconteciam alguns encontros que travavam debates sobre a cidade: o alpendre da entrada da residência dos Mellos, hoje, Museu da Cidade de Macaé - o Solar dos Mellos.⁵² A legenda da fotografia registra: “*Três gerações de jornalistas macaenses:- O velho e saudoso César Melo – repositório da História de Macaé fixado, talvez, na sua última fotografia – tendo, à sua direita, o Professor Antônio Alvarez Parada e, à esquerda, Godofredo Tinoco*” (TINOCO, 1966, p.143).



Três gerações de jornalistas. Fotografia publicada no livro de Godofredo Tinoco (1966, p.143).

Entre os interessados no passado macaense, além de Cezar Mello e Godofredo Tinoco, havia estudos e conversas com Ruben Carneiro de Almeida Pereira, Moacyr Santos, Joaquim de Araújo Santos Moreira, Álvaro Carneiro da Silva, Newton Carlos, entre outros.

⁵² Originalmente o Solar é conhecido, pela sua história, como Chalet dos Mellos.

Newton Carlos, jornalista e comentarista de política internacional, também macaense, foi companheiro de quarto em uma pensão de estudantes no Catete e, durante algum tempo, escreveu nos jornais de Macaé e região. Ao publicar artigo sobre ele, “O Amigável Amigo”, Antonio Alvarez Parada faz referência a duas de suas ações que marcaram para sempre a sua vida:

Algum tempo depois, retornei de vez a Macaé. A retomada de nosso contato surgiu indiretamente, quando recebi, por artes dele, os exemplares de A Semana, de Madalena, onde encontrara espaço para seus primeiros trabalhos impressos. É pena, mas não posso alongar-me. Ao menos, porém, fiquem nestas linhas registradas, dois atos que fiquei devendo a ele. Um, o maior elogio que até hoje alguém me fez, no conteúdo de uma carta. Outro, o fato de o Calendário Madalenense estampado no jornal de Joaquim Laranjeira haver despertado meus brios bairristas e feito com que caísse, de cabeça e coração, no vasculhar dos idos tempos macaenses (PARADA, O Debate, 18/05/1985).

O calendário de Santa Maria Madalena fez com que Tonito iniciasse de fato, suas atividades no campo jornalístico, escrevendo no jornal *O Rebate*, com a coluna *Calendário Macaense*, em 1950. Anteriormente fez alguns ensaios de comentarista esportivo, como por exemplo, a coluna *Vendo, Ouvindo e Falando*. Em 1953, se dedicou a publicar *Pelo Mundo das Letras*, e em 1956 iniciou, no mesmo jornal, a coluna *Coisas e Fatos da História Macaense*. Entre 1960 e 1963, assinou as colunas *A Crônica da Semana*, *Vultos que dão nomes as nossas ruas* e *Macaé em Revista*. Em *O Debate*, escreveu de 1978 a 1985, *Histórias Curtas e Antigas de Macaé*, que totalizaram 1.000 crônicas que deram origem a uma obra póstuma, publicada em dois volumes.

Na crônica de número mil colocou um ponto final na coluna e iniciou a escrita de uma outra, *Uma data, uma fato, um nome*, onde trazia um acontecimento do mesmo dia do jornal, porém do século passado, em anos diversos, e uma pequena biografia de alguém ou o histórico de algum lugar que considerava importante. Ao realizar pesquisa na Biblioteca Pública Municipal Dr. Télió Barreto, encontrei as matérias: 37 no total. Paralelamente a esta coluna, escrevia crônicas semanalmente, que somaram 29, sobre questões do cotidiano. Estas últimas colaborações em *O Debate* foram finalizadas quando se iniciaram os problemas de saúde que, três meses depois, causaram o seu falecimento.

No jornal *O Fluminense*, de Niterói, manteve a coluna *Cartas da Província*,⁵³ no período de 1º de julho de 1977 a 17 de novembro de 1978. São 67 crônicas epistolares, assinadas por Álvaro Antônio, pseudônimo escolhido por Antonio Alvarez Parada para assinar as missivas, dirigidas a um hipotético João – macaense ausente, que receberia, a partir de então, notícias de sua cidade. Na época em que escrevia neste jornal de Niterói,

⁵³FROSSARD, Larissa. Escritos macaenses: à guisa de apresentação. In: PARADA, Antonio Alvarez. *Cartas da Província*. Macaé: Macaé Offshore, 2006.

instalava-se em Macaé a Petrobrás. Por meio das crônicas é possível observar o impacto que as temáticas tinham nas próprias cartas posteriormente escritas por ele, pois enaltecia os assuntos que faziam surgir comentários na cidade. Exemplo disso era a chegada da empresa petrolífera, que volta e meia ele fazia menção nas cartas, convidando o amigo para banhar-se na Praia da Imbetiba, antes que ficasse poluída: *“Acho merecer você uma exposição detalhada do meu ponto de vista a respeito de tal casamento, até porque é possível estar sendo a brincadeira de minhas cartas – venha tomar banho na Imbetiba, antes que acabe – mal entendida e mal interpretada”* (PARADA, *O Fluminense*, 06/01/1978).

Na semana seguinte a crônica publicada retomava o assunto Imbetiba-Petrobrás, onde esclarecia, mais uma vez, sua posição em relação à empresa estatal:

evidenciando as motivações que o levavam ao exercício da escrita e os temas e assuntos que abordava. Os assuntos repercutiam em diferentes localidades, cumprindo a tarefa de registrar e divulgar a história da cidade.

Um episódio que aconteceu na época em que atuava como diretor interino fez com que permanecesse, durante quatorze anos, sem escrever na imprensa macaense. Esse espaço de tempo se referia aos problemas que Tonito enfrentou em 1964, na ocasião do golpe militar, onde, uma das passagens relacionava-se diretamente a prisão de Laerte Ribeiro, representante eleito do SENAI, que fazia parte do Conselho Sindical de Macaé, composto por um representante de cada seção da Estrada de Ferro da Leopoldina. Disse Tonito:

Aí fiquei revoltado com a prisão do Laerte, por achá-la injusta. Escrevi artigo assinado para o jornal 'O Rebate', preocupado com o que poderia acontecer com o Laerte (...) Dizia até, no fim do artigo, que talvez me encontrasse lá com ele, pois se resolvessem deter os componentes do Conselho do ano anterior, dele eu fazia parte. O jornal recusou-se a publicar, uai! Aquilo foi uma revolta de cão pra mim. (...) O que me revoltou no jornal foi que eles poderiam dizer assim: '- Olhe, Tonito, nós não vamos publicar, estamos ao lado da revolução, não queremos nos comprometer com um artigo contra'. Eu entenderia. Agora, virem dizer-me que não publicavam por amor a mim, por quererem defender-me, essa não. Disse-lhes: 'Sou maior de idade, responsável pelos meus atos e não admito tutela de ninguém'. (...) daí em diante, nunca mais escrevi para jornal de Macaé e só estou voltando agora (O Debate, 18/03/1986, p. 8).

Apesar da opção em silenciar-se na imprensa de Macaé, em 1977⁵⁴ escreve “Dona Irene, cem anos” para lembrar aos macaenses daquela que foi sua mestra e de tantos outros macaenses. Cita vários professores importantes em sua formação e enaltece a figura de Irene Meirelles falando do orgulho que tem em ter seu nome registrado em seu documento escolar: “Competente, bondosa, lhana no trato, humilde. E mais ainda o que nenhum deles, sem desdouro algum, foi: arquiteta de almas. Por isso, não pude calar-me e rompo um voluntário silêncio de muitos anos pelos jornais de minha terra. Para falar dela”.

Tonito não foi o único a escrever sobre a história de Macaé. Em *ABC de Macaé* (1963), faz referência a outro macaense importante para a historiografia da cidade: “Macaenses de nascimento foram e são outros escritores (...). Godofredo Tinoco, com longa bagagem literária, entre a qual os belos estudos sobre Benta Pereira e Saldanha da Gama e a obra “Macaé”. E de tantos outros, de que me penitencio pela falta de memória” (p. 74).

Quatro revistas que estão em seu arquivo tiveram a participação de Antonio Alvarez Parada: *Vida Fluminense*⁵⁵ (1958), como colaborador; *Academia*⁵⁶, da qual foi diretor-

⁵⁴ In: *Jornal da Cidade*, 29/04 a 10/05/1977, ano XVII, n. 221, p.3.

⁵⁵ A revista do arquivo está sem algumas páginas e com recortes de matérias, o que nos impediu, inicialmente, de verificar a data de publicação. O arquivo do Centro de Memória Antonio Alvarez Parada possui a revista, que é de nº 14, onde identificamos a data comparando com a publicação de uma revista anterior, a nº. 12, que tem a indicação de 1958, e trata-se de uma revista mensal. Nos dados editoriais a revista é assim caracterizada:

responsável em todas as edições, revista da Academia Macaense de Letras; *Revista Nova Aurora*, Comemorativa do 1º Centenário (julho / 1973), sendo um dos componentes da comissão elaboradora;⁵⁷ e a *Revista do Centenário da Lira dos Conspiradores* (1982), onde foi o coordenador da mesma. Publicou artigos esporádicos em outras revistas.

Na última página da *Revista do Centenário da Lira dos Conspiradores*, Antonio Alvarez Parada agradeceu o convite para coordenar o periódico e sinalizou seu trabalho de pesquisa:

Assim, ao aceitarmos aquele convite, pusemos o melhor de nós na articulação destas páginas. Aqui e ali pedidos a pessoas diversas para escreverem algo, a critério seu, sobre a Lira e seu Centenário. Alguns, a maior parte diga-se, atenderam. Outros não o puderam fazer. Ao lado disso, um certo trabalho no vasculhar dos livros de atas e papelada antiga, afim de colher subsídios sobre o passado da Lira, checando-os com alguns que já possuímos. Depois o problema da obtenção e seleção de fotos ilustrativas dos vários artigos (1982, p. 36).

Vasculhar a “*papelada antiga*”, como ele afirmou em vários escritos, era uma tarefa que fazia parte de seu cotidiano. Tarefa que se concretizava nos escritos que produzia, a partir dos dados que compilava, das respostas que buscava referentes às indagações decorrentes de suas dúvidas de pesquisa. Como aponta Priscila Fraiz (1998), “*a constituição de um arquivo pressupõe o ato da escrita ou que a escrita precede o arquivo*” (p. 69). Tudo que produzia resultava num texto, numa crônica, num registro, numa conferência, numa palestra. Sua intenção era poder divulgar sua produção. A constituição de seu arquivo pessoal aponta para um de seus projetos: deixar registradas suas pesquisas, divulgá-las e colaborar para a construção e preservação da história local e regional.

1.3 - Solidificando a imagem

Durante toda a sua vida Antonio Alvarez Parada se preocupou em guardar os registros de sua trajetória, fato que pode ser observado pela quantidade e diversidade de documentos que compõem o seu arquivo. Nele têm-se registros que cobrem toda a sua vida, desde os álbuns de retratos de quando era bebê, até as últimas crônicas publicadas em jornais da cidade.

MAGAZINE MENSAL, ILUSTRADO, SOCIAL, CIENTÍFICO, HISTÓRICO, ARTÍSTICO E LITERÁRIO. A revista de nº. 14 tem apenas a indicação: MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO. Outra possibilidade de análise foi uma matéria intitulada “Coisas e Gente da Velha Macaé”, no miolo da revista, onde se noticia o lançamento do livro de Antonio Alvarez Parada, que foi em 1958.

⁵⁶ Todos os exemplares da revista, quinze no total, estão encadernados em dois volumes, em uma das estantes do escritório. Recentemente Luiz Ernesto Olive Carneiro da Silva doou seus exemplares para o Centro de Memória Antonio Alvarez Parada.

⁵⁷ Além de Antonio Alvarez Parada, participaram da comissão Álvaro Bastos, Ancyra Gonçalves Pimentel e Lizia Ramos Belmont.

Um arquivo pessoal consiste em um projeto autobiográfico na medida em que o seu titular, ao produzi-lo, segundo Priscila Fraiz (1994), constrói uma expressão individual de si, uma imagem, seu próprio eu. Tudo é selecionando: permanece aquilo que servirá como lembrança, que deve ser recordado, e descarta-se o que deve aquilo que ser deslocado para a região do esquecido. Estas são algumas das estratégias que o indivíduo utiliza para controlar sua própria história.

A dedicação de Antonio Alvarez Parada ao arquivo constituiu-se numa estratégia para produzir sentido à sua vida. De acordo com Renato Janine Ribeiro (1998), o desejo de guardar os próprios documentos atestam “*o anseio de ser, a posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota*” (p. 35). Na lógica de constituição desse arquivo buscou-se produzir e guardar registros que servissem de suporte para revelar sua maneira de constituir-se, solidificando a sua imagem, desenhada como um mosaico, na medida em que apresenta diversas dimensões de sua trajetória: o professor, o historiador, o escritor.

O arquivo acaba por tornar-se uma coleção que serve como monumento às pessoas que se julgam merecedoras de não serem esquecidas. Vera Lucia Andrade (1990) define que memória é “*o lugar que ser vê de lembrança, do que não se deve esquecer*” (p. 495). Para não esquecer, segundo a autora, é preciso anotar, registrar:

A anotação, o escrever, o escrito e, por extensão, o texto aparece-nos assim como uma forma estratégica de preservação, de garantia contra o esquecimento. A memória, por si mesma um relato, uma narração de inscrições múltiplas, de camadas superpostas, faz-se texto (p. 496).

Portanto, a própria constituição de um arquivo registra uma forma de acumulação privada que permite perceber a individualidade do titular que, mergulhado simultaneamente em vários grupos sociais, desenvolve memórias. Memórias fixadas em escritos que permanecem. Antonio Alvarez Parada, ao construir seu arquivo apresentou sua versão para sua própria história. Colocou em ordem os acontecimentos que marcaram a sua vida. Registrou suas escolhas. Deixou o esboço de sua biografia.

Em consequência, os vestígios deixados por ele, colaboram para entender a sua dimensão individual articulada a fenômenos sociais mais amplos: “*os arquivos são criados para ajudar a sociedade a lembrar-se de seu passado, de suas raízes, de sua história, que, por definição combina o público e o pessoal*” (COOK, 1998, p.145). A maior parte dos seus registros escritos refere-se à história da cidade, fato que delimita nosso objetivo do próximo capítulo: entender como Antonio Alvarez Parada colaborou para a construção e preservação da memória e da história de Macaé.

VtÑ•ääÄÉ E
 T ÄxÄ™Ü|t wx âÄ àÄÑÉ Öâx ÑtääÉâMÉá
 wÉ|á ÄtwÉá wÉ ÑÜÉzÜxääÉ

Grande parte dos documentos presentes no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada é relativa à sua terra natal. Sua coleção é resultado do vasto conhecimento que acumulou durante anos de pesquisa e de divulgação dos seus estudos. Os preciosos documentos sobre a história da cidade, cuidadosamente guardados, indicam que Tonito pretendia guardar a memória do que se fez em sua cidade e, assim contribuir para a preservação de sua história. Que memória ele pretendeu construir? Neste capítulo pretende-se, partindo da produção intelectual de Antonio Alvarez Parada, analisar a memória que ele construiu sobre Macaé.

Ao opor os conceitos de memória coletiva e história, Maurice Halbwachs (2004) levanta questionamentos acerca deste tema e aponta que a necessidade de se escrever sobre um determinado período, ou de pessoas, desperta quando o indivíduo percebe que o passado está muito distante, quando já não se tem mais o suporte da memória do grupo que viveu a época, quando fogem as lembranças: *“então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”* (p.85). Ele afirma que a memória de uma sociedade se estende até que os menores grupos que a compõe desapareçam, ou seja, ela se transforma. Neste sentido, pode-se perceber o arquivo enquanto imagem do passado, já que permitirá aos que com ele tiverem contato, rememorar.

O ato de rememorar é uma faculdade humana que possibilita conservar na memória certas informações. Isto é possível graças a um conjunto de funções psíquicas que permite aos indivíduos atualizar conhecimentos ou impressões passadas, ou que se representem como passadas.⁵⁸ Em “A Memória Macaense”,⁵⁹ ao escrever sobre suas atividades relacionadas a pesquisa, Antonio Alvarez Parada justifica à comunidade o porquê delas, *“pela insistência em batucar nesta mesma tecla, pela constância em vasculhar velhos papéis, pela teimosia em sacudir poeira, convidar com bolor e afugentar as traças”*, e autodenomina-se *“depositário, definitivo ou não”*, de inúmeros documentos da História de Macaé. E coloca bem o possível *“não”*, porque quer divulgar à sociedade que possui estes documentos e que estes não lhe pertencem, por serem patrimônio da comunidade, e continua:

É necessário guardar a memória do que se fez em Macaé e a daqueles que a vieram fazendo desde seu nascimento. Uma frase de Oliveira Rocha, por calar-me profundamente, faço minha: “Esquecer a própria história é perder a consciência de si mesmo”. Se na lenta evolução que assinalou o século XX em Macaé, tal perda de consciência já era ameaça constante, mais temível torna-se agora quando das bandas de Imbetiba e de Cabiúnas, com amparo nas profundezas do mar, “um valor mais alto se alevanta” sem raízes mais profundas na terra conquistada e ocupada pelo poder dos cifrões. A nova

⁵⁸ Sobre esta faculdade humana consultar Jacques Le Goff (2003).

⁵⁹ In: *Jornal da Cidade*, 22/07 a 29/07/1980, ano XX, nº 402, p.16.

cidade que está surgindo arrisca-se a, propositalmente ou não, negar e esquecer os que trouxeram Macaé até hoje, sabe Deus a custo de quanto sangue, suor e lágrimas (PARADA, *Jornal da Cidade*, 22/07 a 29/07/1980, p.16).

Em frases que denotam preocupação com relação, principalmente, à instalação da Petrobrás, solicita aos macaenses que colaborem na guarda da memória, para que a comunidade não corra o risco de perder sua identidade, para que não ocorra uma “*amnésia coletiva*”, na perspectiva posta por Jacques Le Goff (2003, p.466). Este era, possivelmente, um dos temores de Antonio Alvarez Parada: que a cidade perdesse sua memória e, portanto, sua identidade.

O progresso e a falta de preparação da cidade para tal, fizeram com que muitos de seus textos demonstrassem suas preocupações com os dois lados do crescimento de Macaé: os benefícios e mazelas decorrentes dele. Sempre que redigia sobre o assunto lembrava da Macaé do passado, analisava as questões do presente e assinalava suas preocupações quanto ao futuro.

Ao examinar o arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada, o objetivo é também de compreender aspectos de seu percurso intelectual, ou seja, buscar vestígios de suas redes de sociabilidade,⁶⁰ ou seja, identificar seus pares, aqueles que foram os seus interlocutores. Identificando os espaços onde Tonito transitava, produzia e difundia suas idéias, bem como suas relações pessoais e profissionais, é possível entender as condições efetivas de elaboração de seus escritos e, conseqüentemente de leitura. Isto porque os arquivos têm o papel de preservar a memória social e a identidade histórica: “*Os arquivos são templos modernos – templos da memória. Como instituições, tanto como coleções, os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadoras merecedoras de serem lembradas*” (COOK, 1998, p.143). O autor observa ainda que os arquivos públicos e pessoais são criados para ajudar a sociedade a lembrar-se de seu passado: “*‘Recordar’, para o indivíduo é, afinal, tanto pessoal quanto social, tanto interno quanto externo, tanto privado quanto público*” (op. cit. p. 144).

Neste sentido, tomamos como fio condutor deste segundo capítulo a produção intelectual de Antonio Alvarez Parada e os registros deixados por ele, presentes em seu arquivo pessoal que, na interlocução com outros documentos nos ajudarão a examinar como foram feitas suas pesquisas, que fontes utilizou e quais os meios encontrados para divulgar suas análises e contribuir para a preservação da memória e da história de Macaé.

⁶⁰ Sobre redes de sociabilidade consultar VENANCIO (2003).

2. 1 - Beber das águas do passado: as fontes de pesquisa

Além de ministrar aulas e de prepará-las para exercer sua função no magistério, Antonio Alvarez Parada dedicava-se em “*vasculhar os idos tempos macaenses*”,⁶¹ atividade de seu cotidiano e que foi ininterrupta, já que escreveu e publicou trabalhos sobre Macaé, principalmente em jornais, até finais de 1985, meses antes de seu falecimento. Mesmo na época em que resolveu silenciar-se na imprensa macaense, deu continuidade na imprensa fluminense e, paralelamente, organizava as obras que posteriormente publicou.

Ao dar início às suas pesquisas buscou, nas referências bibliográficas sobre Macaé e região, as primeiras pistas e informações que aguçaram sua curiosidade e fizeram fortalecer o bairrismo, tomado aqui como ação daquele que pretende defender a sua terra natal.⁶² Este bairrismo foi, na maioria das vezes, a justificativa que Tonito sempre dava quando era indagado sobre o seu interesse no passado de Macaé. Em *Cartas da Província* (2006) dedica uma crônica para escrever sobre os bairrismos macaense e campista:

Coisa curiosa é essa do bairrismo, ao pé da letra e em inicial conceito nada mais sendo que a defesa dos interesses de um bairro ou de uma terra. Mas ao evoluir (ou involuir?) dando ao bairrista, como ensinam os dicionários, a condição de pessoa que, levada por visão estreita, só considera como cidade boa a sua, hostilizando e menosprezando tudo quanto se refere às demais. (PARADA, 2006, p. 70).

Segue a crônica contando sobre uma conversa que teve com uma colega campista, que se pôs em defesa de sua terra natal e acabou por tornar o diálogo muito agradável por conta da disparidade entre o sentimento do bairrista macaense e do campista. Conclusões que Tonito apresenta ao leitor:

O macaense, de modo geral, lamentavelmente é um antibairrista por hereditariedade ou por vocação. Raramente se envaidece do muito bom que temos, como dificilmente deixará de apontar aos outros uma quota, bem menor, do que de ruim exibimos (...) Parece, João que temos vergonha de ser bons, e simples. Já o campista, não. Há momentos em que quase atinge aquela segunda conotação de bairrista, mencionada no princípio desta carta. Sua defesa, e mais, seu louvor à terra goitacá, é arma sempre à cintura contra o menosprezo e a miopia alienígenas. Arauto incondicional das grandezas da terra e da gente campistas, seu bairrismo, fá-lo, muitas vezes, distorcer a realidade. (...) O caso é, João, não saber qual o melhor procedimento. Se o nosso. Se o deles. Como radicalismos nunca foram o meu prato, melhor seria se fôssemos nós, os macaenses, aritmética média das duas posições. (PARADA, 2006, p. 71).

Abraçado ao bairrismo, fez sua primeira visita à Biblioteca Pública Dr. Télió Barreto buscando as informações que já eram de domínio público. Visitava, também com frequência,

⁶¹ In: *O Debate*, 18/03/1986, p. 9. Essa expressão ele utilizou também em outros jornais e em seus livros.

⁶² Segundo o Novo Dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

o Arquivo Público da cidade. Em seu arquivo pessoal, estão presentes algumas obras de História sobre a região. Posteriormente frequentou outros espaços e participou de encontros onde se discutiam temáticas referentes à História de Macaé. Nestas conversas e contatos, foi tendo acesso a documentos que se tornaram, em sua maioria, fontes para suas pesquisas e, muitos deles, anos depois, passaram a fazer parte de seu acervo.

2. 1. 1 – Fontes bibliográficas: obras de referência da história local e regional

A partir do Calendário Madalenense, como já se viu, Antonio Alvarez Parada decidiu adaptar a idéia para o jornal *O Rebate*, de Macaé, dando início, assim, a uma série de pesquisas que giravam em torno da história macaense: “*Procura ali, investiga aqui, um belo dia fui parar na Biblioteca Municipal de Macaé*”.⁶³

Frequêntador assíduo deste espaço, fazia pesquisas em obras de referência da história da região, em especial *A Terra Goytacá: À Luz dos Documentos Inéditos*, de Alberto Lamego. Fonte preciosa, mereceu artigo em 1985⁶⁴ que foi datilografado, mas não encontramos indícios de sua publicação. Trata-se de uma análise onde Tonito se apropria de questões postas por Alberto Lamego em relação à sua terra, Campos dos Goytacazes, e que servem de inspiração para seu texto sobre Macaé:

O grande historiador campista que foi Alberto Lamego, em capítulo de sua obra-prima intitulada “A Terra Goytacá”, relata o esplendor e lamenta a decadência de seus conterrâneos. Em todos esses anos que me dedico a pesquisar o passado da minha amada Macaé, chego a triste conclusão de que o desmantelamento social, atingiu não só a Campos, mas a todo o Estado do Rio de Janeiro. Esta terra em que nasci já não é a mesma. Não sei se por descuido político-administrativo, se por desinteresse de nós macaenses, ou até mesmo se por praga – culpa de Mota Coqueiro? – o fato é que no passado Macaé foi mais reluzente e próspera. Hoje, temos petróleo, aeroporto, novos bairros, muitos hotéis, a cidade cheia de estrangeiros, parece que o tão desejado progresso, com o qual os macaenses do passado tanto sonharam, chegou. E eu fico a me perguntar: Onde os macaenses?

Desenvolve o artigo trazendo fatos e personagens da história, indagando aos seus conterrâneos sobre aspectos importantes da História de Macaé, utilizando em todo o início de parágrafo a palavra “*Onde*”, e terminando sempre com um ponto de interrogação, da mesma

⁶³ In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 147 (351): 488 (351), abr./jun., 1986, p. 490.

⁶⁴ PARADA, Antonio Alvarez. Parafraseando o Mestre Lamego. 15 de março de 1985 (mimeo.). Acervo: Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

forma que fez o seu mestre Alberto Lamego⁶⁵: “*Onde Washington Luiz, Casimiro de Abreu, Benedito Lacerda, Hidenburgo Olive e tantos outros filhos ilustres desta terra que encheram de orgulho o peito de seus irmãos?*” E conclui o pequeno artigo, de três páginas, com um

foi uma forma de perceber-se como escritor, de acumular obras que dessem suporte às suas atividades como editor de revistas, jornalista e historiador, além de inspirarem suas práticas de escrita. Para Roger Chartier (1999) “*a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados*” (p. 77), ou seja, o leitor tem liberdade de significar sua leitura e de escolher sobre o que lê.

Escrever em jornais e revistas, ministrar cursos e palestras e publicar livros foram formas de mostrar-se como escritor para a sociedade e receber dela o reconhecimento do ofício. Enviando obras acompanhadas de cartas, recebendo respostas com opiniões sobre o que escrevia, Antonio Alvarez Parada foi aos poucos, sendo reconhecido pelo seu público leitor.

Em *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), enaltece que as fontes bibliográficas sempre foram muito importantes para o seu trabalho e afirma que as palavras escritas, se não tiverem aspas, são suas. Isso demonstra que tinha o cuidado com a escrita do outro. Na crônica 28, “Os leilões de Macaé”, ele descreve seu ofício:

Em todas as crônicas que enfeixamos neste livro, temos procurado fazer trabalho nosso. Sempre baseados em escritos da época em que passaram os fatos, sempre apoiados em livros de escritores de insuspeita probidade, sempre citando as fontes de referência para a feitura de cada artigo, sempre colocando entre aspas a literal redação de outrem, mesmo assim temos buscado dar aspecto pessoal a cada crônica, redigindo-as com palavras pobres, porém nossas (PARADA, 1958, p. 173).

Este trecho exemplifica outra característica da escrita de Tonito: a utilização da primeira pessoa do plural na construção da narrativa. Grande parte do que produziu manteve esta característica e, acreditava que com isso, conservaria uma certa impessoalidade. Ele afirma isso ao escrever sobre sua primeira professora nesta mesma obra: “*será a única das crônicas a ser escrita na 1ª pessoa do singular, já que as demais deste livro foram feitas, impessoalmente, na primeira do plural*” (PARADA, 1958, p. 201). Importante ressaltar que o uso da primeira pessoa do plural pode indicar a integração de uma comunidade de escrita.

Nas publicações posteriores manteve a escrita na primeira pessoa do plural. É o que se pode observar quando publicou *Histórias da Velha Macaé* (1980) - vinte e dois anos após seu primeiro livro - ao escrever sobre o tráfico de escravos:

Em nenhuma das unidades deste livro sequer pensamos esgotar os assuntos nela focalizados. O que, mais que estúpida vaidade, seria inqualificável estultice. (...) Objetivamos mesmo, somente entreabrir a cortina do espetáculo, esperançosos de alguém, aceitando a motivação, pesquisar detalhes e trazer à ribalta uma encenação o mais completa possível. Embora reconhecendo ter ela, sob qualquer ângulo que se encare, negras, muito negras cores. Para tanto, o Arquivo nacional e tantas obras referentes ao assunto desafiam paciência e disposição de futuros investigadores (PARADA, 1980, p. 45).

Levantada e conhecida a bibliografia de referência sobre a História de Macaé, Tonito foi em busca dos documentos que fizessem com que aprofundasse seus conhecimentos sobre o passado de sua terra. Possivelmente utilizou o prestígio pessoal para ter acesso a muitas das informações, já que era filho de um casal muito respeitado na cidade.

2. 1. 2 – A preciosidade do seu acervo: as fontes primárias

Além dos livros de referência sobre a história de Macaé, tinha acesso a jornais do século XIX e XX. Nos primeiros anos de pesquisa, grande parte dos jornais pertencia a outras pessoas e, anos depois, possivelmente por reconhecerem nele o papel de guardião, passaram a fazer parte do seu acervo. Exemplo disso pode ser observado na sua primeira obra publicada, *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), pois faz a indicação de diversos jornais utilizados como fonte de referência e aponta as pessoas que possibilitaram as consultas para a produção deste livro. Entre eles: Abílio de Souza, Luiz Carneiro da Silva, Moacyr Santos e Rachel Reid.

Outros documentos auxiliavam na elucidação de questões que ele considerava importantes para a história da cidade como, por exemplo, o manuscrito - em forma de diário - de José Carneiro da Silva, o 1º Visconde de Araruama, sempre pesquisado pelo préstimo de Clarisse Carneiro da Silva Caldas. Refere-se a outros arquivos pessoais e públicos consultados como: Arquivo de Álvaro Carneiro da Silva – Quissamã/RJ; Arquivo de Alzira Rosa dos Santos Gavinho⁶⁶ – Macaé/RJ; Arquivo de Pedro Caldas Camargo – Rio de Janeiro/RJ; Arquivo de Godofredo Tinoco – Campos/RJ; Arquivo de Clarice Carneiro da Silva Caldas – Macaé/RJ; Arquivo da Prefeitura de Macaé; Arquivo da Câmara Municipal de Macaé; Arquivo da Igreja Matriz de São João Batista de Macaé; Arquivo da Casa de Caridade de Macaé; entre outros.

Na Collecção D. Rosa Joaquina – Macaé/RJ, segundo Vilcson Gavinho,⁶⁷ existem algumas cartas enviadas por Antonio Alvarez Parada solicitando a permissão para pesquisas no acervo, como esta:

⁶⁶ A citação deste arquivo foi feita de forma imprecisa por Antonio Alvarez Parada, visto que, de fato a Sra. Alzira disponibilizou o arquivo para consulta, porém, nesta época, década de 1980, o arquivo da Família Santos Gavinho pertencia à mãe de Alzira: Rosa Joaquina dos Santos, falecida em 1993. Hoje, este acervo é identificado como Collecção Dona Rosa Joaquina – Macaé/RJ.

⁶⁷ Vilcson Gavinho é neto de Rosa Joaquina dos Santos e ficou com parte de seu acervo como herança. Entrevista realizada em 10 de janeiro de 2006. Este documento faz parte do acervo que está com a tia de Vilcson, Alzira Rosa dos Santos Gavinho.

COLÉGIO LUIZ REID, MACAÉ, OUTUBRO DE 1981.



À DONA ROSA JOAQUINA DOS SANTOS GAVINHO

SENHORA,

MAIS UMA VEZ, VENHO RESPEITOSAMENTE PEDIR A VOSSA SENHORIA LICENÇA PARA EMPREENHAR PESQUISA DE UM GRUPO HISTÓRICO SOBRE NOSSA AMADA MACAÉ, RECONHECENDO O IMENSO VALOR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DESTA LOCALIDADE AO LONGO DOS ÚLTIMOS QUATRO SÉCULOS, QUE É, NO ENTENDER DE DOUTOR PEDRO CALMON, UM DOS MAIS IMPORTANTES ARQUIVOS PRIVADOS DO PAÍS:

DEVO EXPRESSAR A SINCERA DECEPÇÃO POR NÃO SER ATENDIDO EM MINHAS ÚLTIMAS REIVINDICAÇÕES. QUERO ESCLARECER QUE NÃO TENHO QUALQUER INTERESSE ESCUSO E QUE MEU INTUITO MAIOR É, SEMPRE, TRAZER À LUZ DA VERDADE O PASSADO HISTÓRICO DE NOSSO MUNICÍPIO. SEI DO VOSSO DESCONTENTAMENTO COM O CONTEÚDO DE ALGUNS ESCRITOS DE MINHA AUTORIA. QUERO QUE SAIBA QUE MEU POSICIONAMENTO ESTÁ, E SEMPRE ESTEVE, ACIMA DE QUALQUER DISPUTA PARTIDÁRIA, SOCIAL, OU MESMO FAMILIAR.

SIGO O DITO: VOCÊS QUE SÃO NOBRES, DICO BRANCOS, QUE SE ENTENDAM:

SAUDAÇÕES RESPEITOSAS;

ANTONIO ALVAREZ PARADA

OBS.: CASO NÃO SEJA POSSÍVEL PESQUISAR EM VOSSA RESIDÊNCIA PEÇO O AGENDAMENTO DO ENCONTRO NA BIBLIOTECA PÚBLICA OU NESTE EDUCANDÁRIO. SEGUE ANEXA LISTAGEM DE DOCUMENTOS DO MEU INTERESSE.

Primeira folha de uma carta de Antonio Alvarez Parada endereçada a Rosa Joaquina, com data de 1981. Collecção D. Rosa Joaquina.

Esta carta, de 1981, demonstra que não era a primeira vez que escrevia a ela e ainda evidencia que a Dona Rosa Joaquina não havia atendido a pedidos anteriores. O que será que impedia esta relação? Por que o descontentamento como os escritos de Antonio Alvarez Parada?

Apesar das lacunas, a materialidade desta carta nos possibilita assinalar outras características da escrita de Tonito. A utilização de dois carimbos, um no início da carta, redondo, com endereço e nome completo e outro, abaixo da assinatura; formas encontradas por ele de institucionalizar os seus pedidos. O local da escrita deste pedido à Dona Rosa Joaquina foi o colégio onde trabalhava, possivelmente num momento de folga de seus horários.

Curiosa a observação que ele colocou abaixo da assinatura, sugerindo um outro espaço para o encontro que não fosse a residência e colocando em anexo a listagem dos documentos que necessitava.⁶⁸ Que documentos seriam esses? Será que já imaginava que Dona Rosa Joaquina não o receberia? Teria isso acontecido outras vezes? Segundo informações, ela não recebia ninguém para pesquisas em sua residência.⁶⁹ Esta carta exemplifica que a escrita epistolar era uma prática de Tonito também quando desejava pesquisar em arquivos pessoais.

Interessante evidenciar que, durante todos os anos de investigação, desde 1949, até o ano de sua morte, Antonio Alvarez Parada pesquisou em acervos que passaram por gerações diferentes, ou seja, com a morte dos titulares, eram herdados por seus parentes. Para exemplificar, temos o arquivo de Clarice Carneiro da Silva Caldas - Macaé que, após seu falecimento, passou a pertencer a seu neto, o advogado Pedro Caldas Camargo, no Rio de Janeiro.

De fato, as fontes primárias foram sempre citadas como as de maior importância no seu trabalho de investigação: coleções de jornais do século XIX e XX, doadas, em sua maioria, pelo médico Moacyr Santos; manuscritos, como os cadernos de memórias do primeiro Visconde de Araruama; fotografias, pertencentes à família do fotógrafo Luiz Sólton e ao colecionador Joaquim de Araújo Santos Moreira;⁷⁰ Registros Oficiais;⁷¹ além de correspondências e outros documentos que eram associados à história do Município.

Dos jornais que fazem parte de seu acervo, têm-se exemplares do primeiro jornal a ser impresso em Macaé, que foi o *Monitor Macahense*.⁷² Editado na tipografia de Serafim Tavares de Oliveira Nictheroy, seu primeiro exemplar saiu em 1º de julho de 1862. Segundo consta, este jornal obedecia à orientação política do Partido Conservador e se intitulava, como

⁶⁸ Não tive acesso à listagem, apenas me foi enviada a primeira página da carta.

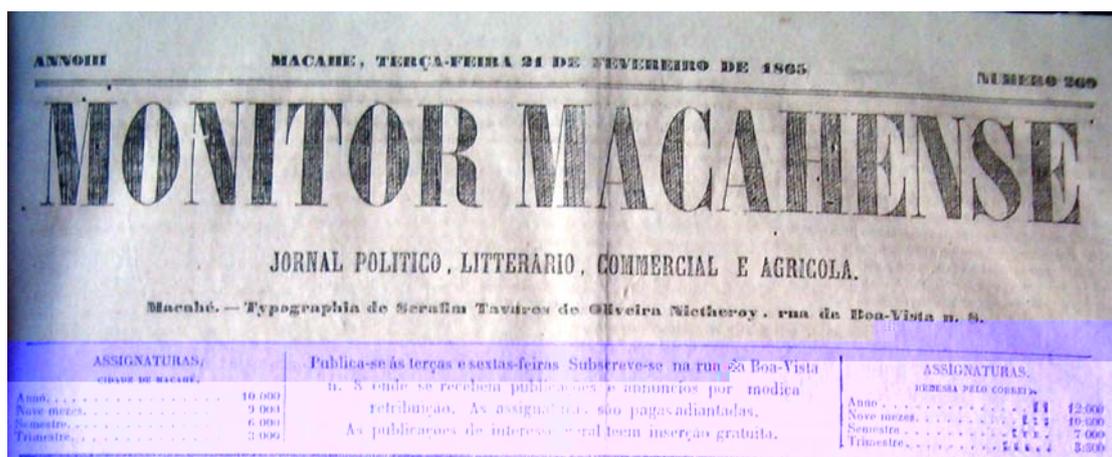
⁶⁹ Informações dadas por Vilson Gavinho, na mesma entrevista citada anteriormente.

⁷⁰ Neto dos Viscondes de Araújo.

⁷¹ De natureza eclesiástica, jurídica e administrativa.

⁷² Para as considerações a respeito da imprensa macaense, consultei *A Imprensa Macaense* (1966), de Godofredo Tinoco, um artigo de Antonio Alvarez Parada intitulado "A imprensa macaense no século XIX" (1980) e as matérias que saíram na revista *Academia*, algumas delas sem autor.

podemos identificar no exemplar seguinte, de 21 de fevereiro de 1865, “*político, litterário, commercial e agrícola*”. Era publicado às terças e sextas-feiras.



O *Monitor Macahense*, de 21 de fevereiro de 1865. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

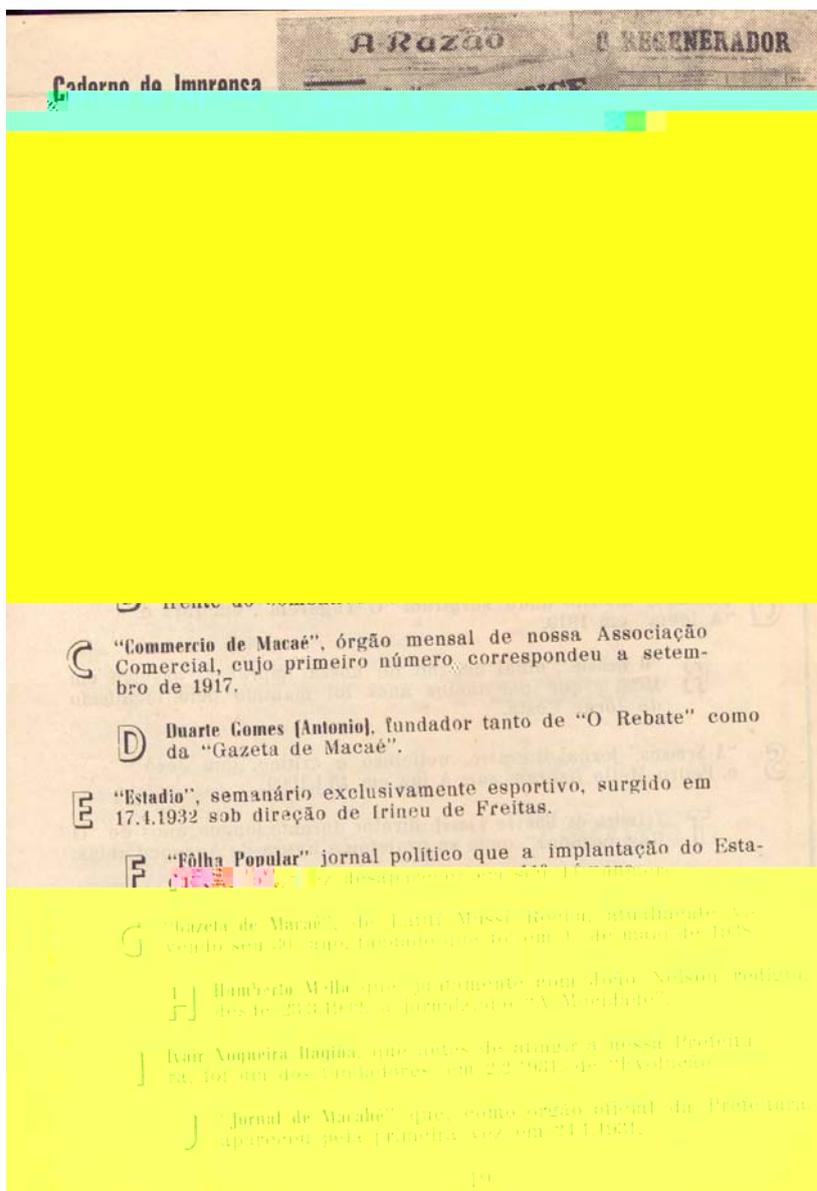
Poucos anos depois, outros jornais vieram a circular em Macaé, entre eles, *O Télégrapho* (1867), *Tribuna do Povo* (1868), *O Ramallete* (1871), *O Goytacaz* (1875) e *Aurora Macahense* (1877). *O Télégrapho*, de Bento Pinto Leite, surgiu em 13 de abril de 1867 e tinha tendência liberal. Podemos afirmar que a maioria se intitulava literário e noticioso. Antonio Alvarez Parada (1980) dedicou parte de suas pesquisas para colher informações sobre estes jornais e fez uma observação em relação à circulação deles no século XIX em uma de suas publicações, pois quase todos eram bissemanais: “*o macaense de 1868 teve o luxo de ler um jornal diferente de sua terra a cada dia da semana, deixando apenas a segunda-feira para repouso da vista e de sua sede de conhecimento*” (p. 61).

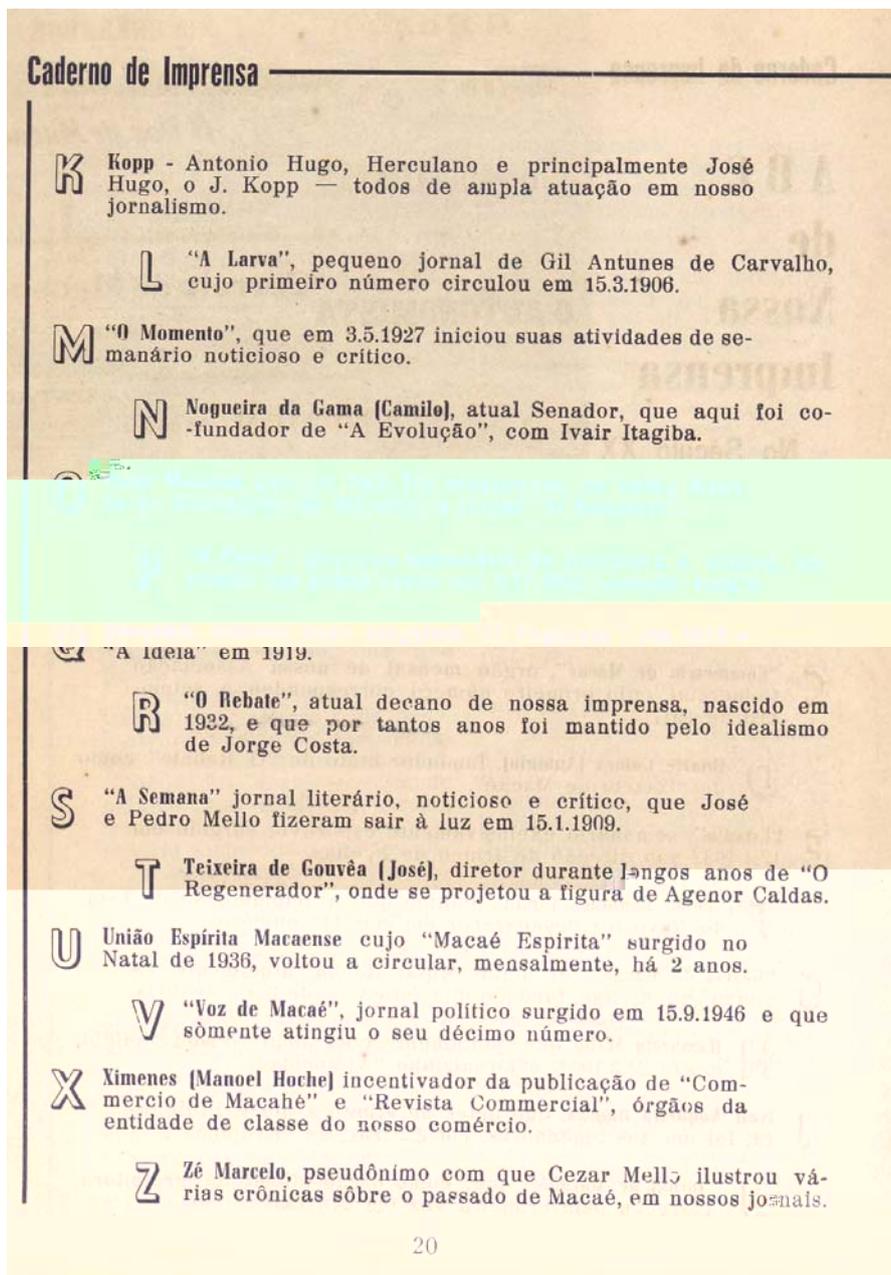
Segundo Antonio Alvarez Parada (1980), em 1880 começou uma nova fase do jornalismo, agora mais direcionado para as lutas abolicionistas e republicanas. Dentro deste quadro pode-se situar o surgimento de *O Constitucional*, do Partido Conservador, que teve impresso o seu primeiro número em 23 de agosto de 1881. Jornal anti-abolicionista, acabou por ver o surgimento de outro, combativo às idéias expostas em suas páginas, o jornal *O Século*, de Antonio José de Souza Mello. O primeiro exemplar deste jornal abolicionista foi impresso em 31 de janeiro de 1886 e apareceu como sucessor da *Gazeta Popular*, de Belisário de Souza Botelho, que possivelmente teve impresso o seu primeiro número entre 1875 e 1880. Não há confirmação desta data de início, apenas a do último número: 15 de novembro de 1885. Posteriormente ao surgimento destes três importantes jornais, a sociedade macaense presenciou o surgimento de outros, com menor importância: *O Areópago* (1886), a primeira *Gazeta de Macahé* (1887), *O Federalista* (1890) e *O Lábaro* (1895).

Em 4 de novembro de 1895 surgiu um outro importante jornal: *O Lynce*, dirigido por J. Kopp – José Hugo Kopp. Durante seu primeiro ano de circulação era impresso nas oficinas do *Jornal do Brasil* e, em abril do ano seguinte passou a ser editado em oficina própria. Após

o surgimento de *O Lynce*, temos indícios, segundo Godofredo Tinoco (1966), do aparecimento de mais seis jornais durante o século XIX: um novo *O Federalista* (1897), *A Primavera* (1897), *A Tarde* (1898), *O Echo* (1898), *O Macabuense* (1898) e o *Correio de Macabu* (1899).

Na literatura existente sobre Macaé, pouco se tem ventilado estudos sobre a imprensa. A única publicação dedicada a esta temática é de Godofredo Tinoco, *Imprensa Fluminense: 1826/1963*, editada pela Livraria São José, de 1965. Nesta obra têm-se um capítulo dedicado à Macaé, sinalizando os nomes dos jornais, as datas e pequenos detalhes sobre cada periódico. Em 1967, a última revista *Academia* teve um caderno dedicado à imprensa, com cinco artigos abordando esta temática. Apenas um, “Macaé no livro e no jornal”, é assinado por Godofredo Tinoco, membro benemérito e honorário da AML. Os demais – “Nossos Jornais no Século XIX”, “Macaenses na Imprensa não Macaense”, “Raimundo Corrêa na Imprensa de Macaé” e “ABC de Nossa Imprensa no Século XX”, não têm autor.





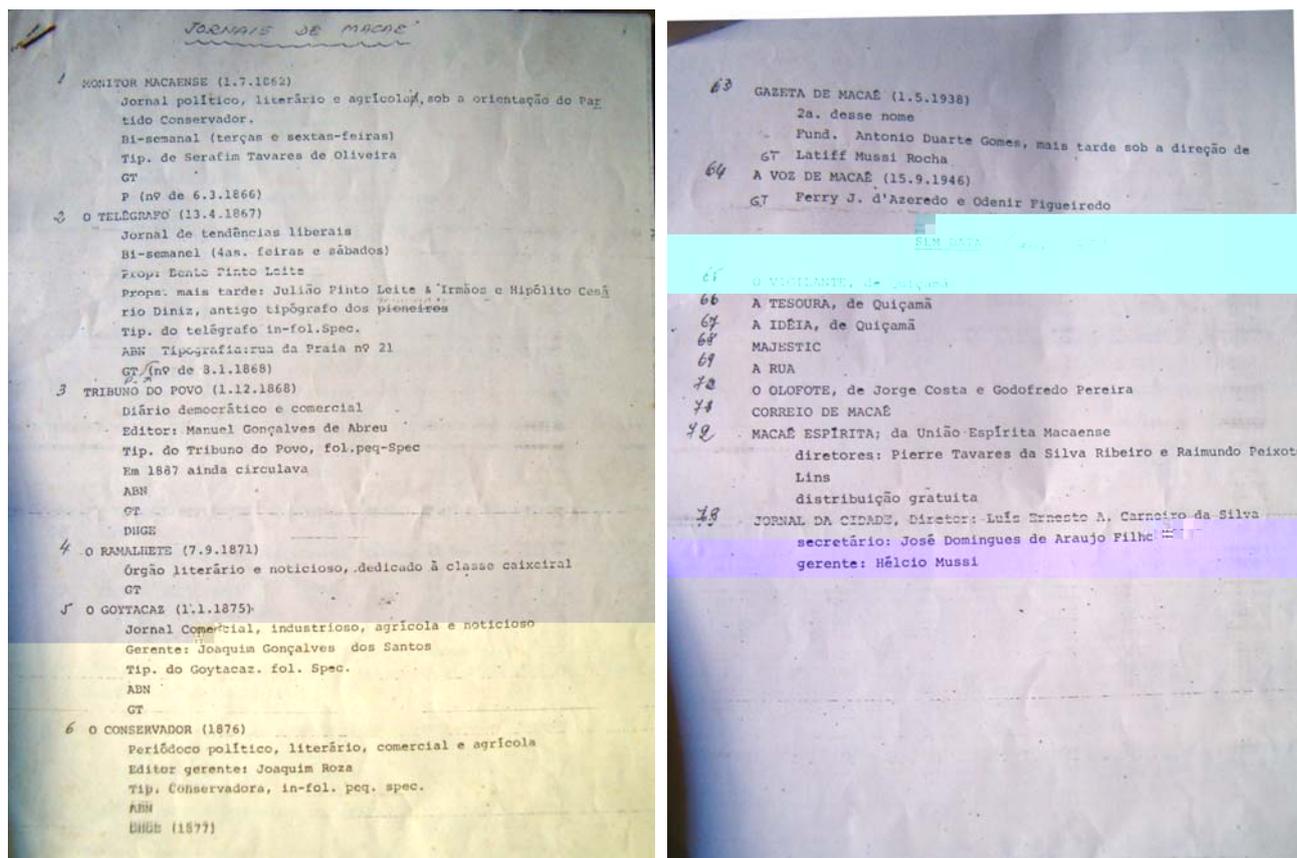
Página 20 da revista *Academia*, ano V, n 15, 1967. Centro de Memória Antonio Alvarez Parada.

Como Antonio Alvarez Parada era o diretor responsável pela revista e a construção da escrita tem algumas características suas, supomos que sejam dele os artigos: “*O pioneiro do jornalismo macaense*” (*Academia*, ano v, n 15, p. 11); “*Sem que possamos asseverar, em definitivo ser ou não bissemanal*” (op. cit., p. 11); “*Num parêntese: não conseguimos apurar a data precisa*” (op.cit., p.12); expressões que ele utiliza quando escreve a crônica “*Jornalismo em Macaé no Século XIX*”, parte integrante do livro *Histórias da Velha Macaé* (1980).

Os títulos das matérias que não têm autor também possuem características da escrita de Tonito, como por exemplo “*ABC de Nossa Imprensa no Século XX*” e *ABC de Macaé* (1963), livro alguns anos antes publicado por ele. As informações deste artigo são as mesmas

que fazem parte da obra de Godofredo Tinoco, apenas escritas de formas diferentes. Teria Tonito feito pesquisa sobre a imprensa de Macaé para colaborar na publicação de Godofredo Tinoco sobre a imprensa fluminense? Ou o inverso?

No arquivo de Antonio Alvarez Parada encontram-se resumos sobre a imprensa datilografados, sem data específica. Como em 1980 dedicou-se a escrever uma crônica sobre o assunto, acredita-se que estes estudos tenham dado base para sua narrativa. Inclusive, no final da década de 1970 ele já ensaiava sobre o assunto quando ventilava sobre este tema em sua coluna “Histórias Curtas e Antigas”, do jornal *O Debate*.



Primeira e última página do estudo “Jornais de Macaé”. Sem data. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Num conjunto de sete páginas grampeadas, com o título “Jornais de Macaé”, Antonio Alvarez Parada identifica os nomes de 73 jornais. Obedecendo a uma ordem cronológica, enumera 64 nomes com as informações, em tópicos, que conseguiu apurar sobre cada um. Os jornais que as datas de primeira publicação não foram identificadas, que totalizam 9, foram registrados na última folha. As informações são bastante similares as que fazem parte da publicação de Godofredo Tinoco, já citada neste trabalho.

Um segundo material datilografado, com quatro páginas e o título “Jornais de Macaé de que tive conhecimento e comprovação de existência”, Tonito organiza os nomes dos jornais em ordem alfabética e escreve, agora com mais detalhes sobre cada um deles,

Vários são os periódicos que fazem parte do acervo de Tonito. Os que têm períodos específicos estão listados no quadro abaixo, com as informações referentes. Todos esses foram microfilmados pela Fundação Biblioteca Nacional:⁷³

NOME DO PERIÓDICO	PERÍODO
<i>Gazeta Popular</i>	Dezembro de 1877
	Março de 1878
	Junho a novembro de 1880
	Setembro de 1883
	Abril de 1884
	Agosto de 1885
<i>Gazeta de Macaé</i>	Outubro a novembro de 1956
	Julho a dezembro de 1963
	Janeiro a julho de 1965
<i>Monitor Macahense</i>	Janeiro de 1864 a dezembro de 1866
<i>O Télégrapho</i>	Janeiro de 1868 a dezembro de 1869
	Janeiro a outubro de 1872
	Mai de 1873 a abril de 1874
<i>O Lynce</i>	Novembro de 1895 a janeiro de 1909
<i>O Regenerador</i>	Dezembro de 1909 a julho de 1915
<i>O Rebate</i>	Janeiro de 1945 a dezembro de 1946
	Janeiro a março de 1947
	Mai de 1947 a dezembro de 1947
	Janeiro a setembro de 1948
	Novembro de 1948
	Janeiro a outubro de 1949
	Dezembro de 1949
	Janeiro a fevereiro de 1950
	Junho de 1950
	Setembro a dezembro de 1950
	Janeiro de 1951 a dezembro de 1955
	Janeiro a abril de 1956
	Junho a dezembro de 1956
	Outubro de 1957 a dezembro de 1960
	Janeiro a fevereiro de 1961
	Abril a agosto de 1961
	Outubro a dezembro de 1961
Janeiro a dezembro de 1962	

Jornais do Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada

Em alguns períodos faltam alguns exemplares. Em sua maioria, estão em bom estado de conservação. Os exemplares de *O Regenerador* são os que estão em pior estado de conservação, o que indica que foram muito manuseados, as folhas estão soltas e muitas, amassadas.

⁷³ Além destes exemplares, a Fundação Biblioteca Nacional também microfilmou alguns exemplares avulsos de *A Mocidade* (1902), *A Semana* (1910 e 1911), *A Tesoura* (1931), *O Porvir* (1902), *O Echo* (1904), *O Álbum* (1905) e *O Pamparra* (1911).

Uma breve análise da coleção de jornais guardada por Antonio Alvarez Parada permite concluir que, entre todas as fontes que consultava, estas eram as mais raras e que conferiram importância ao acervo que havia acumulado. Comentando as obras raras de Eurico Facó, Giselle Martins Venancio (2006) chamou atenção, a partir dos estudos de José Mindlim, para o fato de que são vários os aspectos que caracterizam a raridade de um livro:

Se alguém me pergunta o que é um livro raro, fico meio atrapalhado, pois é das coisas que a gente sabe mas não consegue definir plenamente. O livro pode ser raro, por exemplo, por terem sido impressos pouco exemplares, ou por não se terem conservado os que se imprimiram, pelo interesse do texto, por ser uma primeira edição, ou por ter uma revisão do próprio autor. (...) As razões são muitas e, além de algumas específicas, cada colecionador tem suas próprias motivações. Basicamente, todo livro que se procura, e não se consegue encontrar, é raro – essa poderia ser a mais fácil das definições (MINDLIM apud VENANCIO, p. 45-46).

Essas considerações trazem elementos que conferem raridade às coleções de jornais de Tonito, na medida em que possuem características semelhantes. Os jornais, por terem circulado no século XIX e ainda existirem, já se caracterizam como raros tão somente porque foram conservados e são difíceis de serem encontrados.

Seguem outros jornais que fazem parte da coleção, mas não estão incluídos entre os que foram microfilmados pela Fundação Biblioteca Nacional.



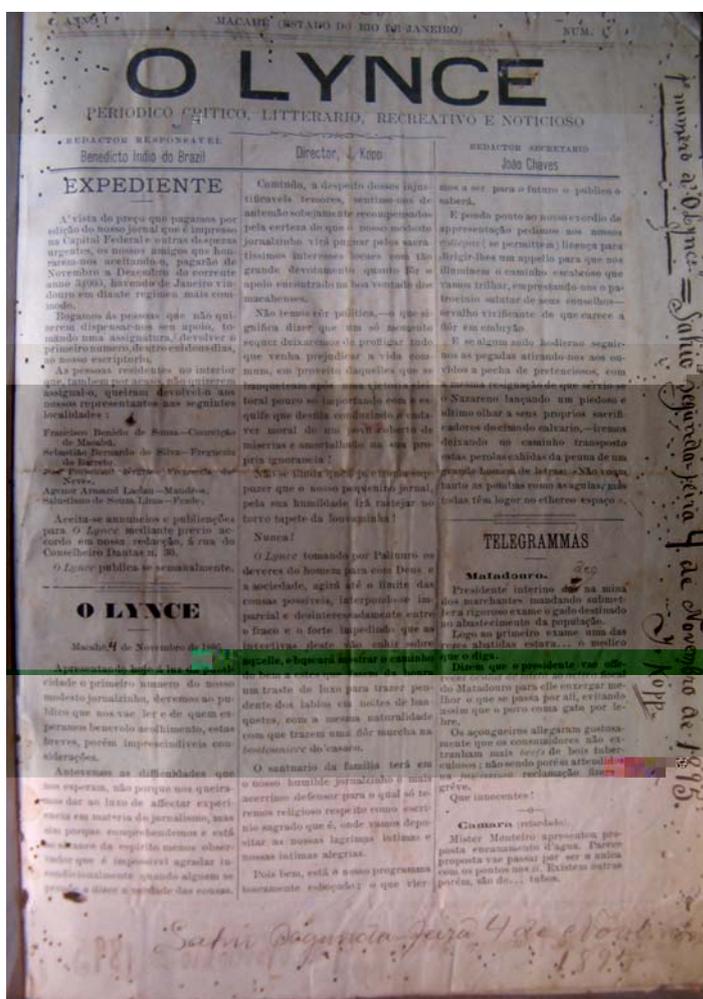
Jornais do início do século XX. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.



Jornais do século XIX. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

A legitimação de Antonio Alvarez Parada como detentor de importantes documentos para os historiadores advinha certamente de seu precioso acervo de jornais do século XIX, o que o consagra como colecionador dentro da perspectiva benjaminiana, já que seu objetivo não era de consumo, mas de guarda. Estes eram verdadeiras raridades até hoje cobiçadas por todos aqueles que se interessariam em investigar sobre Motta Coqueiro, a Nobreza, o Regime Escravagista, Abolicionismo, Anúncios, Acontecimentos Religiosos, Editais, Poesias, Folhetins, enfim, uma infinidade de assuntos que são ventilados na imprensa do século XIX.

O acervo de periódicos nos permite inclusive observar as mudanças pelas quais os jornais passaram, como os nomes dos redatores, fundadores, proprietários; ou a frequência do jornal; ou os aspectos materiais, como o formato. No caso de *O Lynce*, comparando os três exemplares abaixo temos, em poucos anos, mudanças significativas, como o nome do jornal que ganha novos contornos no segundo e sétimo ano de circulação.



Primeiro número de *O Lynce* de 04 de novembro de 1895. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.



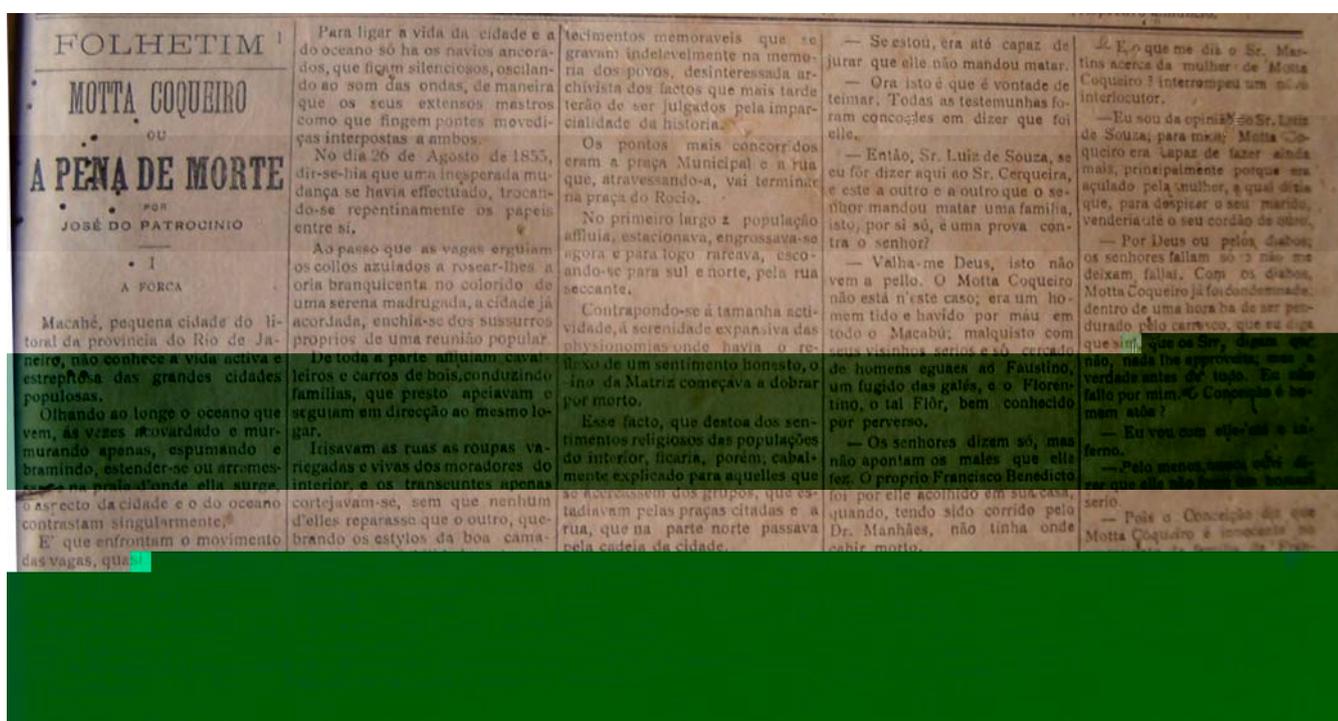
O Lynce de 22 de abril de 1897 e de 24 de janeiro de 1903. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Uma análise da coleção de jornais e dos textos sobre a imprensa macaense, escritos ou atribuídos a Antonio Alvarez Parada, permite elencar os seguintes jornais macaenses que surgiram no XX, antes da morte de Tonito:

ANO	NOME DO PERIÓDICO
1902	A MOCIDADE
	O PORVIR
1904	A GAZETA DE MACABU
1905	O ALBUM
	O BALUARTE
	O MACAENSE
1906	O EDEN
	A LARVA
	O MOMENTO
1909	A SEMANA
	O REGENERADOR
1911	O P...
1912	O PAC...ELA
1917	COMMERCIO DE MACAHE
1918	O AUTONOMISTA
1923	REVISÃO COMERCIAL
1924	O AUTONOMISTA
1926	O ALMOFADINHA
	O MOMENTO
1927	O ...E
	O GYMNASI...
1929	MACAÉ ESPORTIVO
	O SPORT
1930	PHAROL
1931	JORNAL DE MACAHE
	A EVOLUÇÃO
	O LINGUA...
	A DEMOCRACIA
	A ...AO
	A ...ESOURA
1932	GREBATE
	O ESTADIO
1933	O BANDEIRAS
1934	TRIBUNA
1936	O ESPORTE
	O SPORT
	MACAÉ ESPÍRITA

O quadro permite assinalar que, por exemplo, o jornal *Macaé Espírita* apareceu na imprensa em duas épocas distintas: 1936 e 1965. Não se tem indícios das razões do desaparecimento e ressurgimento, mas no acervo presente no Centro de Memória Antonio Alvarez Parada, o jornal ainda é publicado como se seu aparecimento tivesse sido apenas em 1936, sem interrupções.

Os jornais são fontes importantes para o trabalho de pesquisa de Antonio Alvarez Parada. Num exemplar do jornal *O Lynce*, tive acesso a um folhetim que abordava um assunto que muitas vezes esteve presente em seus textos: era o caso de Motta Coqueiro, último homem condenado a pena de morte no Brasil. O fato teve repercussão nacional e foi objeto de vários livros⁷⁴ e artigos na imprensa que servi um como fontes:



Folhetim do jornal *O Lynce*

...”, e o subtítulo “I - A Força”, o número indicava que a história teria continuidade no próximo exemplar

em outras pessoas que se interessavam pelo

passado macaense e que faziam parte de sua rede de sociabilidade. Algumas delas também escreviam em jornais de Macaé: Cezar Mello, Moacyr Santos e Herivelto Ferreira do Couto, que assinavam seus artigos e colunas com os pseudônimos Zé Marcello, M. S. e Heira Couto, respectivamente.

O contato com Álvaro Carneiro da Silva foi facilitado porque ele era tio de Otávio Carneiro da Silva, seu cunhado, casado com sua irmã Hermínia. O acesso ao acervo desta família contribuiu, inclusive, para que ele direcionasse mais suas pesquisas para a história da região de Quissamã, que foi distrito do Município de Macaé até 1989,⁷⁵ quando emancipada. Isso pode ser observado em *Histórias da Velha Macaé* (1980) e nas duas palestras que ministrou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB: “*A identificação dos Carneiro da Silva com Quissamã é de tal ordem que se torna impossível conceber um sem o outro*”.⁷⁶

As relações com as pessoas e as visitas aos locais de pesquisa faziam com que Antonio Alvarez Parada acabasse por coletar outros documentos sobre Macaé. O que recolhia guardava em pastas de elástico que eram etiquetadas. São recortes de jornais, anotações, rascunhos e cópias de documentos que estão organizados com as seguintes etiquetas: “*Artigos da Imprensa fora de Macaé*”, “*Assessoria de Planejamento ASPLAN*”, “*Barão de Monte de Cedro*”, “*Cinemas / Alfândegas / Forte*”, “*Conselheiro Almeida Pereira*”, “*Igreja de Sant’Ana*”, “*Ilhas de Sant’Ana*”, “*Lendas*”, “*Matias Neto / Figueiredo / Julio Olivier*”, “*Mota Coqueiro / Casa de Caridade*”, “*Programação dos Cursilhos*”, “*Sesquicentenário de Macaé*”. O conjunto de pastas está em uma das prateleiras do gabinete.

Outra prática era organizar em manuscritos as informações que serviam de base para a escrita das colunas em jornais ou para as anotações sobre algum evento. Tive conhecimento da existência de sete manuscritos. Um deles foi uma caderneta vermelha, organizada na ocasião do sesquicentenário da cidade, com os registros de todos os eventos que a cidade programou para o mês do aniversário: julho. Na caderneta encontramos, em cada página, com letras cuidadosamente desenhadas por ele, os títulos de cada evento, com as assinaturas de ilustres participantes.

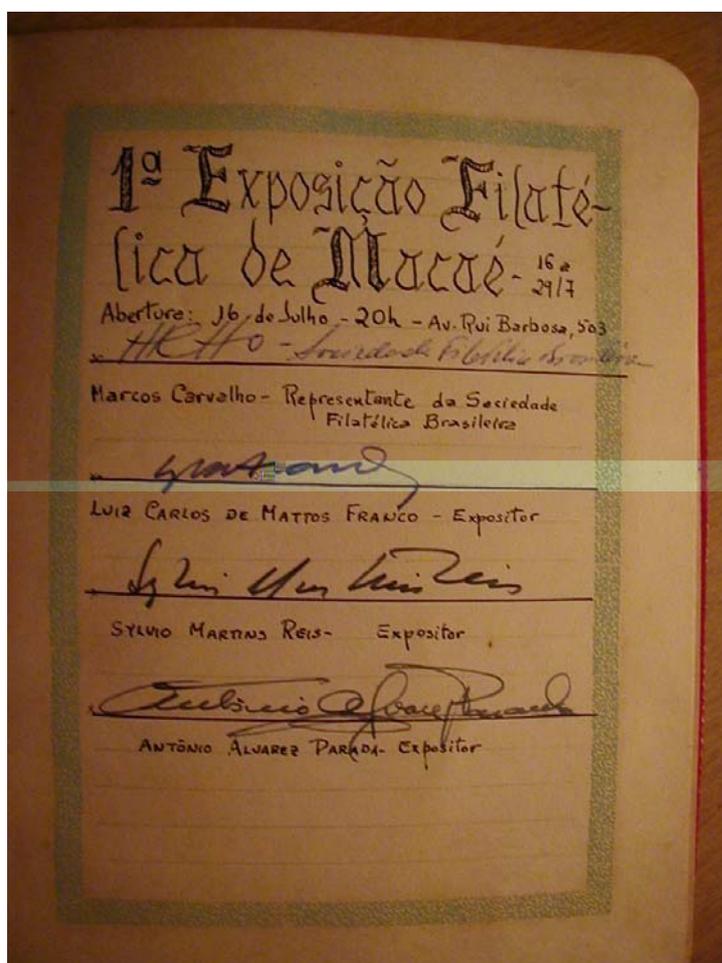
Podemos dizer que ele organizou um caderno de presenças, um livro de autógrafos, e em cada linha vinha abaixo o nome completo dos convidados, para que pudessem posteriormente ser identificados. E foram muitas as comemorações, dentre as quais podemos destacar: Baile de Gala de Abertura dos Festejos, Oferta da Bandeira de Macaé à Prefeitura pela Escola Ferroviária de Imbetiba, Apresentação do Hino do Sesquicentenário de Macaé

⁷⁵ Emancipada a partir da Lei Estadual nº 1419 de 04 de janeiro de 1989.

⁷⁶ PARADA, Antonio Alvarez. O Barão de Monte de Cedro. In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº 337, out/dez, 1982, pp 83 - 103.

pela Lyra dos Conspiradores e SENAI, Lançamento do Livro ABC de Macaé, Instalação Oficial da Academia Macaense de Letras, Programa Radiofônico sobre a Vida e Música de Benedito Lacerda, Inauguração Oficial do Ginásio Roberval Pereira da Silva - Ypiranga, Sessão Cívica Comemorativa do Sesquicentenário, Companhia Teatral Gracinda Freire, Inauguração do Novo Pavilhão do Colégio Estadual Luiz Reid, entre outros. Segundo Margarida de Souza Neves (2000), “*comemorar é sempre construir uma memória comum, vale dizer, uma identidade coletiva e um projeto de futuro*” (p. 12), ou seja, por meio das comemorações é possível identificar os acontecimentos que marcam uma época e, seus registros permitem que não sejam relegados ao esquecimento.

Um dos eventos foi a 1ª Exposição Filatélica de Macaé. Curioso é que ele é um dos expositores, dos três que aparecem na lista. Em seu arquivo, encontramos cinco álbuns de coleções de selos. Possivelmente um hobby. Teria Tonito incluído na programação uma exposição porque ele mesmo gostava de colecionar selos?



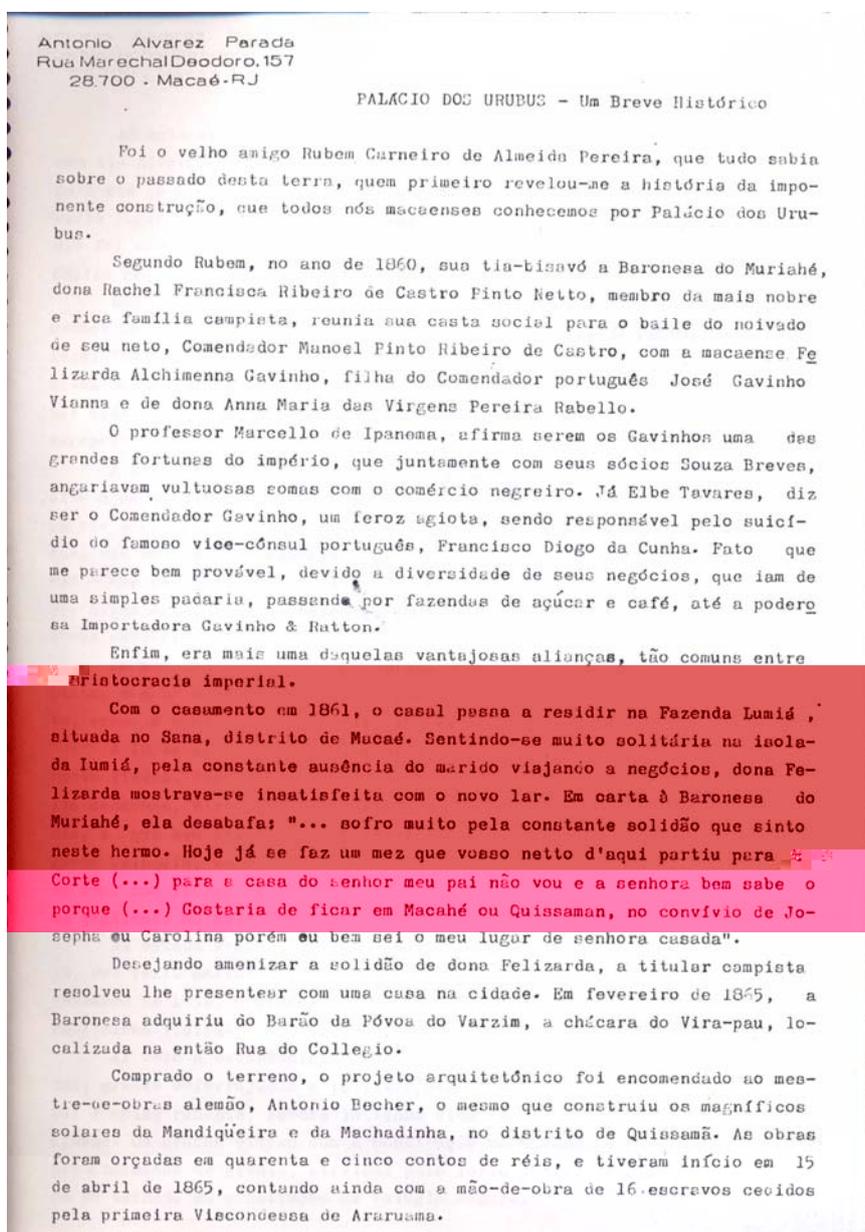
Página da Caderneta. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Em todos os festejos temos assinaturas de pessoas de destaque na vida cultural e política da cidade. Algumas páginas estão em branco. Provavelmente a intenção dele era recolher todas as assinaturas. No conjunto da caderneta é possível identificar outras pessoas

que faziam parte de sua rede de sociabilidade: Joaquim Luiz Freire Pinheiro, Joaquim da Silva Murteira, Pierre Tavares Ribeiro, Celina Caetano de Azevedo, Nelson Carvalhaes, Laerte Ribeiro, entre outros.

Com o tempo, a esfera de relacionamentos, onde colhia informações e debatia idéias, foi tomando dimensões maiores, extrapolando os limites do município de Macaé. Contatos foram estabelecidos com o pesquisador Gabriel Calmon da Costa Pinto, do Arquivo Nacional; Marcello e Cybelle de Ipanema, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB; Nadir Duarte Ferreira, do Arquivo Histórico do Itamarati; Áurea Maria de Freitas Carvalho, do Museu Imperial de Petrópolis; Waldir da Cunha, da Biblioteca Nacional; para citar alguns.

Os papéis timbrados e cartões personalizados eram utilizados por Tonito ao se corresponder com seus pares. Em um artigo datilografado, Tonito utiliza o papel timbrado, possivelmente o mesmo que usava quando escrevia cartas.



Primeira folha do artigo datilografado "Palácio dos Urubus – Um Breve Histórico".
Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

No lado superior esquerdo da folha o timbre com seu nome completo e endereço residencial. Tonito morou nesta casa desde os primeiros anos de casamento até a data de sua morte. Deste endereço só o CEP foi alterado, consequência do crescimento da cidade. Nos cartões personalizados vinha também a informação do número do telefone residencial, para contato de quem interessasse. Esses elementos demonstram que Antonio Alvarez Parada gostava de ser identificado em tudo que produzia, fazia questão de deixar sua marca, fixar sua identidade.

2. 2 - A produção intelectual do titular do arquivo

A imprensa foi o espaço mais utilizado por Tonito para propagar suas idéias e pesquisas, pois assinou colunas e escreveu artigos por mais de trinta e cinco anos. Muitos deles, referentes à Macaé, foram organizados e transformados em livros. Este tipo de publicação foi uma forma que encontrou para que seus escritos se perpetuassem. Ao registrar os estudos que se referiam à sua terra natal, Antonio Alvarez Parada possibilitou que se tornassem fontes de referência para aqueles que se interessassem por sua história e, em certa medida, compôs uma memória sobre ela.

Enquanto escrevia, selecionava e arquivava, ele ia, de certa forma, construindo a memória da cidade. Memória que cruza as diversas forças, como presente e passado, espaços e tempos, registro e invenção, público e privado, lembrança e esquecimento, na perspectiva do historiador Jacques Le Goff (2003), que destaca que o esquecimento é parte fundamental da memória, pois constitui a dualidade de uma ação. Quem lembra, também esquece, pois memória é também escolha, é seleção. Na maioria das vezes, o que vai ser lembrado se sobrepõe ao que vai ser esquecido. Esta questão pode ser observada quando se examina os temas, lugares e pessoas que Tonito escolhia para serem pesquisados e divulgados. Nestes momentos ele fazia as suas escolhas.

As colaborações em revistas, em especial a *Academia*, as palestras e os cursos, além de registrarem suas pesquisas, acabam por representar espaços que ele participava e que, por isso, legitimavam sua produção. Circular em espaços educacionais, literários, culturais e científicos permitiu o intercâmbio de idéias com outros intelectuais da região.

Os seus textos têm, em sua grande maioria, o formato de crônica. Segundo Margarida de Souza Neves (2005)⁷⁷, “*as crônicas são, inclusive pela etimologia do gênero, particulares escritas do tempo*” (p. 240). Por ser um gênero específico, possuir características variadas e

⁷⁷ Sobre crônicas consultar CHALOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. (2005).

englobar diversos sentidos é difícil determinar definições gerais que apresentem sua essência. Por isso, as crônicas devem ser analisadas em sua especificidade, em sua historicidade, estando atento aos diversos mecanismos narrativos que a constituem. No entanto, esta mesma autora chama atenção para o fato de que as crônicas possuem uma característica singular: a estreita ligação com a imprensa.

Em meados do século XIX, foram os folhetins que cumpriram a tarefa de tornar os jornais mais atrativos, o que causou um crescimento em suas tiragens e, conseqüentemente tornou os jornais um dos principais veículos de comunicação. Sua disseminação foi tamanha que acabou por constituir espaços privilegiados para o desenvolvimento do gênero crônica: *“escritas em verso ou prosa, ligadas à verdade ou ao sonho, têm em comum o tipo de relação que estabelecem com a indeterminação da história”*.⁷⁸ Neste sentido, as crônicas são construções autorais que intervêm na realidade que representam. Trazem em seu bojo as particularidades do autor, sua leitura de mundo.

2.2.1 - A Imprensa: o doce veneno

A imprensa foi fonte para as pesquisas de Antonio Alvarez Parada e, ao mesmo tempo, espaço para a divulgação de suas idéias. A participação em diferentes periódicos, de Macaé e região, durante toda a sua vida, fornece pistas para entender como transitava e o que produzia nestes diferentes espaços. Espaços que ocupava graciosamente, pois, ao que tudo indica, não recebia para escrever para jornais e revistas.

Ao discutir o periódico como fonte histórica, Tânia Regina de Luca (2005) afirma que *“jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”* (p. 140). Neste sentido, os periódicos são espaços de encontros de itinerários individuais que se unem em torno de objetivos comuns.

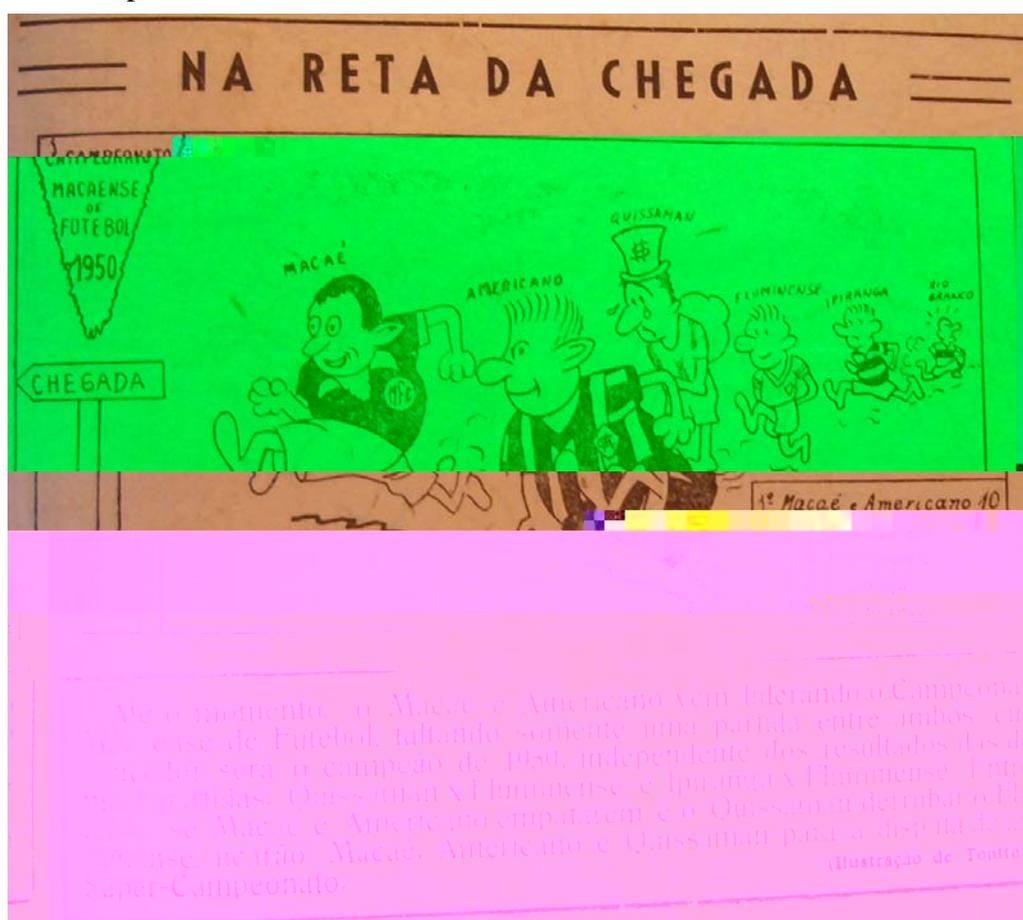
Ao refletir sobre o ofício de historiador a partir das interpretações de história do Brasil que foram construídas na década de 1940, Ângela de Castro Gomes (1996) sinaliza a importância da atividade jornalística como forma de entrar no que ela denomina de *“mundo intelectual”*. O jornal é uma tribuna: *“o local do início da carreira e também um palco de consagração e veiculação sistemática da produção intelectual, nela incluída a produção historiográfica”* (p.46). Dessa forma, uma das tarefas da imprensa era formar opiniões.

⁷⁸ Consultar CHALOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. (2005).

O artigo de Antonio Alvarez Parada, “A Memória Macaense”,⁷⁹ esclarece aos leitores como iniciou sua atividade de jornalista e, conseqüentemente de historiador:

Já disse alguém que a imprensa é um doce veneno para quem dela ou nela vive. Se verdadeira tal assertiva, a inoculação em mim de tal veneno ocorreu em 1940, quando o jornalismo estudantil do velho Salesiano de Niterói, acolheu meus primeiros rabiscos transmutados em letra de forma. A conversão de veneno em definitivo vício, porém, veio a ocorrer aqui mesmo, nas quatro páginas do saudoso O Rebate, durante tantos e ininterruptos anos guardando e defendendo o jornalismo em Macaé. (...) Já aí – após travestido de repórter esportivo e cronista de amenidades nem tão amenas às vezes – comecei a escrever alguma coisa sobre o passado macaense. E que havia nascido em mim a curiosidade em conhecer o acontecido por estas bandas nos anos já engolidos pelo tempo. Curiosidade logo virando mania. Mania bem rápido tornando-se paixão.

No jornal *O Rebate* encontramos o que supomos ser uma das suas primeiras participações⁸⁰ na imprensa macaense, uma charge com o título “Na Reta da Chegada”⁸¹, que exemplifica sua contribuição como repórter esportivo. Outra coluna que se referia ao esporte, escrita no ano de 1953, era “Vendo, Ouvindo e Falando”; comentários esporádicos sobre os acontecimentos esportivos de Macaé.



Charge. Na Reta da Chegada. *O Rebate*, 01/12/1950, capa. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

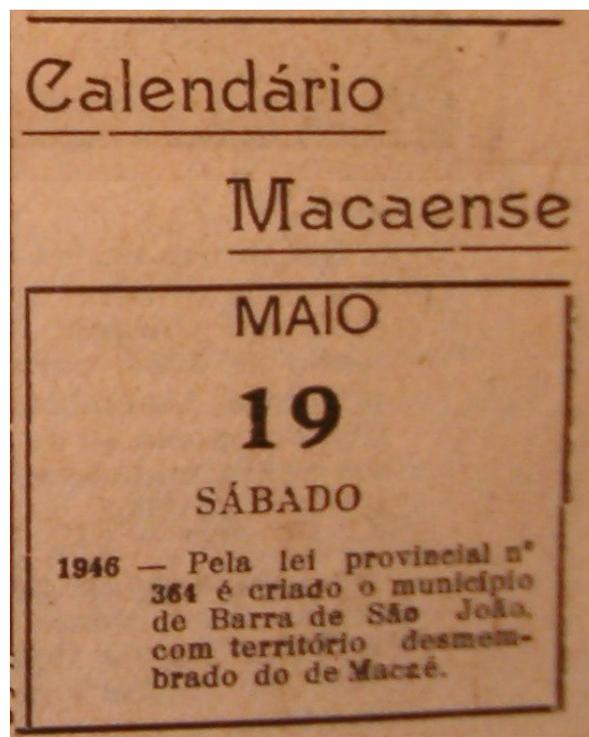
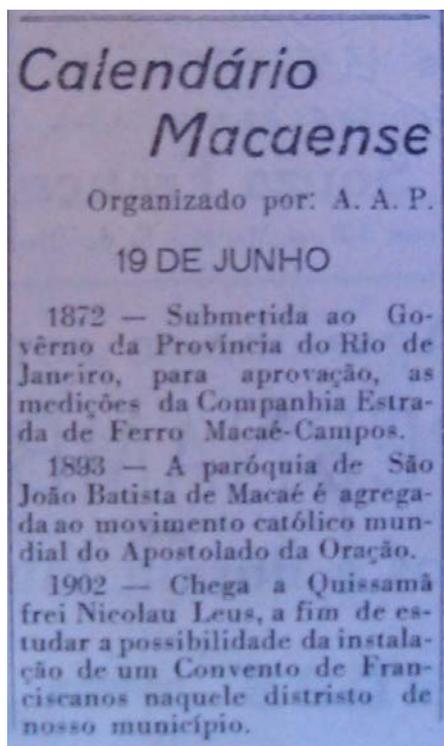
⁷⁹ In: *Jornal da Cidade*, 22/07 a 29/07/1980, ano XX, nº 402, p.16.

⁸⁰ No arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada constam coleções dos jornais *O Rebate* desde 1947 até 1962, faltando alguns exemplares. Ao analisar este conjunto de jornais encontrei a primeira referência a seu nome nesta matéria esportiva.

⁸¹ In: *O Rebate*, 01/12/1950, capa.

Quando ele começou a escrever em jornais, dois importantes periódicos circulavam na cidade: *O Rebate* e *Gazeta de Macaé*. O primeiro jornal *O Rebate* saiu em 16 de abril de 1932, com direção de Antonio Duarte Gomes. Em 18 de outubro de 1933, por motivos políticos, o jornal foi empastelado, surgindo mais tarde sob a direção de Luís Carlos Franco. Na época em que Tonito passou a ser colaborador do jornal, seu diretor era o Jorge Costa. Escreviam também neste jornal César Mello, Ruben de Almeida Pereira, Sebastião Lopes, Álvaro Bastos, Franco Trindade, Mirto, Frei Pinto, Cesáreo Parada, Gilson Corrêa, entre outros. A maioria de seus artigos era publicada na primeira página do jornal.

Paralelamente a estas contribuições como jornalista esportivo, Antonio Alvarez Parada deu início à coluna “Calendário Macaense” que, a partir da pesquisa que realizamos nos jornais *O Rebate* desde 1947, encontramos a primeira em 27 de janeiro de 1958. Escreveu esta coluna até 1962, neste mesmo jornal, e sua diagramação foi tomando formas diferentes com o passar dos anos. Não encontramos esta coluna organizada em seu arquivo.

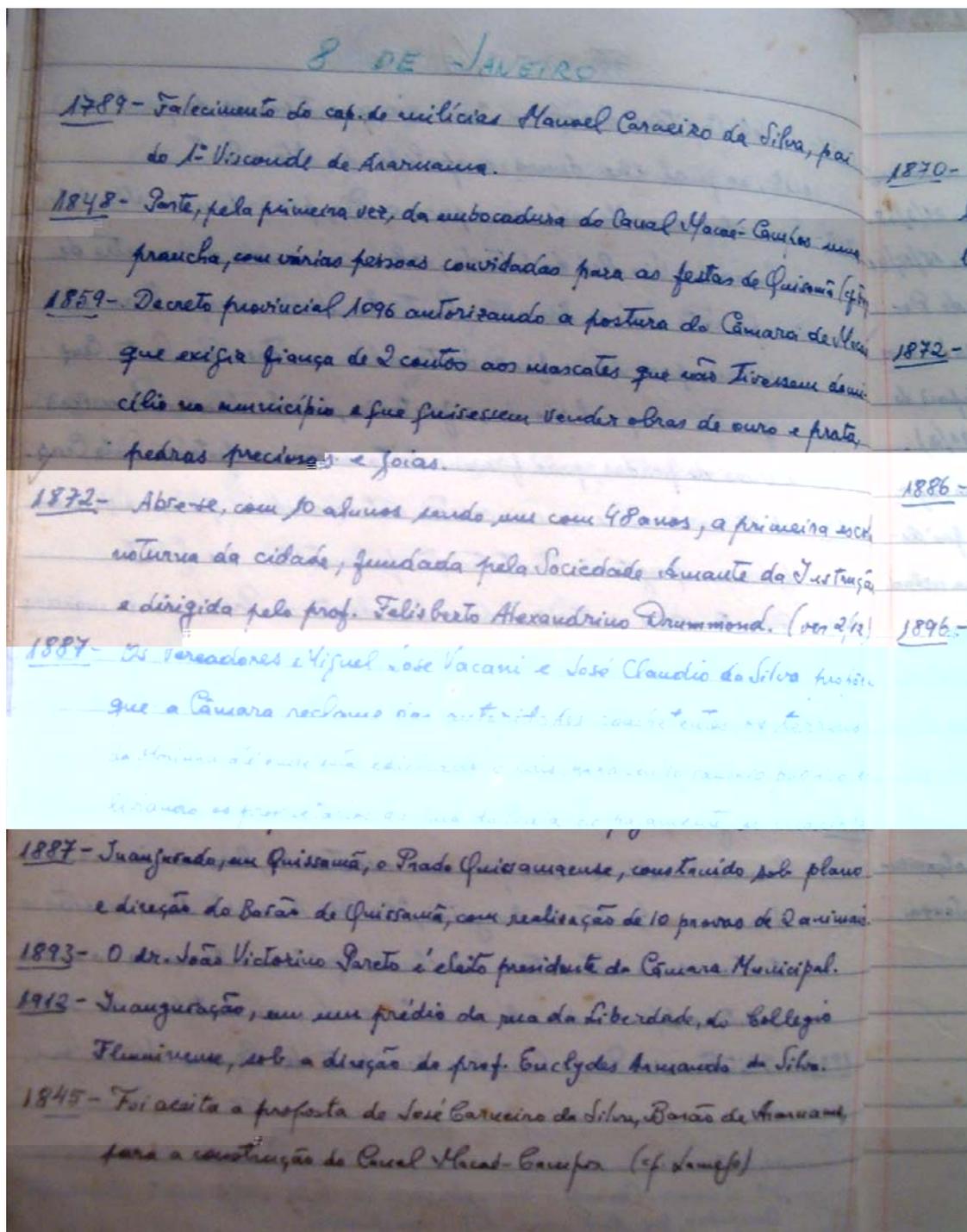


Calendário Macaense. *O Rebate*, 19/06/1960 e 19/05/1962. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Nos três primeiros anos, abaixo do título da coluna vinha a indicação: “*Organizado por A. A. P.*”. Posteriormente não havia mais esta indicação. Talvez Tonito tenha considerado desnecessário colocar seu nome depois que a coluna ficou conhecida entre os leitores. A data da edição do jornal coincidia com a data escolhida para o calendário e os anos se modificavam de acordo com os acontecimentos. Em algumas, principalmente no início, trazia mais de uma data, mas a do dia estava sempre incluída. Esta coluna foi escrita também na

época de sua colaboração em *O Fluminense*, periódico de Niterói/RJ, no final da década de 1970, quando escreveu a coluna “Cartas da Província”.

No arquivo ainda permanecem os manuscritos desta coluna. Um caderno com todos os dias do ano, cada um ocupando uma ou duas folhas, e todas as informações que coletava a respeito daquela data. O dia e o mês eram as referências – indicadas como título e, a cada linha, as informações sobre aquele ano contemplado. A utilização de canetas de cores diversas e o fato dos anos não obedecerem a uma cronologia são elementos que permitem afirmar que o caderno era utilizado em diferentes épocas.



Manuscrito do Calendário Macaense – Dia 8 de Janeiro. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Quando se autodenomina “*cronista de amenidades nem tão amenas assim*” está fazendo referência a uma coluna deste mesmo jornal, intitulada de “A Crônica da Semana”, que escreveu durante os anos de 1960 e 1961. Na apresentação desta coluna, justifica seu objetivo:

A partir do próximo domingo e até quando o fôlego nos permitir, aqui estaremos, na “Crônica da Semana” a focalizar alguma coisa ocorrida na mesma. O campo de nossa incursão será o mais variado possível: política, administração pública, recreativismo, esportes, atividades culturais, figuras de destaque, tudo enfim que julgarmos digno de nota e de registro (PARADA, O Rebate, 23/10/1960, capa).

Nesta mesma apresentação, fala de sua atividade na imprensa: “*De longos anos vimos ensaiando e praticando pseudo-literatura mais digna de epíteto de literatice nas páginas amigas e acolhedoras – que o Jorge nos perdoe a pretensão – do nosso jornal*” (PARADA, *O Rebate*, 23/10/1960, capa). Referiu-se assim a Jorge Costa, diretor do primeiro jornal que acolheu seus escritos. Em 28 crônicas, trata de assuntos dos mais diversos posicionando-se em relação a todos. Um deles foi sobre a “Escolinha de Arte de Macaé”,⁸² onde esteve presente na solenidade de encerramento das atividades dos alunos de 1960, juntamente com os diretores da escolinha Maria José Guedes e Moacyr Santos. Tonito escreve sobre as dificuldades de manutenção das atividades da instituição e da falta de apoio dos governos estadual e municipal. Cita que a Câmara Municipal aprovou ajuda financeira, mas finaliza que até aquela data a Escolinha de Arte nada havia recebido.

A “*literatice*” de Tonito foi praticada no decurso da coluna “Pelo Mundo das Letras”, escrita durante o ano de 1953, que era dividida em quatro partes: “Para seu Álbum”, onde trazia uma poesia; “Notícias e Novidades Literárias”, onde indicava leituras, escritores; “Frases Soltas”, com pensamentos, idéias que considerava interessantes aos leitores; e uma outra parte sem título que registrava, ora uma análise do autor, ora uma homenagem a alguma personalidade. Durante cinco meses escreveu treze crônicas.

Em 1956 passou a assinar “Coisas e Fatos da História Macaense” a coluna que corresponde, quase que literalmente, às crônicas publicadas em seu primeiro livro: *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958). Na apresentação da coluna coloca aos leitores sobre o seu desejo em publicar um livro:

E, enquanto de tôda essa pesquisa não chego ao parto laborioso e demorado sôbre as coisas macaenses, sonho que venho acalentando carinhosamente, resolvi trazer ao conhecimento dos pacientes leitores, semanalmente neste canto de página, algo do que consegui coligir, quer sejam dados reais, quer sejam produtos de lendas e tradição (PARADA, O Rebate, 27/05/1956, p.1).

⁸² In: *O Rebate*, 15/01/1961, p.1.

Em 1961 e 1962 escreveu “Vultos que dão nomes as nossas ruas”, trazendo para o conhecimento dos macaenses a história dos homens que deram origem aos nomes das principais ruas da cidade. Na encadernação das colunas, ele indica apenas o ano de 1962, mas, na pesquisa dos jornais, está a primeira publicação, em 12 de novembro 1961, quando escreve sobre Teixeira de Gouveia. Como a maior parte deles foi escrita em 1962, supostamente preferiu indicá-la assim. Posteriormente, biografou o Visconde de Quissamã, Velho Campos, Tenente Coronel Amado, Demétrio Fragoso, Conde de Araruama, Barão de Cotegipe, Pereira de Souza, Velho Madureira, Veríssimo de Mello, Silva Jardim, Doutor Bueno, Doutor Francisco Portela, Prefeito Moreira Netto, Doutor Cupertino, Albino Soares, Casculeiro, J. Kopp, Washington Luís, Corindiba de Carvalho, Doutor José Ribeiro, Agenor Caldas, Vereador Manoel Braga, Vereador Abreu Lima, Marechal Deodoro, Doutor Alfredo Baker, Tenente Ruy L. Ribeiro e Doutor Julio Ollivier. A coluna é seqüenciada com numerais romanos e vai até o XXIX, quando biografou Augusto de Carvalho.

Enquanto escreveu sobre cada um deles, seguiu de certa forma uma organização: iniciou com o nome completo, naturalidade e as datas de nascimento e falecimento. Desenvolveu o texto trazendo as principais atividades, incluindo os cargos que o biografado ocupou e as ações que trouxeram algum benefício para o Município. Enalteceu sempre as qualidades, como por exemplo, “*grande nadador*”, “*homem de bom coração*”, “*homem de vasta cultura*”, “*autoridade moralizadora*”, entre outros. No final de cada uma delas, trouxe a informação do nome tradicional da rua e a denominação anterior. Demonstra, de certa maneira, a concepção de que a história é feita de heróis, de grandes vultos.

O número XIX não está presente na encadernação e nem nos jornais, indicando um possível erro de numeração das crônicas. Essa coluna inspirou uma outra publicada posteriormente, “Quem é Quem nas Ruas de Macaé”, escrita no *Jornal da Cidade*,⁸³ em 1978. Analisando o conteúdo das duas colunas, percebemos que trazem quase a mesma informação. A do *Jornal da Cidade*, por ser posterior, tem um pouco mais de informações. Os dados destas duas colunas são condensados também num manuscrito, que possivelmente foi utilizado em outras crônicas. A ordem do índice do manuscrito não corresponde a nenhuma das duas e totaliza 37 biografias.

Em 1963 escreve “Macaé em Revista”, encerrando sua participação em *O Rebate*. Assina como Alvarez apenas, mas esclarece aos leitores de quem se trata logo na primeira publicação. Nesta, traz pequenos textos sobre os acontecimentos da cidade, faz convites aos leitores, algumas críticas, sugestões de leituras, defende algumas posições. Uma delas foi a

⁸³ O *Jornal da Cidade* surgiu em Macaé em 1960 e seu fundador foi Luiz Ernesto Olive Carneiro da Silva.

questão da reabertura do velho porto de Imbetiba que, em poucas linhas coloca ao leitor que não vê utilidade nisto: “*Bolas, pôrto para exportar o quê? Por favor, os mais esclarecidos que me orientem porque não consigo decifrar essa autêntica nova Esfinge*” (PARADA, *O Rebate*, 27/04/1963, p.1). Quase um mês depois dedica a coluna a responder a Armando Borges uma certa provocação feita por meio dos jornais,⁸⁴ e que decide responder também pelo mesmo veículo. Repete as linhas do que escreveu em 27 de maio e responde:

*Por conta dessas linhas que não merecem o nome de artigo, o Sr. Armando Borges fez publicar neste jornal, sábado último, com 193 linhas, com artigo anunciado desde sete dias antes sob o título “Pôrto do Mar – Explicação a Alvarez”. Se o seu arrazoado houvesse sido enviado em caráter particular, limitar-me-ia a responder-lhe “Muito Obrigado, Sr. Armando pela gentileza da explicação” (...) Essa curta resposta aqui de minha coluna a torna pública por haver sido publicada a sua explicação (...) (PARADA, *O Rebate*, 25/05/1963, p.1).*

Continuou a resposta que não coube na primeira página e utilizou mais espaço de outra página do jornal para responder a provocação de Armando Borges, que atualmente é um dos escritores que publica sobre a História de Macaé. Esse artigo, de certa forma, exemplifica a utilização da imprensa enquanto espaço para o debate público.

Paralelamente a esta participação de quase quinze anos em *O Rebate*, escreveu artigos esporádicos em *A Voz do Estudante*, em 1959 e, em 1960 passou a assinar a coluna “Literatos Macaenses”. Não encontramos estes jornais para análise. Na encadernação há apenas uma crônica: “Literatos Macaenses - IV Antero Dias Lopes”, em fevereiro de 1960.⁸⁵

Ainda na imprensa macaense, participou de *Gazeta de Macaé*, em 1967, com a coluna “A Semana na História Macaense”, que seguiu o modelo do “Calendário Macaense”, com a diferença de se publicar todos os dias da semana em apenas um dia.

Em 1964 e 1965, publica “Coisas do Passado Macaense” em *A Cidade*, de Campos dos Goytacazes. Posteriormente, neste mesmo jornal, assinou “Vultos que dão nomes as nossas ruas”, a partir da palestra que proferiu na Academia Macaense de Letras – AML e do que já havia escrito na imprensa com este título. Colaborou com outros artigos, muitas vezes a pedido de Walter Siqueira, membro da Academia Campista de Letras – ACL, da qual era correspondente.

Após o silêncio na imprensa macaense já apontado, inicia sua colaboração em *O Fluminense*, com a coluna “Cartas da Província”, de 1977 a 1978, seu novo canal de interlocução. Este jornal era editado em Niterói, antiga capital do Estado do Rio de Janeiro até

⁸⁴ Não encontramos o artigo de Armando Borges para a análise.

⁸⁵ Um exemplar deste jornal foi doado recentemente, pelo jornalista Luiz Ernesto Olive Carneiro da Silva, à Secretaria Municipal de Acervo e Patrimônio Histórico. Neste exemplar temos a indicação desta coluna onde ele escreve: *Literatos Macaenses: II - Januária de Amorim Cardoso*, em 20 de dezembro de 1959.

1975, que expressava em suas páginas, a vida política e social do interior, sendo, portanto, um meio de comunicação aberto à divulgação das idéias e da vida provinciana dos diversos municípios do Estado.

A imprensa foi um espaço acessível para que pudesse manifestar seus anseios, idéias e opiniões, fortalecendo o importante papel dos meios de comunicação enquanto mediadores do debate público. Provavelmente sua intenção era participar da vida pública, já que a escrita divulgava suas idéias, que não eram verdades únicas, mas representações sobre espaços e tempos vividos por ele.

Os temas são variados e alguns retomados em mais de uma crônica. Há relação permanente entre o conteúdo das cartas e os fatos e eventos públicos da cidade, tendo, na maioria das vezes, evidências de interlocução com os assuntos da coluna social de Cesáreo Alvarez Parada, seu irmão.

Encontrei nesta coluna de Cesáreo, indícios da repercussão dos escritos sobre Macaé na própria cidade e em outros municípios. As notas acusavam o recebimento de cartas de leitores: *“É com imenso prazer e satisfação que acusamos a belíssima carta enviada pelo Sr. Luiz Carlos de Almeida Manhães (...) Nos nossos agradecimentos, ficam também o de Álvaro Antônio, nosso companheiro de página e de trabalho regional”*; *“Do presidente da Associação Amigos de Macaé, Luís Carlos Miranda, recebemos belíssima carta que enaltece nossos escritos no jornal “O Fluminense”*”; e, *“umin-1(Cesá6.50.0005 T.364nio, nossoS(Acompan*

de

todo o E

Meirelles, obtendo o beneplácito da crítica teatral com a peça

“Fero-C

Assessor de Turismo e Divulgação, com as atividades sobre as comemorações festivas do município; Alcindo Brito, com destaque em São Paulo, no campo da psicanálise, além de educadores que participaram ativamente da história da educação macaense e que hoje são lembrados em nomes de unidades de ensino, como Ancyra Gonçalves Pimentel, Joaquim Luiz Freire Pinheiro, Jacyra Tavares Duval, Letícia Carvalho e Christos Jean Kousoulas.

Estes educadores foram contemporâneos de Tonito. As motivações que o levaram a redigir sobre eles giravam em torno de comemorações. Quando escreveu sobre Christos Jean Kousoulas lembrou a data de sete de setembro, que seria quando o professor grego completaria setenta anos de idade, e dedica uma crônica a contar aspectos de sua trajetória: *“Sua vida, sem receio algum de equivocar-me, daria um romance de passagens dignas da maior admiração”*(PARADA, 2006, p. 140). Os outros professores foram citados nas comemorações dos vinte e dois anos do Colégio Estadual Luiz Reid, seu também local de trabalho. Dedicou uma crônica para registrar o trabalho da escola recordando os colegas que colaboraram com o mérito e trabalho pessoais, no sucesso da escola em 1978. Lembra dos nomes dos professores que já não estão mais presentes, daqueles que ainda faziam parte do corpo docente e *“outros de que a memória falhe. Todos deixando lições. E mais que lições, exemplos a seguir”* (PARADA, 2006, p.148). Ser exemplo era fundamental para qualquer professor, na opinião de Tonito.

Além de procurar ser exemplo, Antonio Alvarez Parada era defensor do ensino profissionalizante. Deixou impressas algumas opiniões a respeito da educação nesta coluna. Ao registrar os últimos dias de existência do Centro de Formação Profissional, a conhecida Escola do SENAI, relembra o importante trabalho desta escola para os macaenses, *“dando-lhes ensino humanístico, propiciando-lhe a aprendizagem de um ofício, amparando-a financeiramente, mas acima de tudo comunicando a adolescentes o pleno sentido da responsabilidade, dando-lhes maturidade”*(PARADA, 2006, p.42). Preparar para a vida deveria ser uma tarefa diária da escola.

Como gostava de lembrar datas comemorativas, na ocasião do Dia do Professor, aproveitou a oportunidade para colocar um dos problemas que a classe enfrentava: *“O aviltamento salarial da classe cada vez mais provoca o afastamento de gente gabaritada da área da educação”* (PARADA, 2006, p.54). Afirmou que só estavam na educação os professores que tinham vocação para o magistério ou que tinham a profissão como *“bico”* e aguardavam que um trabalho melhor aparecesse:

Para os primeiros não há sacrifícios nem salário de fome capaz de anular-lhes o prazer de uma aula, a alegria do contato com os jovens, a agradável sensação de que ensinando estão aprendendo, a confiança íntima de que estão sendo úteis e aquilo sem preço que é fazer o que se gosta de fazer. Para os

outros, a certeza de que o título de professor e o exercício de magistério não lhes satisfarão a justa ânsia de progresso material (PARADA, 2006, p. 54).

Apresenta, assim, elementos de sua visão como educador.

Fatos importantes da história também são comentados nas crônicas, como a inauguração da nova ponte sobre o Rio Macaé, a integração aos sistemas telefônicos DDD e DDI, a formatura das primeiras turmas da FAFIMA – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé, o fechamento do Ginásio Macaé, os últimos dias de existência da Escola do SENAI, a história da imprensa macaense, o significados dos nomes das ruas da cidade, e um dos fatos que merecem mais destaque para a história de Macaé: a instalação da Petrobrás, com a construção de seu terminal marítimo, marco importante da história local que trouxe como consequência, o crescimento desordenado da cidade, preço pago pelo progresso.

A despedida acabou sendo a de 17 de novembro de 1978, “*Até a semana, com a velha amizade de ALVARO ANTONIO*”, já que afirmou que sua última crônica não foi publicada pelo jornal *O Fluminense*: “*E nem se dignaram, depois, publicar minha carta de despedida ao João*” (*O Debate*, 18/03/1986, p. 8). Acompanhando a publicação dos jornais não foi possível identificar os motivos pelos quais o fizeram parar de escrever. No entanto, em seu arquivo, no qual todas as crônicas estavam organizadas para publicação, como prefácio e posfácio prontos e assinados por ele, foi possível compreender as razões do desligamento do jornal.

No posfácio, explica aos leitores que o jornal havia tomado uma posição político-partidária, e, por isso, deixou de publicar duas de suas cartas, sem as devidas explicações, que faziam referência a políticos de Macaé. Posteriormente, após as eleições, onde manifestava sua tristeza em não ver eleito um primo de sua esposa, aconteceu outra censura: “*como a carta não foi publicada, entendi que, afinal, havia algo contra mim. Que me tornara indesejável colaborador, mesmo que sem ônus financeiro ao jornal*” (PARADA, 2006, p.157). Escreveu uma carta ao dirigente de *O Fluminense*, na época o Sr. Hélio Bastos, justificando os motivos que o faziam deixar de colaborar com este periódico e manifestando sua insatisfação em relação à censura que sofreu:

Concluindo, pois, haver censura política a meus escritos, tomei tal decisão de cessar meus macaenses escritos. Embora discordando, admito o direito de um jornal autocensurar-se e, por extensão, podar vãos e palavras de seus colaboradores. Em nome porém, de exemplos de meu passado de jornalista de meia tigela, recuso tal censura. E rejeito-a. E, logicamente, não a admito no que me concerne. Como cidadão, repugna-me qualquer censura ou tutela a pensamentos políticos ou a opiniões pessoais. Ainda mais quando em coluna assinada (PARADA, 2006, pp.158-159).

Retornou à imprensa macaense depois deste episódio em *O Fluminense*, e passou a colaborar no *Jornal da Cidade* e em *O Debate*. No *Jornal da Cidade* escreveu de 1978 a 1980

a coluna “Quem é Quem nas Ruas de Macaé”, de certa forma repetindo outras colunas anteriores, que já traziam a idéia de escrever sobre os homens que deram nomes às ruas da cidade.

O jornal *O Debate* surgiu em 1976 e era impresso em Niterói. Dois anos depois, passou a ser rodado em Macaé, pois o proprietário, Oscar Pires, adquiriu as primeiras máquinas para formação de uma empresa gráfica exclusivamente comercial, bem na época em que ele passou a ser seu colaborador. Neste jornal escreveu “Histórias Curtas e Antigas de Macaé”, de 1978 a 1985. A cada semana eram publicadas em média, três crônicas, numeradas seqüencialmente, com temas diversos. Foram sete anos colaborando, ininterruptamente, neste jornal e trazendo aos macaenses histórias das mais diversas, detalhes curiosos, retomadas de assuntos que ele considerava importante contar novamente. Além das crônicas havia um diálogo com os leitores, porque volta e meia ele publicava, abaixo das crônicas, notas para algum comentário.

Nestas notas encontramos evidências de que ele recebia, com freqüência, cartas de leitores e, sugestões de retificações: “*de uma de suas filhas ainda vivas, Anne Marie, e por intermédio do Sr. Godofredo Aguiar Leite, recebemos amável carta em que fazia a retificação*” (*O Debate*, 29/06 a 06/07/1979); “*Por um lapso, na história 273, publicada sábado último, deixou de contar o ano da Festa do Trabalho, promovida pela Lira dos Conspiradores. Tal ano foi o de 1909*” (*O Debate*, 02/08/1980); “*Do Sr. Álvaro Carneiro da Silva recebo amável puxão de orelhas, por haver transcrito, na história 403, a errônea informação*” (*O Debate*, 04/07/1981); “*José Gabriel da Costa Pinto (Rio de Janeiro) agradecemos a retificação*” (*O Debate*, 20/03/1982); “*Na história 763, por involuntária omissão de nossa parte deixamos de citar – e isso era indispensável*” (*O Debate*, 25/09/1983); entre outras. Isso demonstra que o espaço da imprensa era de aprendizagem, mantendo um diálogo constante sobre os assuntos ventilados nas histórias e, que estava aberto a críticas e sugestões. O espaço da coluna era também aproveitado pelo autor para fazer convites aos leitores, para lançamento de seus livros e pronunciamento de suas palestras.

Abaixo da coluna número 1.000, escreve carta aos leitores agradecendo e anunciando a chegada de uma nova coluna:

Hoje, estamos colocando um ponto final nesta coluna (...) Não sabemos até onde elas atingiram o objetivo diretor de sua elaboração: fazer a Macaé do passado mais conhecida aos macaenses do presente. Para muitos leitores de “O Debate” terá sido ela uma coluna dispensável. Conhecemos, porém, pessoas que acompanharam com razoável interesse – e nos manifestaram isso, oralmente ou por escrito – o conteúdo das Histórias Curtas e Antigas. A estas últimas, em especial, dedicamos a coluna que, a partir da próxima semana, aqui estará: Uma Data. Um Fato. Um Nome. (PARADA, O Debate, 23/03/1985).

“Uma Data. Um Fato. Um Nome” teve, no total, trinta e sete publicações, todas trazendo uma data, um fato e uma pequena biografia, ou comentários sobre um lugar, que considerava importante para que deixasse registrado nas páginas do jornal. Como exemplo, de pessoas, ele escreveu sobre Antonio Joaquim da Costa, Feliciano José Henriques, Francisco Augusto de Figueiredo, Frei Nicolau, para citar alguns. Sobre lugares narrou sobre a Fazenda da Machadinha, a Fábrica de Fósforos, o Tênis Clube, a Lira dos Conspiradores, o distrito do Sana, a Irmandade São João Batista, o Grupo Dramático Familiar, entre outros temas. Interessante notar que a data era a mesma do dia do jornal, por exemplo: data - 7 de agosto de 1879; fato – O Dr. Antonio Joaquim da Costa é nomeado Superintendente de Ensino do Município; nome – Antonio Joaquim da Costa. Parece uma mistura da coluna antiga “Calendário Macaense” com “Vultos que dão nomes às ruas”. Quando redigia sobre os lugares, fazia também como forma de biografia, trazendo os aspectos da fundação e as pessoas que estavam ligadas a eles.

Paralelamente a esta coluna passou a assinar artigos semanalmente, com temas livres, que somaram vinte e nove no total. A coluna não tinha nome específico, mas ao analisá-las nos pareceu com os moldes de “A Crônica da Semana” que escreveu em *O Rebate* na década de 1960. Trazia temas atuais e colocava sua opinião sobre eles, como exemplo, “O Bolo dos Royalties”, “O Museu Histórico”, “Escravidão e Engenhos”, “Uma escola Profissional para Macaé”, “Violência”, etc. Vez por outra, escrevia alguma homenagem a alguém: “O Amigável Amigo”, onde fala de Newton Carlos, amigo do tempo de estudante; “Os Cem anos de um Homem”, sobre seu pai; “Gilson, o Poeta”, para falar de Gilson Corrêa, companheiro da imprensa local e amigo; entre outros.

Em finais de 1985 foram finalizadas suas colaborações no jornal *O Debate* e as matérias publicadas sinalizam o início dos problemas de saúde. Título da primeira matéria encontrada: “*Exames Médicos levaram o escritor a interromper crônicas momentaneamente*”. Diz o início da matéria:

Pela primeira vez, desde a sete anos atrás passou a escrever ininterruptamente em O DEBATE o historiador Antonio Alvarez Parada que deixará de publicar uma de suas crônicas porque teve que ser internado para realizar exames médicos. Como todo bom profissional, Parada entrou em contato com a redação do jornal e lamentou a impossibilidade de preparar o seu texto “uma coisa que eu curto e gosto de fazer”. Mas a interrupção é passageira (...) (O Debate, 21/12/1985).

O jornal enganou-se na matéria, pois a interrupção não foi passageira. A crônica intitulada “O Bolo dos Royalties”, publicada em 14 de dezembro de 1985, foi a última participação de Tonito na imprensa e, seus escritos, que duraram aproximadamente trinta e seis anos, podem ser encontrados, muitos deles, em seus livros.

2. 2. 2 – Publicar livros, cristalizar pesquisas

De fato, muitos dos artigos escritos em jornais por Antonio Alvarez Parada referem-se a acontecimentos vivenciados por ele, demonstrando seu posicionamento em relação aos problemas que a sociedade macaense enfrentava. Outros tantos contemplam aspectos da História de Macaé. A própria constituição de seu arquivo pessoal, de fato, colabora para a preservação da memória do município porque contempla uma vasta documentação. Os livros que escreveu são resultantes de seus estudos em fontes diversas, denotando sua perspectiva de historiador.

Publicar livros para Tonito era uma forma de cristalizar o que pesquisou, de garantir que o que foi escrito existisse, se perpetuasse. Para Roger Chartier (1998), o livro sempre visou instaurar uma ordem:

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro (p. 8).

Antonio Alvarez Parada tinha como hábito enviar livros acompanhados de cartas para amigos, escritores, instituições e bibliotecas. Esta prática estendeu-se por todo período de sua vida intelectual e pode ser observada por meio da correspondência passiva presente em seu acervo, que está organizada numa pasta. Muitas são cartas de agradecimento pelo recebimento de livros, que permitem perceber uma parte da comunidade de leitores por ele estabelecida. Algumas agradecem sem fazer nenhum comentário sobre o conteúdo da obra, entretanto outras exprimem a opinião dos leitores.

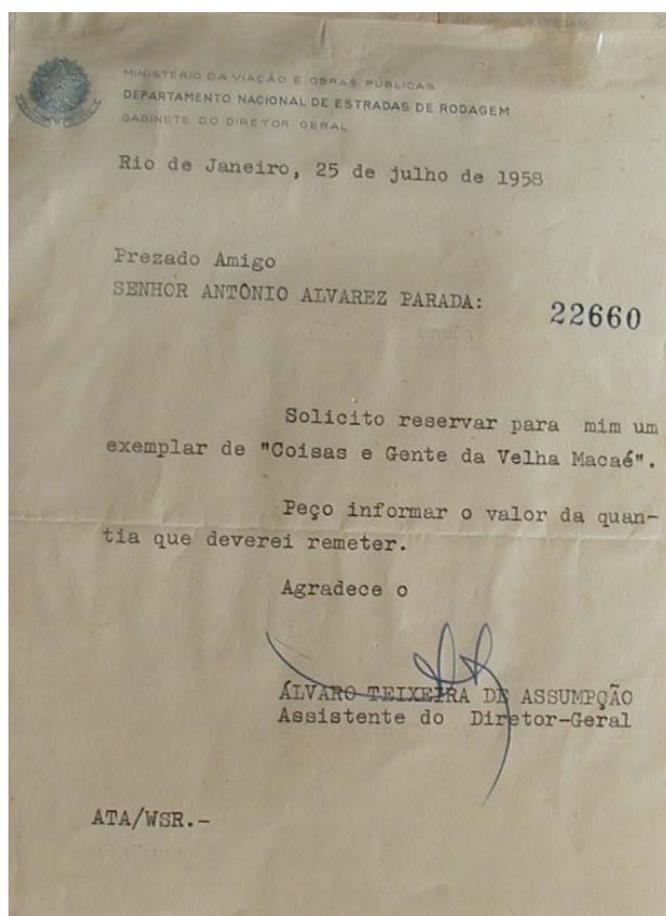
As cartas escritas por pessoas que agradeciam os livros enviados por ele de presente, permitem observar, na perspectiva posta por Giselle Martins Venancio (2001) que tal prática “significa uma forma de autopropaganda ao mesmo tempo que indica o reconhecimento do receptor como pessoa autorizada a estabelecer uma leitura legítima”.⁸⁸ Do mesmo modo é possível compreender uma estratégia de organização e desenvolvimento de suas redes de sociabilidade, além de propiciar a estruturação de uma comunidade de leitores que garantissem, de certa forma, a propagação de suas idéias.

Neste sentido, podemos afirmar que ele pretendia, com esta mesma estratégia, divulgar as suas pesquisas e receber, de certa maneira, a legitimação dos seus interlocutores e leitores. Entre as cartas recebidas, têm-se os registros de instituições que acusam o

⁸⁸ Este texto foi impresso a partir do site da Fundação Getúlio Vargas, onde se disponibiliza os textos da *Revista Estudos Históricos*. Por esta razão não há a indicação da página.

recebimento da obra.⁸⁹ Fundação Biblioteca Nacional, Academia Campista de Letras, Academia Cristã de Letras, Mosteiro de São Bento, Biblioteca do Arquivo Nacional, Biblioteca do Instituto Campista de Literatura, Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Instituto Campista de Literatura, Library of Congress Office – Brazil, Biblioteca Pública Real Gabinete Português de Leitura, Biblioteca do Itamaraty, entre outras.

Os registros também contemplam pessoas que faziam parte de suas relações pessoais: Magda Garcia, José Manoel de Azevedo, Francisco Soares Brandão Neto, Lourenço, Manoel Pereira do Vale, Adimar dos Santos Mancebo, Jorge Picanço Siqueira, Fernando Pires, Edgar de Toledo, Anna Francisca Silva, entre outros. Todos os livros são contemplados nas cartas. Recebia também algumas cartas e ofícios solicitando exemplares, como esta:

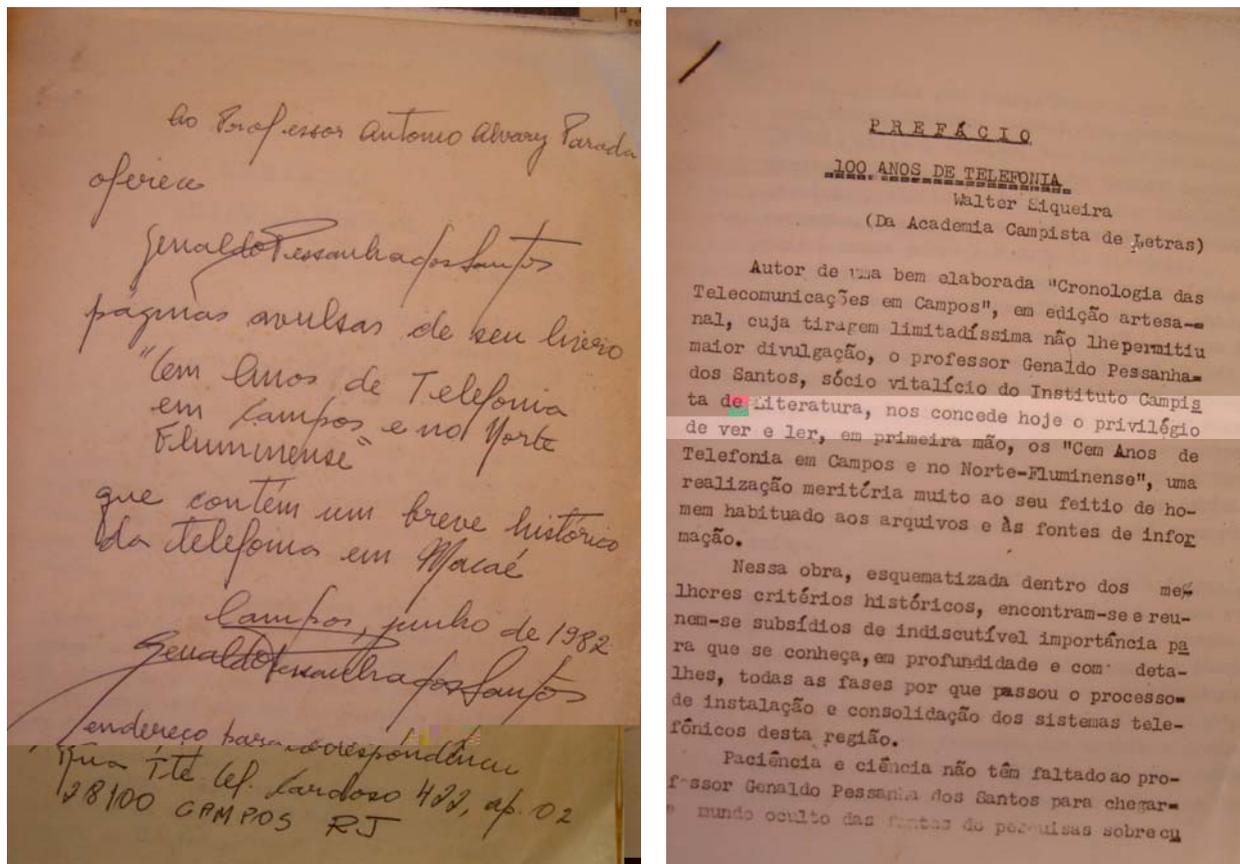


Carta de Álvaro Teixeira de Assumpção. 25/07/1958. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Da mesma forma que enviava livros e aguardava a apreciação das pessoas, também os recebia. No arquivo encontramos obras de outros autores enviadas a ele para análise. Como foi o caso do Geraldo Pessanha dos Santos, com “Cem anos de telefonia em Campos e Norte Fluminense”, páginas avulsas, datilografadas, com prefácio de Walter Siqueira, da Academia

⁸⁹ Os seus representantes e datas respectivamente: 12/01/1959; Godofredo Tinoco, 21/09/1958 e 06/09/1963; Alcindo Brito, em 19/07/1982; em 13/02/1984; Ondina Maio da Silva, 22/09/1983; Walter Siqueira, em 21/09/1983; Adelaide Albas, em 02/03/1983; Geraldo Pessanha dos Santos, em 23/05/1982; Mary Ellis Kahler, em 06/06/1981; Arthur Forte Faria de Almeida, em 08/01/1981; e s/d.

Campista de Literatura, para apreciação. O endereço para correspondência escrito ao final da dedicatória permite supor que o remetente aguardava uma posição em relação ao que já estava produzido até aquele momento.



Folha de rosto e primeira folha do prefácio de Walter Siqueira. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

As cartas também comentam as palestras ministradas. Uma delas registra a presença do príncipe Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança na conferência sobre o Barão de Monte de Cedro:

*Petrópolis, 22 de setembro de 1984.
 Prezado Antônio Alvarez Parada:
 Ao voltar de demorada ausência, achei na minha correspondência do Grão Pará, a plaqueta que o Senhor teve a gentileza de me fazer chegar às mãos, encabeçada por amável dedicatória.
 Será pra mim prazer passar os olhos no seu trabalho relembrando o interesse que tive em escutar sua Conferência sobre o Barão de Monte Cedro.
 Por isso tudo, muito obrigado.
 Dom Pedro de Orleans e Bragança*

Na resposta, onde o príncipe agradeceu a plaqueta enviada por Tonito, possivelmente em agradecimento à sua presença na conferência, indicou também o recebimento de um de seus livros, que não pudemos identificar.

Na primeira obra, *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), no final de cada crônica escrita, no total de 33, o autor faz referência às fontes. As crônicas têm temas diversos que

falam da cultura local, como a “Lenda de Sant’Ana”, o “Teatro Santa Isabel”, “O Carnaval de 1866”, “Anúncios Curiosos em Velhos Jornais”, “Inauguração do Telégrafo”, “Os Leilões em Macaé”, etc; de personagens que ultrapassam a história da cidade, como Jean de Léry, Gondomar, Saint-Hilaire, D. Pedro II, Princesa Isabel, Conde D’ Eu, entre outros; e de gente da cidade, como Bellegarde, Motta Coqueiro, Chico do Padre, Chico Diogo, Agenor Caldas, Dona Irene e tantos outros personagens da velha Macaé.

Os jornais dos séculos XIX e XX são suas principais fontes de pesquisa, como *O Século*, *O Autonomista*, *O Regenerador*, *O Rebate*, *O Jornal de Macahé*, *O Porvir*, *O Federalista*, *O Constitucional*, *O Telegrapho*, *O Monitor Macaense*; além de obras como de Antão Vasconcellos, Jean de Léry, Alberto Lamego, Augusto de Carvalho, Julio Feydit, Auguste de Saint-Hilaire; Gil de Mantuá; entre outros.

Neste livro ele escreve sobre diversos temas trazendo as fontes que utilizou no corpo do texto. Para exemplificar, ao escrever sobre “O Quilombo de Carukango”, toma como base o livro de Antão de Vasconcellos, *Evocações – Crimes célebres em Macaé* (1911)⁹⁰. Antonio Alvarez Parada faz uma releitura, resume e conta a história à sua maneira, em três páginas e, em diversos momentos, traz as palavras de Antão de Vasconcellos para sua narrativa: “*cuja descrição passamos a pena de Antão de Vasconcellos*” (PARADA, 1958, p 87).

Muitas vezes faz relações entre presente, passado e futuro. Ao escrever sobre o carnaval de 1866 inicia a crônica dizendo que escreve a título de curiosidade, para se conhecer um pouco sobre o carnaval do século passado, por meio dos jornais, “*para que tenhamos uma idéia de como era Momo celebrado há quase cem anos, e para que, nós mesmos, comparemos tal celebração com o culto que hoje é rendido ao Deus pagão*” (PARADA, 1958, p. 107). Ainda utilizando como fonte os jornais do século XIX, destina uma crônica para falar de vários anúncios divertidos e curiosos que encontrava enquanto pesquisava sobre o passado da cidade. Ela é finalizada com a seguinte observação do autor: “*Os macaenses do ano 2000 talvez estranhem, como nós fazemos hoje com anúncios do século passado, os que publicam em jornais de 1958*” (PARADA, 1958, p. 143).

Com base em suas leituras sobre o caso de Motta Coqueiro, Antonio Alvarez Parada narrou também nesta obra sobre os primeiros vinte e cinco anos de Macaé como cidade:

Já bem longe vai aquele 12 de setembro de 1852 em que, na freguezia de Santa Catarina, em Conceição de Macabu, foram barbaramente trucidada toda a família do lavrador Francisco Benedito da Silva. Essa chacina monstruosa, na qual foram sacrificados oito pessoas, inclusive inocentes crianças, teve como imputado mandante o fazendeiro Manoel de Motta Coqueiro que, culpado ou inocente, pagou com a vida na fôrca o horripilante crime (PARADA, 1958, p. 93).

⁹⁰ Nesta obra o autor narra sobre três crimes que tiveram ressonância em Macaé: o de Motta Coqueiro, o do Chico do Padre e do negro Carukango.

O caso fez com que lendas surgissem em torno do assunto, inclusive que, na hora da morte, Motta Coqueiro tenha rogado uma praga, pois morreu jurando inocência e dizendo que, durante cem anos, Macaé não teria progresso. Esse foi o motivo pelo qual, a população, por longo tempo, deu para a estagnação que a cidade sofreu. O negativismo referente à praga de Motta Coqueiro tomou conta dos macaenses e uma dúvida perdurou durante muito tempo: Macaé seria cidade turística ou industrial?

Outro aspecto importante a ser registrado sobre este livro é que foi ilustrado por ele. Na folha de rosto a indicação: “*Croquis de capa de João Paulo Cantuária*”; “*Texto ilustrado pelo autor*”. São cenas e personagens ilustrados no início de cada crônica, com caneta nanquim e, todos enquadrados com o mesmo tamanho:⁹¹



Três ilustrações do livro *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958). Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Ele conta as histórias com originalidade, recorrendo às fontes que utilizou para construí-las. Ao final de cada uma delas, faz provocações aos leitores: “*cada qual tire as conclusões que bem quizer*” (PARADA, 1958, p.15); “*Com a palavra o legislativo e o executivo municipais*” (op.cit., p.58); “*Que outro mais capaz faça o cálculo*” (op.cit.,p.66); “*Que os insatisfeitos, assim, respeitem aos menos o ideal nobre que animou o grande francês a escrever a sua obra*” (op.cit.,p.74); “*A pergunta está lançada a todos, à espera de uma resposta comprovadamente certa*” (op.cit.,p.79); para exemplificar.

No conjunto de textos e ilustrações deste livro fica explícita a especificidade de sua escrita: uma escrita localista, fundada num desejo de deixar registradas *As Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958). Esta característica também se faz presente nas publicações seguintes, a começar pelos títulos, pois todos se referem à cidade: *ABC de Macaé* (1963), *Histórias da Velha Macaé* (1980), *Imagem da Macaé Antiga* (1982) e *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983).

⁹¹ Os desenhos originais estão no arquivo.

ABC de Macaé (1963), guia informativo e turístico, editado cinco anos após o primeiro livro, foi lançado em comemoração ao sesquicentenário da Macaé. Inspirado na obra sobre a Bahia de José Valladares,⁹² ele constrói um guia com dados atuais sobre a cidade, em 1963, e desenvolve o livro com o que ele chama de “Pílulas de História”, título do segundo capítulo. Traça os caminhos da cidade através de um itinerário para quem ele chama de “visitante apressado”⁹³ que veio passar férias na cidade:

Faça de contas que você é de meia idade. Quarentão. Brasileiro, vacinado, casado, funcionário público federal, nem barnabé nem marajá, e que aqui deu com os costados, em férias, espôsa a tiracolo, aceitando a sugestão de um amigo. Amigo que, em Macaé, estivera há dois anos e que se encantara com uma permanência de quinze dias em Imbetiba. Você porém não teve essa folga. Teve três dias apenas para ser um homem feliz e realizado: conhecer Macaé. (PARADA, 1963, p. 29).

Em aproximadamente trinta páginas, ele vai traçando os caminhos da cidade como se estivesse passeando de carro e dando as instruções para o visitante, o motorista. Escreve informações diversas sobre a atualidade da época, misturando passado e presente: “A você, que já me chamou a atenção pela constância com que lhe mostrando a Macaé de hoje, reporto-me à do passado, perdão. Acontece, porém, que agora, então, não posso fugir do passado” (op. cit., p.44). Ao chegar com o visitante à Rua da Praia, a Avenida Presidente Sodrê, conta a sua história e recorda a beleza: “Ela já foi - infelizmente o verbo é êsse – uma linda e maravilhosa rua. Com jardins, duas pistas e balaustrada” (op. cit., p. 48). Ao mesmo tempo em que traça o caminho, aproveita para pincelar críticas:

Assim, a velha rua da Praia ficou irreconhecível. Vésperas de eleições, placas ostentando nomes de governantes pouco recomendáveis, trombetaram a recuperação de seu piso. Endireitaram uma pista, completaram com perfeição o estrago da outra e o dos canteiros internos e... até logo, passe bem. (PARADA, 1963, p. 49).

É, das suas obras, a que mais tem um cunho memorialístico, pois ele retrata suas lembranças enquanto constrói a narrativa. Ao chegar à Rua Conde de Araruama e contar sobre o Cine Santa Isabel, uma antiga casa de espetáculos que atualmente não existe mais, escreve sobre as lembranças da infância:

Durante nossa infância, lembramo-nos da quase centenária casa fechada. Vários anos depois, foi ela reaberta e adaptada para cinema, conservando o mesmo aspecto externo primitivo, de sólida construção e angulosa fachada. Aos poucos, todavia, o velho Santa Isabel, sem uma voz de protesto, foi sendo mutilado em sua fisionomia (PARADA, 1963, p. 38).

⁹² A indicação está no prefácio da obra, DUAS PALAVRAS, p.5.

⁹³ Este capítulo se chama CAMINHOS PARA O VISITANTE APRESSADO, pp 29 – 57.

Ao final do percurso, deixa o visitante e diz: *“Até a volta! Sim, até a volta, que sei que voltarão, inoculados que foram pelo veneno doce e encantado desta cidade de sonho”* (PARADA, 1963, p. 57). Continua a obra trazendo o registro da “Macaé Pitoresca”, título do capítulo seguinte e conta as lendas da cidade, os tipos populares e as festas comemorativas. Em “Artes, Letras e Ciências”, escreve sobre a produção cultural do Município e relembra nomes importantes do passado e do presente. O último capítulo, “Informações Diversas dos dias que correm”, detalha o panorama da época, como um guia turístico. Pretendia Tonito retomar a questão que sempre foi dúvida para os macaenses e, através do livro, defender que a cidade se direcionasse para a atividade turística?

Este é o único livro onde ele não faz referência às suas fontes. De fato ele se incorpora no que ele se autodenomina, *“contador de histórias”*, demonstra sua erudição e registra grande parte do conhecimento que já tem sobre o município.

Em *Histórias da Velha Macaé* (1980), escreve crônicas históricas sobre diversos temas e a todo tempo mescla com sua maneira de pesquisar e escrever. Já na primeira crônica, onde o tema é a região de Macaé no século XVI, sinaliza a importância do documento escrito para o registro da história:

Aqueles que buscam, com o infatigável amor à verdade e, em especial a verdade histórica, fatos sobre essas expedições, esbarram em seu maior adversário: a falta de documentos. Sem provas – e provas são os documentos de autenticidade indiscutível – não se pode contar História (PARADA, 1980, p. 15).

Nesta afirmação podemos caracterizar sua prática de pesquisa como positivista, onde a História era feita de documentos escritos e a principal tarefa do historiador é *“recolhê-los e submetê-los à crítica externa e à crítica interna para comprovar sua autenticidade”* (SILVA, 2005, p. 158). Tonito buscava a verdade histórica e convocava as pessoas a participarem do debate em torno de tais acontecimentos.

Neste mesmo livro, retoma um tema polêmico: o nascimento de Benjamin Constant, que havia abordado no primeiro, no qual deixou uma questão aos leitores: *“Nasceu em Macaé? A pergunta está lançada a todos, à espera de uma resposta comprovadamente certa”* (PARADA, 1958, p. 79). Inicia a crônica assim:

De todos os assuntos focalizados em nosso Coisas e Gente da Velha Macaé apenas um, o desta crônica, volta a ser ventilado, para integrar as páginas deste livro: o batizado de Benjamin Constant. Razões diversas para essa reexibição: a importância nacional de seu personagem, algumas interrogações ainda envolvendo o fato e a necessidade por nós sentida de refundir a crônica original. Explicações postas à mesa, vamos ao prato (PARADA, 1980, p. 37).

Complementa a análise que tinha feito na publicação anterior a partir de um livro de batismos e lança: *“Ocorre entretanto – e isto é fato e não hipótese – que na folha 80 do Livro*

número 3 de Batizados ‘na Vila São João de Macaé e na Freguesia do Barreto’, livro abrangendo o período de 20 de outubro de 1820 a 15 de fevereiro de 1843, há o seguinte lançamento: *batismo*”, e finaliza fazendo provocações aos leitores sobre o fato:

Como se vê, há alguma coisa intrigante e não deslindada nos primeiros anos de vida de Benjamim Constant. Embora, particularmente, estejamos convencidos de seu nascimento em Niterói, algumas interrogações se fazem presentes. a) Por que Benjamin Constant levou tanto tempo (cinco meses e oito dias) para ser batizado, em época em que normalmente tal não ocorria? b) Por que, nascido em Niterói, veio a ser levado à pia batismal em Macaé? c) Em que dia exato, quase certamente por via marítima, o bebê Benjamin e seus pais saíram de Niterói rumo a Macaé? d) Por que – em atitude esquisitamente excepcional – o Padre Tremedal não registrou a idade do batizando? e) Que razões teriam conduzido, em suas pesquisas, Augusto de Carvalho a afirmar o nascimento de Benjamin em nossa cidade, ainda mais levando em conta a honestidade e a probidade do grande historiador do nosso passado? São perguntas a desafiar quem aceite responde-las. Não haverá quem enfrente a provocação? (PARADA, 1980, p. 44).

Estes questionamentos indicam que Antonio Alvarez Parada tentava reconstruir as condições do acontecimento e convocava a sociedade a participar do debate.

Outro assunto que ventila nesta obra se refere a quatro macaenses que considera ilustres, que nasceram, mas não viveram em Macaé. No entanto, projetaram a cidade: Figueiredo Pimentel, jornalista, contista, poeta, romancista, autor de livros infantis; Seth – Álvaro Marins, desenhista; Domingos Ribeiro Filho, jornalista e romancista; e Viriato Figueira Filho, falutista e compositor. Antes de começar a biografá-los, mostra que toda cidade deve ter orgulho dos filhos que a projetam e questiona: “*o que é ser macaense?*” (PARADA, 1980, p.137). Os questionamentos levam o leitor a pensar que muitos macaenses, apesar de nascidos, nunca voltam à sua terra natal. Do lado oposto, tem os que vêm para a cidade e a adotam, fazendo muito mais por ela do que os próprios macaenses. Estes, na opinião de Tonito, devem ser considerados também macaenses, aqueles que também cuidam da terra, que trabalham para o seu progresso.

Imagem da Macaé Antiga (1982), além do título, tem a foto da cidade, convidando o leitor a admirar e conhecer outras imagens da Macaé antiga. A fotografia da capa traz a principal rua, em 1908, com o Bonde da Cia de Ferro Carril, a Avenida Rui Barbosa, conhecida por todos, até hoje, como Rua Direita. No interior do livro existem mais 25 (vinte e cinco) fotografias, todas acompanhadas de um texto explicativo: “A Alfândega”, “O Cais do Rio”, “A Praça Washington Luis”, “O Solar Monte Elíseo”, “O Teatro Santa Isabel”, “O Carnaval de Rua”, entre outros. Na própria capa está exposto que o texto e o arquivo fotográfico pertencem ao autor.

Ao dirigir seu olhar para o entrecruzamento de fronteiras entre arte, antropologia e fotografia, Ana Maria Mauad (1995) tece considerações importantes sobre a utilização da

fotografia como “*texto*” e conclui no seu trabalho a importante tarefa do pesquisador que utiliza a fotografia como fonte:

A fotografia como representação que se fundamenta num ato, numa pragmática, remete à análise dos processos de produção de sentido por ela veiculados ao contexto histórico no qual é realizada. Neste caso, sua leitura é sempre histórica. A dimensão da historicidade, reinscrita na mensagem fotográfica pela idéia de ato fundador, não só reabilita o sujeito como agente produtor de sentido, mas o identifica ao objeto fotografado, considerando ambos como parte da mesma ação. Dessa forma, fica ao historiador, sujeito de um outro tempo e agente de um novo sentido, o desafio de aperfeiçoar sua capacidade para decifrar pistas, compreender indícios e avaliar sinais (p. 151).

Na apresentação intitulada “Palavras”, agradece a colaboração de diversas pessoas para que estas fotografias fossem colocadas neste livro, indicando assim outros integrantes de suas redes de sociabilidade:

Como, também, não posso calar-me e silenciar minha gratidão àqueles que me ofertaram muitos dos flagrantes valorizadores desta obra: Celina Caetano Azevedo, Rachel da Silva Reid, Joaquim da Silva Murteira, já falecidos, Joaquim Santos Moreira, Ancyra Gonçalves Pimentel, Zilda Benjamin de Aguiar e José Passos de Souza Júnior. Com antecipadas desculpas por alguma possível e involuntária omissão nesse sentido. Reconhecimento atingindo, ainda, Luiz Cláudio Bittencourt, pela gentil reprodução de algumas destas fotos. (PARADA, 1982, pp. 9-10).

Apesar de fazer esses agradecimentos, no conteúdo do texto que acompanha cada fotografia não se tem os nomes dos fotógrafos, com exceção de um, o Lulu, Aloísio de Sá Vasconcellos,⁹⁴ que tem na própria imagem do Centro Comercial e da Praça Washington Luís a sua assinatura. O cuidado do autor foi somente de registrar a data da fotografia, característica que considerava importante para situar o acontecimento, já que um dos objetivos do livro era preservar, mesmo que parcialmente, a memória fotográfica da cidade. Quando não tinha a informação, Antonio Alvarez Parada (1980) não afirmava,⁹⁵ cercava-se de cuidados usando expressões do tipo: “*provavelmente de 1925*” (p. 12); “*a foto, do final da década de 30*” (p. 14); “*A fotografia de 1936*” (p. 20); “*A fotografia apoio deste registro é de 1918*” (p. 24); “*Podemos afirmar ter sido depois de janeiro de 1926, quando o calçamento da rua, aí bem nítido, foi inaugurado. O ano de 1930 foi posterior a ela, pois o Cine Teatro Taboada nem havia tido sua construção iniciada. Possivelmente, portanto a foto é de 1928 ou 29*” (p. 28); “*Essa foto, de 1926*” (p.34); “*A fotografia da página ao lado, embora de imprecisa data*” (p. 36); para exemplificar.

⁹⁴ Fotógrafo e filho do fotógrafo da cidade Luiz Sólón.

⁹⁵ Respectivamente os títulos das crônicas a que se referem as imagens: Hotel de Imbetiba, A Alfândega, A Remodelação da Avenida Presidente Sodrê, Rua Direita no Começo do Século, O Centro Comercial, Rua Euzébio de Queirós e A Estação da Leopoldina.

As intenções para que a fotografia exista são variadas: para recordar, documentar, informar, divulgar, dedicar, ou, simplesmente, guardar. O que importa é que, na sua materialidade, tornam-se detalhes que ficarão fixos para sempre. O momento é irreversível na medida em que, apesar de representarem personagens em um determinado lugar, numa época específica, após o instante do registro, cada participante daquela cena segue um curso independente: *“A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele momento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transformam e também desaparecem”* (KOSSOY, 2001, p.156). Por meio desta publicação é possível analisar os cenários, suas transformações e desaparecimentos. Provavelmente a intenção do autor era chamar a atenção para tantas mudanças pelas quais a cidade vinha passando.

Em *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983), destinada ao pequenino leitor, como já indica o próprio título, transforma parte do que já escreveu sobre a cidade em linguagem adequada ao leitor infantil, pretendendo dar acesso às crianças ao conhecimento da história do município. No impresso, o autor escreve sobre a evolução de Macaé, do século XVII ao final do século XX, de forma quase sempre linear e cronológica, apresentando às crianças muitas das mudanças pelas quais a cidade passou. A falta de material didático da história de Macaé destinado ao público infantil fez com que o autor aceitasse o convite da Petrobras para produzi-lo, que parece ter reconhecido nele a competência para executar esta tarefa, já que foi autor de várias obras de referência sobre Macaé, que privilegiavam crônicas históricas.

Na narrativa, o autor se coloca no lugar da cidade, personifica-se nela enquanto autor social; conta o passado e interroga o presente. O título já identifica esta personificação, *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983), e a maioria dos títulos das crônicas dá continuidade a esta estratégia utilizada pelo autor. As que denotam maior evidência: “Quem sou eu”; “Minha gestação”; “Meu nascimento”; “Eu, como fazenda”; “Até que enfim, livre e emancipada”; “De vila a cidade”; “Meu crescimento”; “Minha vida de hoje”. De certa forma ele vai comparando o crescimento de uma cidade ao próprio crescimento de uma criança:

Vocês sabem. Antes de nascerem há um período de nove meses durante o qual, a partir de um óvulo produzido por suas mães, vocês são formados. Não é isso mesmo? No exato momento em que esse pequenino óvulo é fecundado vocês começam a existir. (...) Pois, podem vocês acreditar, coisa parecida acontece conosco, as cidades (PARADA, 1983, p. 9).

Em todas as crônicas ele utilizou a estratégia de colocar questões, possivelmente porque não estava acostumado a escrever para crianças. Assim, fez a opção por uma linguagem aproximativa, um artifício narrativo de conversa com o leitor. Como era professor e dava aulas de Química para o curso do antigo científico, o contato com crianças foi maior

com os sobrinhos, pois não teve filhos e, para escrever fez opção em utilizar elementos que favorecessem a construção de sentido na narrativa, agora escrita para um público o qual ainda não tivera a oportunidade de escrever.

A dificuldade que ele admitiu sentir ao escrever para crianças não era incomum até mesmo entre escritores consagrados. Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1988), ao analisarem a literatura infantil brasileira, apontam que Olavo Bilac, por exemplo, ao apresentar uma de suas obras aos leitores,⁹⁶ afirma que, quando foi convidado a preparar um livro para crianças, pensou nas dificuldades decorrentes deste tipo de trabalho: “*Como perder o escritor a feição que já adquiriu, e as suas complicadas construções da frase, e o seu arsenal de vocábulos peregrinos, para se colocar ao alcance da inteligência infantil?*” (p. 273). Este foi um desafio que o escritor tentou superar e admitiu na apresentação: “*Não sei se consegui vencer todas essas dificuldades*” (p. 273).

As autoras examinam também o prefácio dos escritores Francisca Júlia e Júlio César da Silva ao publicarem *Alma Infantil* (1912), onde sinalizam que as obras para crianças devem conter lições para serem úteis e substanciais, já que as crianças precisam de bons exemplos para aprender: “*e todas essas composições são feitas de modo a prender não só, pelo máximo cuidado da forma do verso e pela elegância da fatura, o interesse dos cultivadores das letras, como pela linguagem fácil e correntia, a curiosidade das crianças*” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1988, p. 278). O mesmo aponta os escritores Manuel Bonfim e Olavo Bilac: “*o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição*” (op. cit., 276).

Para contornar suas dificuldades na construção das crônicas, em alguns momentos Antonio Alvarez Parada traz elementos que dificultam a interpretação, apresentando conflitos, dele mesmo, com a escrita da narrativa. Quando descreve, por exemplo, sobre a atuação dos prefeitos, partindo do início do século XX, interfere com uma dúvida, que deixa clara a sua dificuldade em traduzir sua pesquisa para a lógica das crianças:

Não sei, crianças, como será melhor narrar-lhes esta fase. Se fazendo-o cronologicamente (vocês sabem o que é isso, não?) ou rememorando-a por assuntos. Este último processo talvez seja mais fácil para mim e, já que esta fase foi assim meio no vai-da-valsas, também entro no ritmo. Vamos lá (PARADA, 1983, p. 52).

Importante evidenciar que, como educador, Antonio Alvarez Parada demonstrou, no conteúdo do livro, a preocupação de que a criança precisava saber sobre a história de Macaé para poder atuar enquanto cidadã e, de certa forma, preservar sua identidade.

Apesar de o livro ter sido encomendado pela Petrobrás, ele registra suas preocupações como macaense no que se refere ao progresso que chegou na cidade. Analisa

⁹⁶ Refere-se ao livro *Poesias Infantis*, de 1949.

alguns acontecimentos como as transformações ocorridas na Praia de Imbetiba, as construções dos prédios no centro da cidade, os navios ancorados no porto, helicópteros e aviões sobrevoando a cidade, o índice de criminalidade aumentando, o custo de vida subindo e as modificações nas paisagens da cidade. Pergunta as crianças: “*Como eu disse, dou uma espiada geral e fico pensando: terá valido a pena tudo isso?*” (PARADA, 1983, p. 66). Continua suas reflexões e pondera os dois lados do progresso:

De um lado vejo vantagens, e não poucas, trazidas pela Petrobrás. De outro, os prejuízos advindos do que tive que abdicar devido a ela. Se fico satisfeita com o progresso chegado a toque de caixa, com o aumento da arrecadação municipal, com o aparecimento de algumas oportunidades de emprego para meus jovens, entristeço-me ao constatar, por exemplo, a carestia subindo e o sacrifício que isso impôs a boa faixa de minha população, meio marginalizada no progresso instalado (PARADA, 1983, p. 64).

Num tom saudosista, termina suas reflexões: “*Não lhes direi não estar sentido falta de minha paz perdida. Sua ausência já me dói com saudade*” (PARADA, 1983, p.64). Suas palavras encerram as histórias solicitando que as crianças estudem, pesquisem e construam o futuro de Macaé. Parecia que adivinhava que esta seria a última vez que presenciaria a publicação de um livro seu.

A análise dos livros editados em vida permite afirmar que para ele, publicar livros era uma forma de cristalizar suas idéias. Como afirma Michel de Certeau (1994), “*a escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução*” (p. 270). Além de possibilitar, por meio dos livros, que outras pessoas tomassem conhecimento do que produziu, eles conservam o registro, independente do autor estar vivo ou não. Os livros subsistem.

2. 2. 3 – Um suporte para a circulação de idéias: as revistas

A *Academia*, da Academia Macaense de Letras – AML passou a ter a forma de revista no segundo volume. O primeiro foi em formato de *Boletim Oficial da AML*, publicado em 29 de julho de 1963, data de aniversário do Município. Nesta mesma época Antonio Alvarez Parada estava lançando seu livro *ABC de Macaé* (1963) e já no boletim uma nota de Álvaro Bastos, membro da Academia, sobre a obra. Uma das finalidades da AML era criar ambiente favorável a manifestações culturais e, a revista foi uma delas.

No ano seguinte, o número 2 da *Academia* foi publicado em forma de revista, na mesma época do anterior, em julho, só que de 1964. Neste, Antonio Alvarez Parada já é indicado, no editorial, como Diretor-responsável, juntamente com Herivelto Ferreira do

Couto, Diretor-secretário e Sylvio Roberto dos Reis Peixoto, Diretor-tesoureiro. Esse grupo foi responsável pela edição da revista até o número 12, de janeiro de 1967. A partir do décimo terceiro número, ao expediente da revista foram acrescentados dois componentes: Miguel Ângelo da Silva Santos, Diretor-técnico e Denildo Rodrigues de Siqueira, Diretor-artístico. Este grupo participou até o número 15, do último trimestre de 1967, quando, ao que tudo indica, cessaram as publicações.⁹⁷

No arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada, os exemplares das revistas estão reunidos em dois volumes encadernados. O primeiro com o Boletim e os exemplares da revista até o número 8 e, no segundo, do número 9 ao número 15. Na primeira encadernação, além dos exemplares da revista constam dois índices organizados por ele: um índice por autores e outro por assuntos; ambos indicando a página e o número da revista.

Durante cinco anos este periódico foi o canal de interlocução entre a Academia Macaense de Letras – AML e a sociedade. Em 1963, a publicação do *Boletim Oficial*; em 1964, duas revistas; em 1965, 1966 e 1967, quatro revistas por ano. O número de páginas foi crescendo e os últimos seis volumes já alcançavam 31 páginas. A revista recebia colaboração não só de seus membros, mas de membros de outras academias e, até mesmo, de outros países.

Em todas as revistas existem referências ao nome de Antonio Alvarez Parada, membro da Cadeira nº 1 da AML. Ora em artigo assinado por ele, ora artigo sobre ele. Ou ainda simples citações a seus livros, artigos, cursos e palestras. Vale ressaltar que algumas matérias das revistas não são assinadas e os indícios levam a acreditar que muitas delas foram escritas por Antonio Alvarez Parada principalmente pelos títulos, pela forma de escrita, pelas finalizações dos textos que traziam questões muito parecidas com as que já havia publicado, enfim.

Para exemplificar, cada número trazia um caderno especial: Caderno de Poesia,⁹⁸ Caderno de Arte,⁹⁹ Caderno de Ciência,¹⁰⁰ Caderno de Educação,¹⁰¹ Caderno de Pintura,¹⁰² Caderno de História¹⁰³ e Caderno da Imprensa.¹⁰⁴ Em Caderno de História há doze matérias. Cinco são assinadas: “Século XIX - A Questão da Barra de Carapebus”, de Elbe Tavares de Almeida; “Porque Glicério e Não Crubixais”, de Antonio Otto de Souza; “O Presente – A

⁹⁷ Recentemente a Secretaria Municipal de Acervo e Patrimônio Histórico recebeu doação do jornalista Luiz Ernesto Carneiro da Silva, No acervo, as revistas estão encadernadas em um único volume e também somam um total de 15 exemplares.

⁹⁸ *Academia*, ano III, n 9, abril de 1966, pp. 8 – 15.

⁹⁹ *Academia*, ano III, n 10, julho de 1966, pp. 15 – 23.

¹⁰⁰ *Academia*, ano IV, n 11, outubro de 1966, pp. 14 – 21.

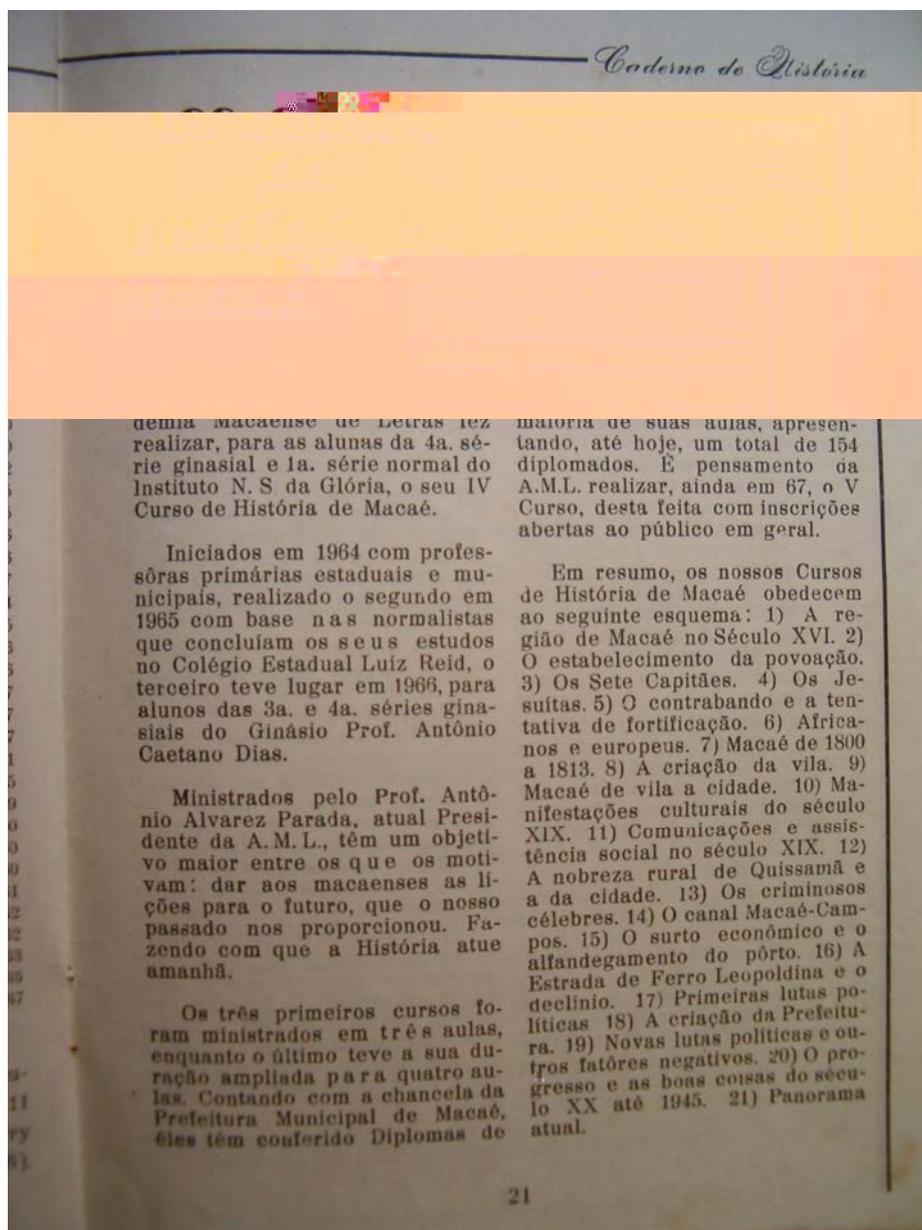
¹⁰¹ *Academia*, ano IV, n 12, janeiro de 1967, pp. 14 – 18.

¹⁰² *Academia*, ano IV, n 13, maio de 1967, pp. 14 – 18.

¹⁰³ *Academia*, ano V, n 14, julho de 1967, pp. 11 – 22.

¹⁰⁴ *Academia*, ano V, n 15, outubro, novembro e dezembro de 1967, pp. 11 – 20.

História Acontecendo”, de um aluna do Colégio Nossa Senhora da Glória identificada apenas por H. H. A.¹⁰⁵; “No Tempo dos Bigodões”, de Joaquim da Silva Murteira e “Os Prefeitos do Município de Macaé”, de Fernando Alves Petersen. Uma, escrevendo sobre os cursos que Tonito ministrava.



Página 21 da Revista *Academia*, ano V, n.14, 1967. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

As outras seis matérias não são assinadas. E por que não foram assinadas? O desenvolvimento do conteúdo das mesmas instiga a supor que seriam de autoria de Tonito, já que era o coordenador da revista e tinha conhecimento dos assuntos ventilados. Os títulos das matérias são: “Século XVI – Da Pirataria à Batalha”, “Século XVII – Da Diplomacia à Sotaina”, “Século XVIII – Da Fortificação a Macaé em Hasta Pública”, “Século XIX – Do

¹⁰⁵ Este trabalho resultou das atividades de encerramento do IV Curso de História de Macaé, ministrado por Antonio Alvarez Parada.

Progresso à Nobreza”, “Século XX – Do Declínio ao Rejuvenecimento” e “O Futuro – Do Microorganismo ao Turismo”. Todas têm aspectos comuns e parecem ter sido escritas pela mesma pessoa, além de obedecerem a uma cronologia. Como, na época, era Tonito quem ministrava os Cursos de História oferecidos pela AML, possivelmente era o autor dos textos.

Outras revistas tiveram a participação de Tonito, porém nenhuma delas com a continuidade da *Academia*. Na comemoração do centenário das duas bandas musicais da cidade, ele participou da edição das duas revistas.

Em *Revista Comemorativa do 1º Centenár*

Tonito.

etórica e a junção de muitos pseudo-mestres,

ação

sobre os

ntal para Antonio Alvarez Parada, o que permite afirmar, na mesma perspectiva posta por *porque fazia parte suportes políticos-so idéias*” (p. 46). A participação feminina de Maria José Borges Guedes e Mariná de Moraes Sarmento.

2. 2. 4 – Cursos, conferências e discursos

Além de escrever para periódicos e publicar livros, Antonio Alvarez Parada ministrou cursos e pronunciou palestras promovidas pela Academia Macaense de Letras - AML. Em algumas matérias de *Academia*, os cursos de Antonio Alvarez Parada sobre a História de Macaé eram divulgados: “A Academia fêz realizar nos dias 9, 10 e 11 de julho, na Sala Roberto Reid, Colégio Estadual Luiz Reid, o seu primeiro Curso de História de Macaé, para professoras primárias” (*Academia*, ano II, n.3, 1964, p. 11); “O flagrante fixa uma das aulas do II Curso de História de Macaé” (*Academia*, ano III, n.7, 1965, p. 13); “(...) êste curso foi dedicado aos alunos co Ginásio Caetano Dias” (*Academia*, ano IV, n.11, 1966, p. 4); “Ministrados pelo Prof. Antônio Alvarez Parada têm um objetivo maior entre os que o motivaram: dar aos macaenses as lições para o futuro, que o nosso passado nos proporcionou” (*Academia*, ano V, n.14, 1967, p. 21). Estes quatro exemplos permitem afirmar que, a partir de 1964, anualmente, a AML oferecia Cursos de História ministrados por Tonito e, em cada ano, direcionado para uma instituição diferente de ensino.

Além dos cursos sobre estes temas, ministrou também sobre Química, disciplina de sua especialidade e sobre a qual era grande estudioso. Em um de seus álbuns de fotografias estão organizados os registros de algumas atividades da AML, como esta, onde fez uma conferência com o título “O Átomo e sua constituição”, em novembro de 1966:



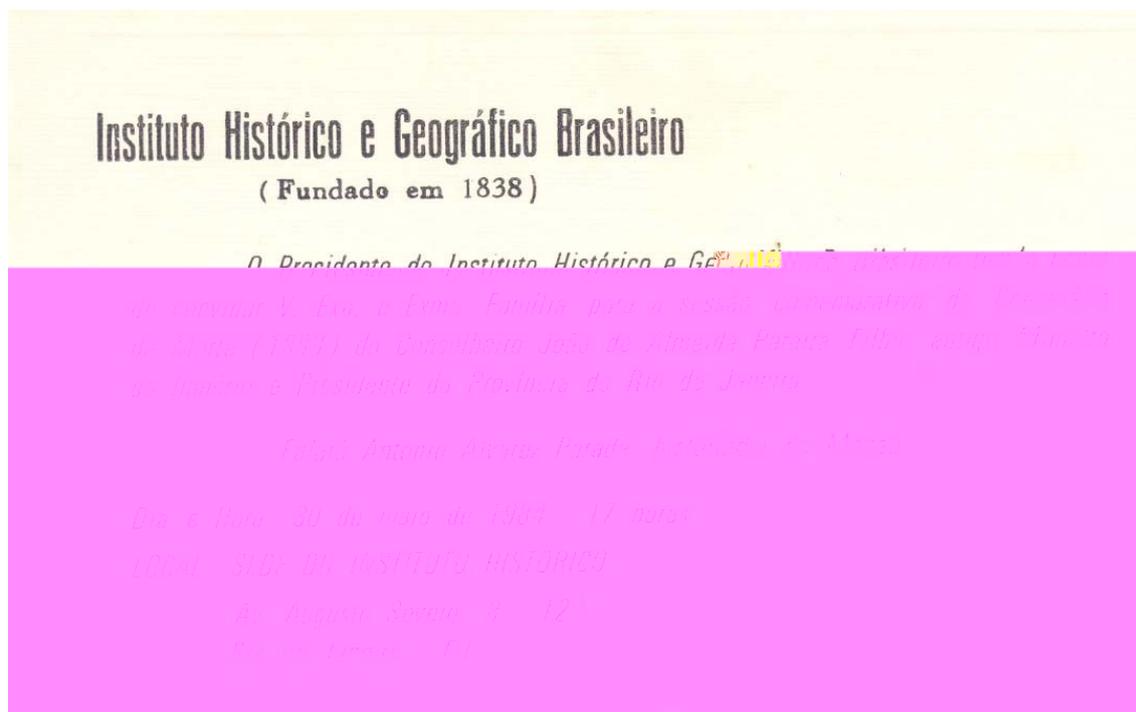
Antonio Alvarez Parada e alunos do curso. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Duas conferências realizaram-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB. A primeira delas mereceu artigo de Marcello e Cybelle de Ipanema, pesquisadores da história regional, e demonstrou a importância de Tonito para as pesquisas de história local:

O eminente colega de magistério do Estado e ilustre historiador de Macaé, confirmou naquela tribuna, que vem testemunhando tantas glórias oratórias – Nabuco, Calmon, entre outros – o extraordinário tribuno que é (...). Sob o ponto de vista da História, construiu, com exaustiva revelação de fontes, trabalho irreparável, em texto que, para sermos breves, é página antológica. (...) O sucesso de Parada no Instituto não surpreendeu os autores desta narrativa. No afã de estudar o passado do Estado e suas regiões, conhecem a documentada produção histórica de Parada que se expressa nos seguintes títulos: Histórias da Velha Macaé, Coisas e Gente da Velha Macaé e ABC de Macaé (O Debate, 04/12/1982).

A primeira foi sobre o Barão de Monte de Cedro, o João José Carneiro da Silva, cujo centenário de falecimento foi no mesmo ano da conferência. No discurso, traça a genealogia da família Carneiro da Silva e inicia a construção da biografia de João José Carneiro da Silva: “Bem fácil é, portanto imaginar o quanto Quissamã esteve presente nas altas camadas dirigentes da Província do Rio de Janeiro” (PARADA, 1982, p. 87). Analisa documentos pessoais do biografado, cartas, manuscritos e constrói um discurso laudatório, tratando o barão como o homenageado da noite, destacando suas qualidades e enaltecendo suas ações.

O mesmo faz quando discursa sobre o Conselheiro Almeida Pereira. Porém a segunda palestra mereceu mais cuidados, a começar pelo convite para o pronunciamento, feito pelo IHGB e que reconhece Antonio Alvarez Parada como historiador de Macaé:



Convite da Palestra sobre o Conselheiro Almeida Pereira. Collecção D. Rosa Joaquina.

O próprio discurso, proferido no Salão Nobre do Instituto, foi mais formal, onde retoma que já havia estado na casa e enaltece que foi convidado a proferir a segunda palestra. Assim o discurso se inicia, depois de cumprimentar os dirigentes da sessão e a todos os presentes:

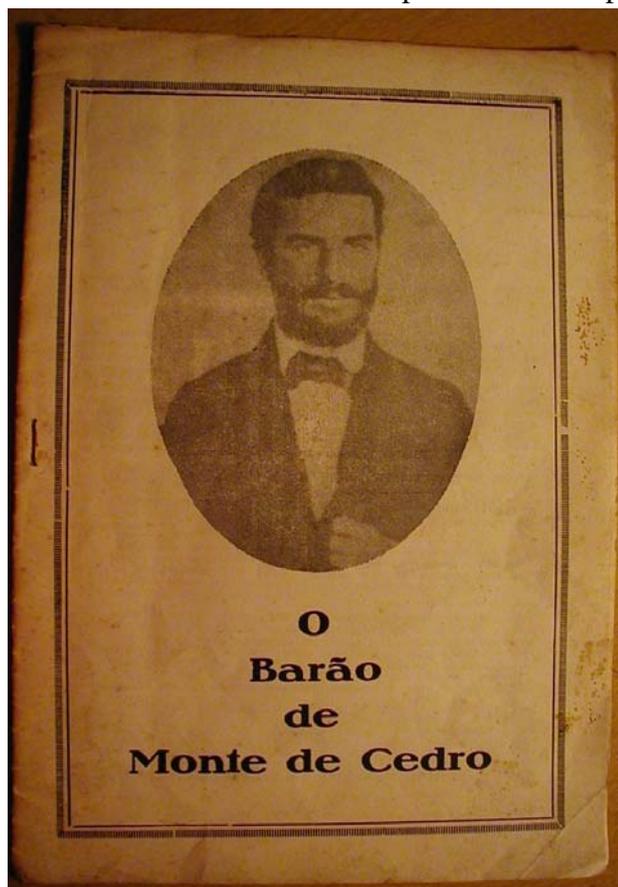
Há um ano e meio estive aqui, nesta casa de tão ricas e vivas tradições, honrado com a faculdade que ela me deu de elevar a voz, em sua tribuna. Em palavras centralizadas na figura de João José Carneiro da Silva, barão de Monte de Cedro, cujo centenário de falecimento este Instituto lembrava em sessão especial. Desvanecido estava ainda com tamanha consideração tida para com – sejamos francos e realistas – um mero professor secundário da cidade do interior, não me abandonara, ainda, o sabor do doce-de-coco que aquela presença, aqui, para mim significaria, e eis-me a receber convite para degustar o mel de novo comparecimento ante vós. Motivo? Semelhante. A relembração de um vulto algo esquecido nos dias de hoje, aproveitando-se a passagem, em 1983, do centenário, também, do seu falecimento. Tal como fizera com seu cunhado, o titular de Monte de Cedro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro resolvera ressuscitar os atos e fatos da vida de João de Almeida Pereira Filho, o conselheiro Almeida Pereira (PARADA, 1986, pp. 488-489).¹⁰⁶

Recorrendo a uma narrativa de cunho autobiográfico, o discurso se inicia tendo como fio condutor os passos que fizeram Antonio Alvarez Parada conhecer o “Almeida Pereira” e, conseqüentemente a história desta família e de seus componentes. Diz ao público: “*A figura do conselheiro Almeida Pereira ser-vos-á exibida sem tentar este apresentador dar-lhe contorno de sua própria ótica. É aliás, bem comum dizer-se toda biografia ser obra do autor. Não no sentido de o trabalho haver saído de sua pena, e sim na intenção de o retrato não ser totalmente fiel ao modelo*” (op. cit., p. 491). A partir desta colocação expõe aos presentes que traçará a trajetória de seu homenageado a partir de sua ótica, de como interpreta os documentos a que teve acesso.

Mais metódico, traz para o discurso trechos dos trabalhos publicados por Almeida Pereira e outros documentos que embasam a sua pesquisa. Na publicação, os apensos, para quem quiser as referências, e os textos que embasaram a sua narrativa. Esses elementos nos permitem afirmar que Antonio Alvarez Parada, ao longo de sua trajetória, foi aprendendo a desenvolver suas pesquisas respeitando algumas normas de trabalhos acadêmicos. Sinalizar e transcrever, no final de sua palestra, todos os documentos consultados foi uma forma de legitimar sua pesquisa, demonstrar seu trabalho de investigação e propiciar que os presentes e os que depois tomassem conhecimento de seu texto, pudessem avaliar suas afirmações e análises. Dessa forma, podemos dizer que ele foi se tornando historiador, construindo sua auto-representação e sendo designado como tal.

¹⁰⁶ A publicação da conferência foi após o seu falecimento, por isso a data de referência. Ela foi pronunciada em 30 de maio de 1984. *In*: Revista do IHGB, Rio de Janeiro, 147 (351): 488- (351), abr/jun. 1986.

Os dois discursos foram reproduzidos em gráfica e distribuídos para os presentes e, posteriormente para outros membros da sociedade. A imprensa também publicou partes deles.



Palestra sobre o Barão de Monte de Cedro. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Tonito tinha talento para a oratória. Gostava de discursar, de falar em público. Nos eventos em que estava presente, era sempre convidado a pronunciar algumas palavras, mesmo sem preparação anterior.

2.3 - A construção da memória e da história de Macaé

Antonio Alvarez Parada não se considerava um historiador. Antes da dedicatória atribuída “às crianças macaenses de hoje e amanhã” em seu último livro, o autor esclarece poeticamente os motivos pelos quais poderia ser considerado não um historiador, mas um contador das histórias de Macaé:

A impossibilidade que tenho, por falta de conhecimentos mais profundos, de escrever algo realmente digno do título História de Macaé, sempre deixou-me sem poder atender a sugestões nesse sentido. Sugestões partidas de amigos e de leitores das várias coisas que, sobre o passado de minha terra, venho escrevendo, há anos em livros e jornais. Sempre procurei, entretanto, contornar aquela impossibilidade. Se não podia escrever uma História de Macaé, o jeito era contar histórias de Macaé. (PARADA, 1983, p. 8)

Este seu posicionamento estaria ligado a uma certa necessidade de se posicionar e de não se autodenominar historiador? Esperava que a sociedade macaense o reconhecesse como tal?

Ele não era formado em História. Por esta razão, muitas vezes se colocou como cronista histórico, e observa que a tradição *professor de história que acontece nos grandes eventos* o historiador como

historicidade pela criação do histórico futuro, tem por função recriar e repensar o acontecido, que existiu na sua fatualidade, mas que lhe cabe

outros documentos. A autora estabeleceu relações entre as construções do passado e as modificações ocorridas na cidade de Macaé durante as décadas de 1970/80 - exatamente na época da instalação da Petrobrás em Macaé, e a conseqüente reorganização da identidade coletiva da sociedade macaense: “*O que ressalta do trabalho realizado é a expressão da ambigüidade de sentimentos dos macaenses em relação à cidade que não sabem ainda se podem considerar como sua. Parece que o único a ter essa inabalável certeza e confiança é o Professor Parada*” (p. 158). Ele tomava a cidade como sua e, sempre que podia, solicitava aos cidadãos que preservassem suas características.

Evidências de que ele também colaborou na construção da história e da memória da cidade podem ser observadas em diversos documentos deixados em seu arquivo, produzidos à época do acontecimento e que servem hoje de fontes para pesquisas. Exemplo disso pode ser dado em relação a eventos que participava onde a prática comum era anotar, em letra manuscrita, em pequenos cadernos, os detalhes dos acontecimentos. Um deles foi o Sesquicentenário de Macaé, onde organizou uma caderneta vermelha com os eventos, suas respectivas datas e as assinaturas dos participantes. Um fato a ser ressaltado é que nesta comemoração, os *Meninos do SENAI* - Tonito se referia desta maneira quando falava de seus alunos do SENAI - foram os primeiros a cantar o hino de sua autoria.

Alem desta caderneta há outros documentos: livros raros que tratam da História de Macaé e região; cadernos, direcionados a suas práticas de pesquisa, que apontam caminhos para entendê-las; a correspondência passiva, que permite estabelecer suas redes de relações, buscar indícios de como tinha acesso aos documentos e de como divulgava sua obras; as coleções de jornais que recebeu de doação, do século XIX e XX e outros tantos que ele colecionou e que hoje são fontes preciosas para pesquisa; documentos que se relacionam à sua atividade de professor, que dão pistas sobre parte da história da educação de Macaé, já que lecionou em dois estabelecimentos de ensino importantes e significativos para diversas gerações de estudantes; além de fotografias, importantes fontes históricas, que tratam do passado e do presente de sua terra. Registros que guardam acontecimentos e colaboram no ato de lembrar.

Antonio Alvarez Parada, na sua última publicação, defendeu a idéia de que as ações políticas não direcionaram a cidade nem para a atividade turística, nem para a industrial, porque, de fato, a cidade era, até então, ferroviária e parte de sua economia era ligada à atividade pesqueira e agropecuária. A descoberta do campo produtor de petróleo denominado *Garoupa*, em 1974, fez com que as características de cidade-ferraviária fossem perdendo, paulatinamente, espaço para a cidade-petrolífera. O assunto foi ventilado, mais vezes, por

meio da imprensa que, além de fonte, era também veículo de divulgação de suas idéias. A partir desta descoberta, passou a escrever com mais afinco sobre as questões da cidade.

Um artigo datilografado, de duas páginas, com o título “Macaé, Ontem, Hoje e Amanhã”, sem data, faz um resumo da história e coloca, no fim, questões que trazem elementos do que Tonito esperava que fosse a Macaé do futuro. Como ele já cita a descoberta do petróleo, foi escrito depois do final da década de 1970. Não encontramos indícios de sua publicação, mas fará parte de uma nova publicação que será lançada em 2007.¹⁰⁷ Diz o final do artigo, quando trata do século XX:

O progresso material, já vindo em ritmo crescente, há pouco recebeu inesperada ajuda do ouro negro existente sob seu mar, até então limitado a sereno palco de pescarias e precioso ator de visual deslumbramento. A cidade, e conseqüentemente, o município entraram em nova fase. De contorno, que embora algo indefinidos em sua conotação social, já deixam vislumbrar mutações propondo desafios aos futurólogos. O que será Macaé até o findar do século XX, assim o cremos, somente o tempo poderá dizer. Quem viver verá. E que veja uma terra de paz, trabalho, harmonia, entendimento e amor.

Ele não presenciou a passagem para o século XXI. Não viveu para ver, mas deixou impressas suas preocupações enquanto macaense. No capítulo final do último livro publicado em vida, *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983), intitulado de “MEU FUTURO”, o autor termina a narrativa:

Isso, crianças, depende de vocês. Vocês

Suas palavras encerram as histórias deixando ao leitor a sugestão de continuar a tarefa po

leitores? Como a sociedade macaense o reconhece hoje? Que memórias se guardam daquele o historiador? Estas objetivo: analisar co capítulo e delimitam nosso último re Antonio Alvarez Parada.

VtÑ•ääÉ F

T tâáfÇv|t wxy|Ç|äätM

t ÑÜxáxÇtt Çtá vÉÇääUâtÆxá Ñ™ääÅ tá

“Macaé chora a morte de Tonito Parada” foi a manchete do Jornal *O Debate* de 18 de março de 1986,¹⁰⁸ que trazia diversas reportagens sobre o falecimento de Antonio Alvarez Parada. Antes porém, o jornal *O Globo*, de 16 de março de 1986, anunciou em “Falecimentos”:¹⁰⁹

Antônio Alvarez Parada, 60, de enfarte, no Instituto do Coração, em São Paulo, onde se submetia a cirurgia; fluminense de Macaé, era professor e historiador muito querido no Município; mantinha há sete anos, no jornal macaense “O Combate”, a coluna “Histórias curtas e antigas”; autor de vários livros sobre a história de Macaé, recebeu títulos honoríficos pela Câmara de Vereadores de Macaé e de Benemérito Fluminense pela Assembléia Legislativa; o Governo municipal decretou luto oficial por três dias; o corpo será sepultado hoje, às 11h, no Cemitério de Santana, naquela cidade.

Apesar das informações um tanto confusas - o jornal que ele escrevia era *O Debate* e não *O Combate*; a causa da morte não foi um enfarte e sim uma embolia pulmonar; já tinha recebido alta pela cirurgia, pois havia colocado duas pontes de safena - o horário e o local do sepultamento estavam corretamente registrados e, a nota cumpriu seu objetivo: notificar e divulgar o falecimento do professor e historiador de Macaé.

O Decreto Nº 012/86, onde o Prefeito Alcides Ramos determina luto oficial de três dias foi registrado no mesmo dia da primeira notícia na imprensa macaense. Dizia o decreto:

O PREFEITO MUNICIPAL DE MACAÉ, no uso de suas atribuições legais e, CONSIDERANDO que Macaé perde, hoje, um de seus grandes filhos e sua maior expressão de cultura: faleceu, em São Paulo, o ilustre Professor ANTONIO ALVAREZ PARADA. (...) CONSIDERANDO ainda, que o Professor ANTONIO ALVAREZ PARADA sempre engrandeceu suas origens, participando da evolução social e política de sua terra, ajudando a compor, com sua inteligência e suas qualidades invulgares a história de Macaé, DECRETA: Artigo Único – É decretado luto oficial no Município de Macaé durante 03 (três) dias, em sinal de pesar pelo falecimento do Professor ANTONIO ALVAREZ PARADA (O Debate, 18/03/1986, p. 3).

As três notícias cumpriram a tarefa de noticiar à sociedade o falecimento de Tonito e, a partir delas, surgiram inúmeros artigos que fizeram referência à sua ausência definitiva. Estas matérias registram representações daqueles que com ele se relacionaram. Segundo Regina Abreu (1996), “no campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados fundamentalmente a partir das construções póstumas” (p. 67), seja por meio das máscaras mortuárias, dos discursos por ocasião dos enterros, dos necrológios, das biografias ou de outras formas de manter a memória do indivíduo viva.

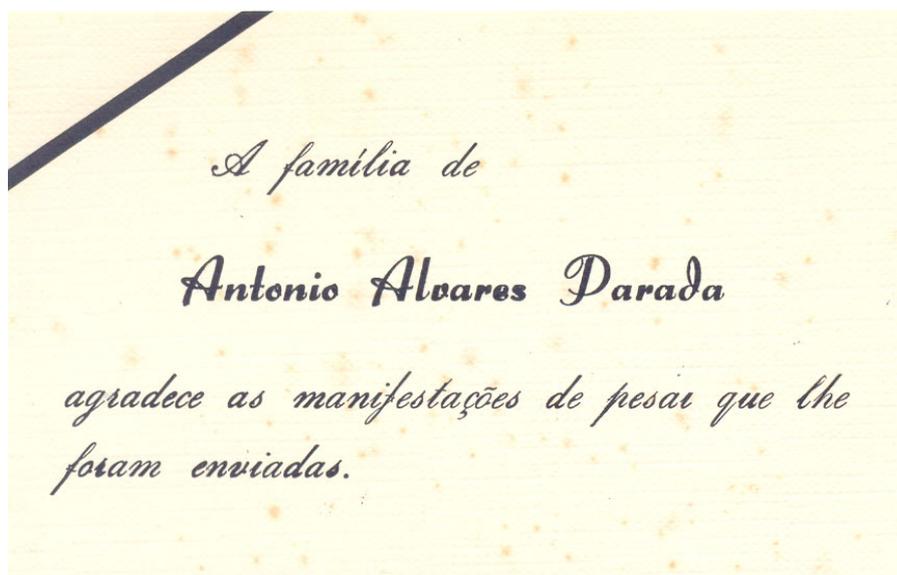
¹⁰⁸ Antonio Alvarez Parada faleceu num sábado, dia 15. O jornal de maior tiragem da cidade, *O Debate*, na época, circulava as terças, quintas e sábados. Por esta razão, as matérias sobre a morte de Tonito só foram registradas no dia 18, terça-feira.

¹⁰⁹ O pequeno recorte com esta informação está na pasta, porém só indica a data e o nome do jornal.

A autora ainda afirma que, muitas pessoas que se notabilizaram em campos sociais diversos contratam, em vida, escritores para redigirem suas biografias e, outras, organizam arquivos pessoais induzindo a elaboração de suas biografias na posteridade. Tonito não contratou ninguém para escrever sua biografia, mas deixou um precioso acervo que, de certa forma, permite acompanhar sua trajetória:

Ao organizar seu arquivo pessoal o indivíduo ordena os acontecimentos que balizaram sua vida, estabelecendo coerências, construindo continuidades e linearidades em sua trajetória, em suma, almejando deixar definido o seu lugar social, suas relações com seus pares e uma espécie de esboço de sua própria biografia (VENANCIO, 2006, p. 26).

Durante as celebrações de morte, a irmã de Tonito, Hermínia, preocupou-se em registrar numa folha, todas as coroas recebidas no funeral, possivelmente uma estratégia para não esquecer e agradecer posteriormente. As onze coroas de flores tiveram as seguintes referências: “Rotary Clube de Macaé”, “Lions Clube de Macaé”, “Diretores, sócios, comissão fiscal e funcionários do Fluminense Futebol Clube”, “Fundação Educacional Luiz Reid”, “Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé”, “Alunos dos Luiz Reid”, “Rubem Almeida e família”, “Lions Clube de Macaé (Centro)”, “Centro de Professores de Macaé”, “Amigos da Petrobrás” e “Associação Médica de Macaé”. De certa forma, as homenagens foram prestadas por pessoas e instituições que fizeram parte da trajetória de Antonio Alvarez Parada. Um cartão de agradecimento foi preparado e enviado pela família para retribuir as homenagens:



Cartão de Morte. Collecção D. Rosa Joaquina.

Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez, a viúva, encontrou uma forma de superar, ao menos em parte, a ausência definitiva de seu companheiro, guardando e preservando os testemunhos evocativos de suas obras e suas realizações. Desse modo, tentou dar continuidade às práticas de arquivamento de Antonio Alvarez Parada e, uma delas foi recortar todas as matérias que os jornais publicaram sobre ele após a morte - os necrológios, e organizar numa pasta, além de homenagens prestadas a ele e às obras póstumas. Esse conjunto tornou-se fundamental para analisarmos como a cidade construiu a memória sobre ele e serviu de fio condutor para o desenvolvimento deste terceiro capítulo.

3. 1 – A guardiã do arquivo: a continuidade ao acervo

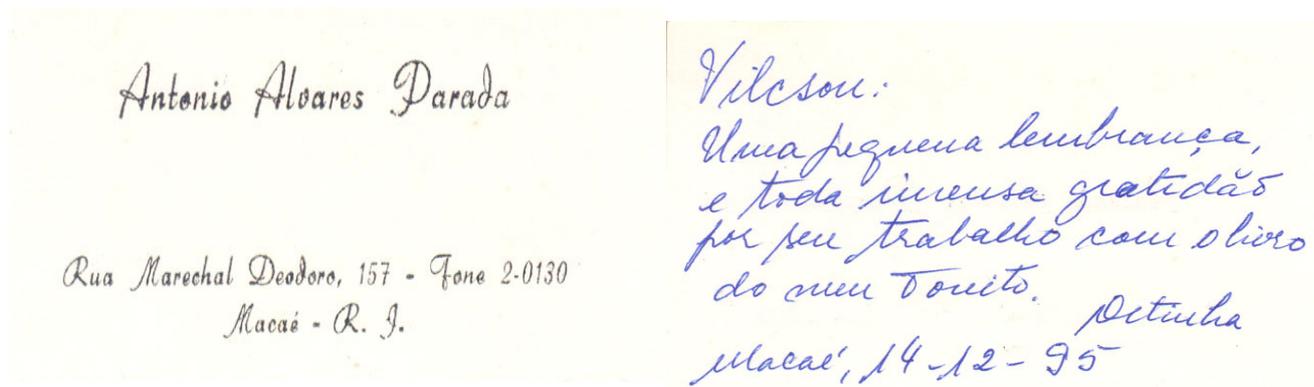
Durante vinte anos decorridos da morte de Antonio Alvarez Parada, Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez tentou conservar o gabinete do mesmo jeito que o marido deixou, na intenção de que sua presença permanecesse na forma de organização e nos objetos deixados e tocados por ele. Guardou os documentos e preservou tudo como testemunho de sua trajetória. Além disso, procurou adotar algumas práticas de arquivamento, possivelmente para dar continuidade ao que ele tinha feito até aquele momento.

Enquanto guardiã, deu início à *“fabricação do imortal”*, que na acepção de Regina Abreu (1996) significa o trabalho de construção da representação do homem, celebrando sua memória, mostrando, muitas vezes, aspectos da dimensão pública e escondendo a privada. Depois da morte de Antonio Alvarez Parada, a viúva dedicou-se a cultivar as lembranças e, de certa forma se empenhar em preservar a imagem do marido, o mesmo que Alice da Porciúncula Calmon du Pin e Almeida fez ao doar a coleção de seu marido, Miguel Calmon, em 1936, ao Museu Histórico Nacional.

Entre estas duas mulheres, guardiãs de memórias, há aspectos comuns. Ambas não tiveram filhos e a morte de seus maridos desencadeou nelas o cultivo pelas lembranças, já que a solidão foi intensa. Ocultaram o privado, mostraram o público. Revelaram valores e crenças de alguém que viveu no passado. Dedicaram-se durante toda a vida, depois da viuvez, à imortalização de seus companheiros. Possibilitaram que as novas gerações conhecessem parte da história do passado daqueles que nos antecederam.

Detinha não doou o acervo a nenhuma instituição de guarda da memória, mas cultua em sua casa um espaço de consagração. Preserva o gabinete onde trabalhou o marido, guarda os documentos produzidos por ele e, de certa forma, dá continuidade a algumas de suas práticas.

Assim, algumas páginas do livro-caixa, utilizado por Tonito para o registro das principais despesas do casal - desde obras, viagens e venda de seus livros - foram preenchidas por Maria Bernadette. A primeira reforma que fez na casa após a morte dele foi registrada. Outra prática foi utilizar os cartões de Tonito, neste caso específico como lembrança, e com data que marca quase dez anos depois da morte:



Parte da frente e verso do cartão de Tonito. Collecção D. Rosa Joaquina.

Estas pequenas ações demonstram que ela percebia o cuidado do marido com o processo de arquivamento e pretendeu dar continuidade às suas atividades de colecionador, mesmo sem saber sobre os cuidados postos à preservação documentos. O que fez sempre foi escrever, registrar, por meio de agendas, todas as ações que passou a fazer sem a presença do marido. Não sabemos quantas agendas são ao todo, sabemos da existência delas porque se encontram na sala de sua casa, e algumas por cima da escrivaninha do gabinete, mas não foi permitido analisar o conteúdo das mesmas.

Nos lançamentos das obras póstumas, Maria Bernadette fez questão de autografá-las e assiná-las como “*Detinha de Tonito*”. É a expressão que a viúva gosta de ser reconhecida. Por este motivo, na recente publicação sobre as mulheres macaenses, sua biografia é traçada a partir desta expressão e, por causa dela, sua importância como guardiã de um precioso arquivo:

Numa terça-feira, 5 de março de 1946, durante um baile de carnaval no Tênis Clube de Macaé, a linda moça Detinha – fantasiada de Irlandesa – começaria uma história de amor e companheirismo que encanta os macaenses há muitas gerações. Foi nesse dia que o moço Tonito – fantasiado de Mensageiro – pediu-a em namoro, iniciando uma parceria eterna e muito frutífera. Tonito foi ninguém menos que o professor Antonio Alvarez Parada (1925-1986), o mais importante historiador macaense, autor de uma vasta bibliografia, fonte indispensável para a compreensão do nosso passado. (...) Nem mesmo o falecimento de Tonito, em 15 de março de 1986, enfraqueceu esta união. Detinha continua, incansável, zelando por sua obra, mantendo a integridade do precioso arquivo garimpado em anos de trabalho, dando acesso aos interessados em conhecer e estudar este acervo que é verdadeiro patrimônio do povo macaense. (...) Sua marcante presença é a lembrança viva de Antonio

Alvarez Parada. O depoimento mais fiel e irretocável de sua existência e importância. O testemunho incontestável de uma imensa força que sobrevive de um amor sem fim (GAVINHO, 2006, p.78-79).

Ao dar continuidade à constituição do arquivo, Maria Bernadette procurou receber os pesquisadores interessados na coleção do professor, além de representantes de instituições interessadas em documentos do acervo. Uma delas foi a Fundação Biblioteca Nacional, importante lugar de memória nacional.

Uma carta, datada de 24 de julho de 1991, assinada por Esther Caldas Bertoletti, da Fundação Biblioteca Nacional, faz um pedido à guardiã do arquivo, solicitando as coleções de jornais do século XIX e XX para microfilmagem. Diz a carta:

Prezada Senhora,

É com prazer que solicito a sua especial atenção no sentido de emprestar à Fundação Biblioteca Nacional / PLANO NACIONAL DE MICROFILMAGEM DE PERIÓDICOS BRASILEIROS a coleção de jornais de Macaé, tão bem colecionados pelo saudoso Antonio Alvarez Parada, para serem microfilmados no sentido de preservação da memória e solicitado o acesso à informação.

O nosso amigo comum, pesquisador José Gabriel Costa Pinto, entusiasta da preservação documental muito nos tem ajudado no sentido de localizar coleções de periódicos que mereçam nossa atenção, e à ele devemos agora o resgate da preciosa coleção de Macaé.

A exemplo de outros empréstimos iremos microfilmarmos as coleções e na ficha sinalética constará o nome do colecionador do acervo, não só para homenagear o cuidado com a memória como para identificar a coleção.

(...)

No final da carta Detinha registrou a data e os nomes dos jornais que foram emprestados, indicando quem recebeu as coleções. Na escrita faz-se referência a duas datas de entrega - 25 de julho de 1991 e 28 de dezembro de 1992 e apenas uma de devolução: 15 de dezembro de 1992, data que se refere ao primeiro empréstimo. Apesar de não haver a indicação da devolução do segundo empréstimo, as coleções estão no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Interessante ressaltar que, apesar de, na carta, se fazer referência à coleção de Antonio Alvarez Parada, ao pesquisar na página da Biblioteca Nacional, o que se tem é o registro da coleção de Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez.¹¹⁰ Aparecem 22 ocorrências e todas que se referem às coleções de Tonito indicam o nome da viúva.

¹¹⁰ O caminho seguido para a consulta foi: Catálogos; Acervo – Periódicos; Coleção de periódicos Microfilmados; Índice - Cidades; Busca – Macahé ou Macaé.

Título:	O LYNCE : PERIODICO CRITICO, LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO
Cidade:	Macahe
Estado:	Rio de Janeiro
País:	Brasil
Localização do Título:	PR-SPR 02229[1-3]
Período Microfilmado:	4 NOV. 1895-30 JAN. 1909
Procedência dos Originais:	COLECAO MARIA B. A. CASTRO ALVAREZ
Quantidade de Fotogramas:	1591
Período duplicado em Positivo:	E3,4,07: Disponível
Notas de Microfilmagem:	A PARTIR DE 26/04/1899 MUDA O SUB-TITULO "O LYNCE: ORGAO POPULAR" ATE 25/03/1905, APOS ESTA DATA PASSA A SER PUBLICADO SEM SUB-TITULO

Fundação Biblioteca Nacional

O que teria levado a Fundação Biblioteca Nacional a registrar a coleção sendo de Maria Bernadette e não de Antonio Alvarez Parada? Talvez porque ela seja a guardiã e depois da morte de Tonito tornou-se a única herdeira do acervo. O mais importante é que a Fundação Biblioteca Nacional ao fazer a solicitação a Maria Bernadette, reconhecia e legitimava a coleção cuidadosamente constituída por ele, com jornais raros. Tal empréstimo consagrava Antonio Alvarez Parada como um intelectual preocupado com a preservação da memória macaense.

Outra instituição que solicitou documentos da coleção foi o Instituto Histórico e Genealógico de Campos dos Goytacazes. O termo de consignação, assinado por Danilo Mattos de Miranda, Chefe da Divisão Iconográfica do Instituto, datado de 06 de agosto de 1991, traz três parágrafos. O primeiro determina:

1º Através do presente, a Ilma. Sra. Maria Bernadete de Almeida Castro Alvarez, gentilmente cede em forma de empréstimo ao Instituto Histórico e Genealógico de Campos dos Goytacazes, 59 fotografias, colecionadas por seu esposo o Ilmo. Historiador macaense Prof. Antônio Alvarez Parada, que retratam paisagens e personalidades que tiveram participação na História do município de Macaé.

O empréstimo foi realizado por intermédio do pesquisador responsável¹¹¹ pela montagem do centro de memória que recebeu o nome de Antonio Alvarez Parada e, em troca, o Instituto se comprometeu a fazer a doação de cópias do referido material para ser utilizado como fonte de pesquisa.

¹¹¹ O pesquisador responsável foi Vilcson Gavinho.

A guardiã do arquivo permitiu que os macaenses conhecessem outro aspecto da vida de Tonito após o seu falecimento: o talento para a pintura. Encontramos na pasta uma carta da ex-aluna e jornalista Adriana Bacellar, de setembro de 1993, solicitando as aquarelas que ele pintava para a montagem de uma exposição.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÉ
 SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO

Querida Detinha:

Estou querendo mostrar, talvez pela primeira vez, as aquarelas de Tonito para a população macaense na mostra Pintando o Sête, a ser realizada no CMC a partir do dia 25 de setembro.

Voce topa participar?

Eu agora estou na Assessoria de Cultura, no CMC, e o telefone (que vive ocupado) é 62-9820.

Um beijo,

Setembro 1993

Adriana Bacellar L. Santos
 Adriana Bacellar L. Santos
 Assessoria de Cultura
 Prefeitura Municipal de Macaé

Carta de Adriana Bacellar de outubro de 1993. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada.

Antonio Alvarez Parada não se limitou a escrever sobre a cidade e seu passado. Valeu-se de suas habilidades para pintura. São paisagens que retratam seu cotidiano na Macaé das décadas de 1950 e 1960 e que acabam por tornarem-se importantes fontes históricas. As aquarelas foram disponibilizadas para uma nova publicação que está sendo organizada pela Secretaria Municipal de Acervo e Patrimônio Histórico - SEMAPH, em homenagem a Antonio Alvarez Parada, onde os pesquisadores estarão ilustrando o livro com suas obras.¹¹²

Uma delas é “O Coreto”, pintada em 1956, monumento histórico que pertence à Praça Veríssimo de Mello. Um exemplo de modificação ocorrida é a copa da palmeira centenária que se vê ao fundo, atrás do coreto, que recentemente, em consequência de uma

¹¹² Esta publicação foi citada anteriormente.

tempestade, caiu. Ela também fazia parte do patrimônio paisagístico de Macaé. Foi plantada ainda no Período Imperial por portugueses, membros da sociedade local, beneméritos da Casa de Caridade.



Aquarela de Tonito. O Coreto - 1956. Imagem de Gianini Coelho.

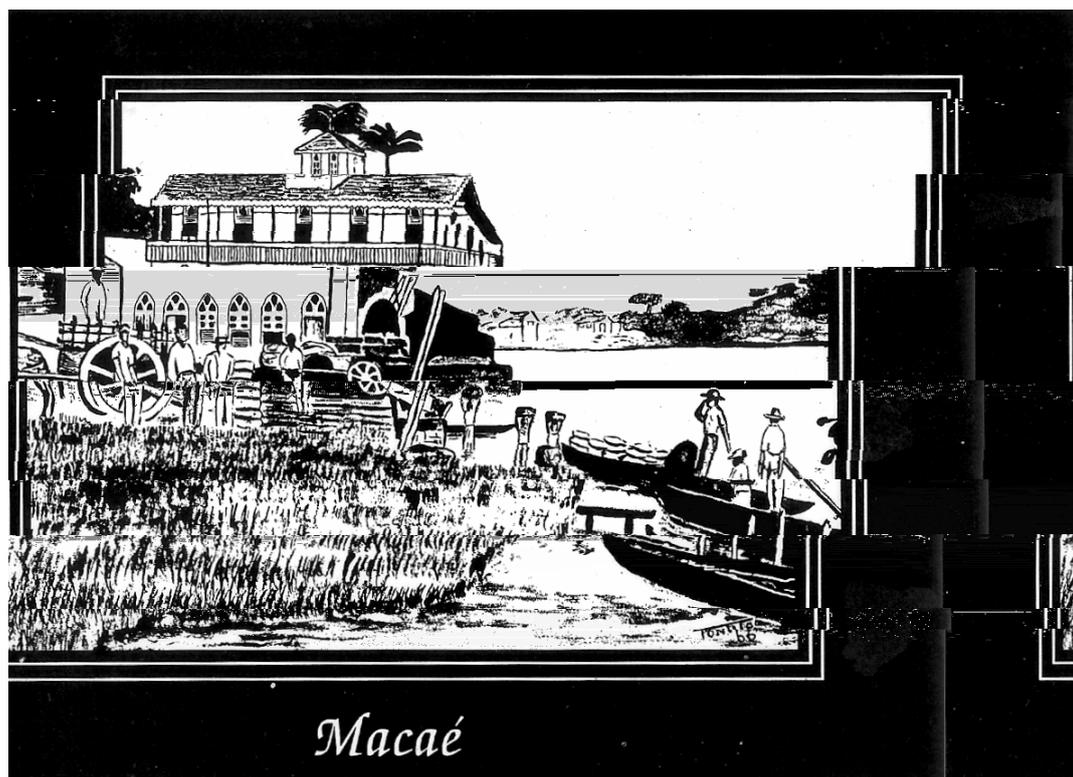
Observando este trabalho artístico, uma pesquisadora que integra a equipe atual da SEMAPH, Jane Marinho,¹¹³ chamou a atenção para o fato de que, na época da revitalização da Praça Veríssimo de Mello, quando o Coreto foi um dos patrimônios edificadas que foram restaurados, a equipe que pesquisava o projeto original desconhecia alguns aspectos da arquitetura do mesmo, como os lambrequins e ponteiras, retratadas nesta aquarela pintada por Tonito.

Uma outra aquarela pintada por ele passou a ser conhecida pela sociedade macaense, por meio de uma realização do Instituto Histórico e Geográfico de Macaé, o “Projeto Macaé, Arte & História”,¹¹⁴ que contemplou a reprodução de obras de arte, por meio de postais, de macaenses que registraram imagens de Macaé em formas e épocas diferentes. Como exemplo, “O Bondinho”, de Álvaro Marins – O SETH - feito a Bico-de-pena e “A Missa”, de

¹¹³ Entrevista realizada com Jane Marinho em 14 de junho de 2006.

¹¹⁴ Projeto e pesquisa de Vilson Gavinho que teve o apoio da Fundação Macaé de Cultura e da MACAETUR – Empresa Municipal de Turismo, em benefício ao Lar São Francisco de Assis – Macaé – RJ, 1998.

Hindemburgo Olive Carneiro da Silva – H. Olive - retratado a lápis. Ao lado destes dois artistas famosos, que deixaram importantes obras, uma pintura de Antonio Alvarez Parada: “O Porto do Limão”, retratado a guache, em 1966, que representa o desembarque do café vindo da região serrana e o extinto palacete dos Barões da Póvoa de Varzim, às margens do Rio Macaé. A imagem foi retratada por Tonito a partir de uma fotografia de João Pinheiro publicada na *Revista Commercial*,¹¹⁵ em 1923. Esta é a única de suas aquarelas em que a paisagem não foi presenciada.



Postal do “Porto do Limão” (1966). Pintura a guache de Antonio Alvarez Parada.
Centro de Memória Antonio Alvarez Parada.

A partir disto é possível supor que, ao retratar várias imagens por meio de aquarelas, Tonito pretendia que as novas gerações conhecessem a Macaé de meados do século XX. Pintar, para ele era lazer, mas visava guardar a memória dos lugares importantes para sua vida e que, depois de prontos, passavam a decorar sua residência.

Alguns dos documentos que compõem o arquivo pessoal de Tonito foram utilizados como fonte documental, por empréstimo da viúva, para o livro *História e Memória – Macaé*, organizado por Paulo Knauss: duas capas de livros de sua autoria,¹¹⁶ duas fotografias¹¹⁷ e um

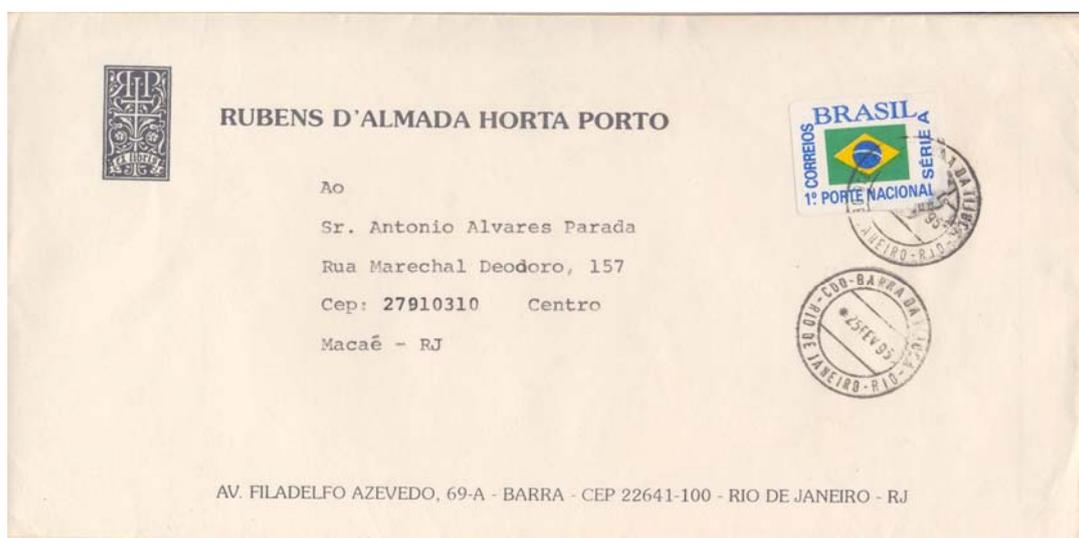
¹¹⁵ *Revista Commercial*: Órgão da Associação do Commercio, Industria e Lavoura de Macahé. Anno 1, Macahé-junho, 10-923, n1.

¹¹⁶ A capa de *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958) e a de *ABC de Macaé* – guia informativo e turístico (1963).

¹¹⁷ Na primeira fotografia Antonio Alvarez Parada está em desfile comemorativo do aniversário da cidade e na segunda fotografia ele profere palestra na Academia Macaense de Letras, indicando o ano de 1958. Porém, em *Academia*, de julho de 1967, na página 21, esta mesma imagem está retratada, indicando um curso ministrado em junho de 1966 para as alunas do 4º ano ginasial e 1º ano normal do Instituto Nossa Senhora da Glória.

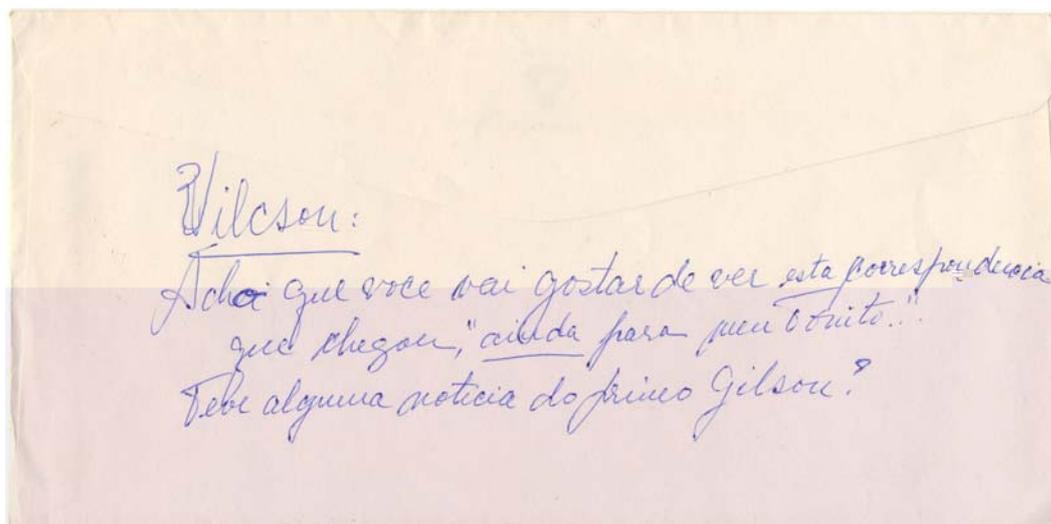
anúncio.¹¹⁸ A referência aos documentos é assim indicada: *Colecção Historiador Antonio Alvarez Parada*¹¹⁹.

Na Collecção D. Rosa Joaquina, há uma carta que Maria Bernadette recebeu, endereçada a Antonio Alvarez Parada alguns anos depois que ele morreu. O carimbo dos correios no envelope indica a data de 25 de fevereiro de 1995.



Frente do envelope da carta enviada por Rubens D'Almada Horta Porto, em 25/02/1995. Collecção D. Rosa Joaquina.

No verso, o que a esposa escreveu para que um colega observasse:



Verso do envelope da carta enviada por Rubens D'Almada Horta Porto, em 25/02/1995. Collecção D. Rosa Joaquina.

Possivelmente a indicação da data de 1958 no livro foi indevida, já que nesta época a Academia Macaense de Letras ainda não tinha sido fundada. Sua fundação foi em 1963.

¹¹⁸ O anúncio é do Cine Teatro Santa Isabel no jornal *O Lynce* (1908).

¹¹⁹ KNAUSS, 2004, p.100, 105, 109, 121.

Comparando com a correspondência presente no arquivo pessoal, é possível afirmar que se trata de um colega de Tonito, conhecido na época do pronunciamento da palestra sobre o Conselheiro Almeida Pereira, no IHGB. Possivelmente era integrante deste instituto, já que na carta diz: *“foi uma tarde feliz a do seu conhecimento no nosso vetusto Instituto”*. A carta tem data de 13 de junho de 1984 e também possui o brasão que acompanha este envelope. Nela o remetente faz alusão à palestra que ouviu e agradece os livros que recebeu de Tonito: *“bati palmas sinceras e o felicito pelo culto que mantém por sua gente e sua terra”*. Ele demonstrou admirar uma das características das pesquisas de Antonio Alvarez Parada: a construção de biografias.

O maior número de documentos organizados por Detinha se refere aos necrológios e, em sua maioria, foram recortados e colocados em uma pasta. Importante chamar atenção para o fato de que a viúva nem sempre escreveu a indicação da fonte por completo. Às vezes falta o nome do jornal. Outras a data. Outras a página. Na hora de colar os recortes nas folhas em branco, algumas ficaram sobrepostas e cortam pequenas palavras e frases. No entanto, o conjunto possibilita a análise, tanto no que se refere às homenagens quanto ao reconhecimento de seus pares.

3. 1. 1 – Os necrológios: as designações de seus pares

Os necrológios expressam representações sobre aquele que faleceu e são imbuídos de uma carga emotiva, referem-se às notícias em jornais relativas a pessoas que faleceram. Em sua maioria são discursos em louvor, laudatórios, encomiásticos e, no caso de Antonio Alvarez Parada, foram muitos e saíram em diversos jornais de Macaé e região.

Ao comentar um livro de Armando Petrucci, onde o autor empreende estudos sobre as práticas de escrita e suas produções relacionadas com a morte, Roger Chartier (2000) afirma que todo indivíduo tem *“derecho a la muerte escrita”*, e os avisos fúnebres publicados em jornais cumprem a tarefa de tornarem pública a morte, divulgando-a: *“La muerte se oculta, se expulsa, se borra. Sin embargo, a través de la pluralidad de los escritos fijos o efímeros que expresan su anuncio y conservan su memoria, está sobriamente presente en la ciudad y el pensamiento de los vivos”* (p. 120). O falecimento apaga a vida e, por meio da pluralidade de documentos produzidos após a morte é possível preservar a memória daquele que se foi, conservar sua imagem e fazer com que os vivos expressem opiniões sobre quem partiu. As que são anunciadas, publicadas em jornais, tornadas públicas, em sua maioria, preservam aspectos positivos.

Uma das matérias na imprensa local sobre a morte de Tonito, trazia pequenos depoimentos de diversas personalidades que conviveram com ele. Jornalistas, políticos, professores, ex-alunos, empresários, parentes e amigos prestaram homenagens. Como exemplo: “*LUIZ CLÁUDIO BITTENCOURT (BANCÁRIO E EX-ALUNO) “Macaé perdeu um de seus maiores historiadores. Perdeu um homem que brigava pela história do seu município. Particularmente perco um grande amigo (...)”*”; “*SÉRGIO GOMES (ENGENHEIRO QUÍMICO E EX-ALUNO) -“(...) Como mestre “Tonito” sempre foi um vanguardista a até hoje utilizo tudo que ele me passou, através do conhecimento que armazenou durante longos anos. Morre o homem mas fica o exemplo”*”; “*JOSÉ DOMINGUES DE ARAÚJO FILHO (DIRETOR DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID ONDE O PROFESSOR ANTONIO PARADA LECIONOU POR 30 ANOS) “Excepcional colega de trabalho (...) além disso, ele era o grande estímulo do colégio e nós nos orgulhávamos de ter um profissional do quilate do professor Tonito”*”; “*JAIR DIAS (EX-ALUNO E PROFESSOR. CONVIVEU 37 ANOS NO SENAI E LUIZ REID AO LADO DE TONITO) “Estou muito emocionado. Perdemos a maior expressão cultural do município. Morre a simplicidade”*¹²⁰, entre outros.

Alguns aproveitaram a oportunidade para, diante da morte de Tonito, reforçar aquilo que também era sua luta como cidadão, o que registrou o jornalista Luiz Ernesto Olive Carneiro da Silva: “*Macaé perde a sua história. A partir de agora temos que nos esforçar e rezar para que as autoridades ouçam nossos apelos e criem, no velho prédio da prefeitura municipal o Museu Histórico Antonio Alvarez Parada*”.

“Deus te pagará por mim, Tonito”,¹²¹ foi uma matéria que, assinada sob o pseudônimo Macaé, publica a despedida de uma cidade a seu “filho”:

Meu filho, meu grande e dedicado filho Antonio Alvarez Parada. Partes neste momento e me deixas o pranto. (...) Talvez o Plano Divino tenha sido composto desta forma: Viria pra mim, como vieste; Terias uma inteligência tão privilegiada que, sem esforço aprenderias tudo que as oportunidades te ofereciam, como tiveste; Farias a minha história conhecida por todos através dos seus escritos inegavelmente brilhantes (...) Nos arquivos de nossos jornais, no acervo de nossas bibliotecas e nas estantes de cada filho meu e teu irmão, estarão os registros que os seus seguidores de pesquisa, sobre mim os utilizem: Uma longa aula de trabalho, amor e dedicação dada por ti, meu filho. Uma aula da tua vida! Adeus, filho meu. Deus te pague por mim, TONITO. Macaé.

A cidade reconhecia que as lembranças do professor, historiador e escritor estariam presentes na memória das famílias, guardadas nas estantes de suas casas e, também, nos espaços públicos onde ele circulou. Talvez os macaenses não soubessem, ainda, que, ao

¹²⁰ In: *O Debate*, 18/03/1986, p.4.

¹²¹ In: *O Debate*, 18/03/1986, capa.

deixar uma arquivo repleto de documentos da história da sua cidade, estaria deixando os vestígios que ajudariam a compor o mosaico de sua vida. Mosaico desenhado a partir também das construções póstumas.

Ricardo Meirelles Vieira, professor de História e teatrólogo, companheiro de Tonito no Colégio Estadual Luiz Reid, escreveu “Antonio Alvarez Parada ou simplesmente Tonito”¹²² para registrar a perda:

(...)Não fui seu aluno, mas tive a felicidade de ser seu companheiro de profissão. Juntos, participamos de vários conselhos de classe, onde o entusiasmo do Mestre Tonito levantava a voz sempre em defesa do aluno. Historiador, embora modestamente se considerava um contador de histórias, estava sempre disposto a ouvir quem quer que o abordasse. Muito mais que um professor, um emérito educador. A sua simplicidade e modéstia era a lição maior que aplicava todos os dias a todos nós, quase impercebível, pois sua grandeza humana jamais admitiria que ele estava nos ensinando alguma coisa.

Em “Lembranças de Tonito”,¹²³ Jorge Picanço Siqueira, escritor e memorialista, assinou o artigo para registrar os encontros que tiveram. Escreve sobre o Colégio de Dona Irene, as festas do Tênis Clube – onde Tonito desenhava e ornamentava o clube - o Fluminense, a Academia Macaense de Letras, enfim, faz um esboço de parte da trajetória de Tonito que pôde acompanhar como amigo e finaliza o texto prestando uma homenagem:

(...)Pois bem, Tonito recebeu em vida muitas homenagens. Não todas, é claro, muito mais que ele merecia, mas resta a certeza de que uma parte do reconhecimento a que tinha direito por mérito ele recebeu. As outras virão, é certo, o município inteiro chora a sua morte inesperada. Todos os estão homenageando. O município ficou oficialmente de luto e ficou também mais pobre. Virão outras merecidas homenagens, nome de rua, de colégio, de busto. Tudo isso Macaé lhe dará, com reconhecimento pelo que fez pela terra a que tanto amou. Tonito, historiador Antonio Alvarez Parada, desenterrou a história esquecida de Macaé, para isso deu sua vida.

Em 22 de março de 1986, Gilson Corrêa, jornalista e poeta, dedica sua coluna em *O Debate* para escrever sobre o amigo. Tenta de certa forma, assim como o Jorge Picanço Siqueira, trazer à lembrança alguns momentos da trajetória de Tonito, a partir da sua relação, e enaltece as características do seu companheiro:

(...)Levando a sua modéstia a extremos (embora fosse um orador e conferencista de mãos-cheias), tal característica se tornará mais apreciável em se levando em conta a estrutura social que animou sua juventude, regada pela nomenclatura familiar de suas origens, refinada, e que jamais procurou esconder, mas baralhar como uma necessidade de afirmação intimamente popular, sabendo mesclar a sabedoria da convivência com todos e a dignidade majestática de um príncipe. Exemplo de sua modéstia? Quem não se lembra daquele zagueirão, limpador de área, anos a fio defendendo as cores do seu Ipiranga, sempre ali, na divisão inferior, de vez em quando dando as suas

¹²² Ricardo Meirelles. *Folha Macaense*. Março de 1986.

¹²³ In: *Jornal da Cidade*, 29/03/1986.

“furadas” propositalmente para que não houvessem tentativas de uma escalção indesejada ao primeiro time.

Outro importante jornalista da cidade, Luiz Pinheiro, companheiro de Tonito na imprensa, publicou um emocionante artigo na mesma data de Gilson Corrêa, porém no *Jornal da Cidade*, “Tombou o Jequitibá Macaense”:¹²⁴ *“sempre consideramos o fabuloso historiador e jornalista TONITO, O JEQUITIBÁ MACAENSE, pelo seu caráter, pela sua extraordinária cultura e pela grandiosidade de seu coração”*. Escreve sobre o desconhecimento sobre o melindroso estado de saúde do amigo e da surpresa ao ser notificado que havia falecido. Relembrou o momento do recebimento da notícia e da perplexidade de todos e escreveu sobre sua principal tarefa: *“E, agora o que vamos fazer se não temos mais TONITO para continuar a nos contar as velhas histórias de nossa Macaé?”*. E quase no final da crônica a tristeza de não mais ter a opinião do amigo sobre os seus escritos: *“TONITO, hoje já não iremos mais lhe perguntar sobre as nossas crônicas, se gostou ou não”*.

Outros títulos denotavam sua importância como professor, historiador e escritor e sempre chamando a atenção para o nome, a referência: “O nosso saudoso Professor”,¹²⁵ “Lembranças de Tonito”,¹²⁶ “Antonio Alvarez Parada”,¹²⁷ “Réquiem ao Professor Tonito”,¹²⁸ “Professor Tonito”,¹²⁹ “Antonio Alvarez Parada”.¹³⁰ Essas últimas escritas por profissionais da imprensa.

No primeiro 29 de julho após a sua morte Macaé completava 173 anos. No desfile cívico o Colégio Estadual Luiz Reid, ao contar os trinta anos de existência da unidade de ensino, fez uma homenagem a seus professores e, em especial, ao professor Antonio Alvarez Parada, desfile que trazia em suas faixas as marcas de sua trajetória. Seguem os títulos: *“Homenagem ao Professor Antonio Alvarez Parada”, “as suas paixões”, “aluno da escola de D. Irene Meireles”, “que amou a nossa Macaé – professor e historiador”, “que defendeu as cores do Ypiranga Futebol Clube”, “que vibrou com a Lyra dos Conspiradores”, “que participou do Tênis Clube de Macaé, inclusive na Ala Branca”, “que era tricolor de coração”, “que dirigiu a Escola do Senai”, “que fez a letra do Hino de Macaé”, “que foi o nosso Professor Tonito” e “que teve um grande e único amor – Detinha”*. Com palavras simples, o colégio conseguiu, por meio do desfile, resumir parte da trajetória de Antonio Alvarez Parada, registrando pontos importantes de sua vida. Para alguns dos que assistiam ao

¹²⁴ Luiz Pinheiro. *Jornal da Cidade*, 22/03/1986.

¹²⁵ Luiz Miranda. *O Debate*, 22/03/1986, p.7.

¹²⁶ Jorge Picanço Siqueira. *Jornal da Cidade*, 29/03/1986.

¹²⁷ Ricardo Maranhão. *O Debate*, 12/04/1986.

¹²⁸ Rosa Maria Almeida Pereira. S/d.

¹²⁹ Vera de Vives. *O Debate*. S/d.

¹³⁰ José Eugênio. *Jornal da Região*. S/d.

desfile cívico, ler as faixas foi relembrar o macaense. Para outros, foi conhecer aspectos novos da vida do professor e historiador macaense.

A primeira página da edição especial do jornal *O Debate* trouxe a fotografia de Tonito com uma matéria de José Graça Filho intitulada “Quem fez a História, hoje é História”, onde o colega de jornal relembra sua dedicação às pesquisas históricas do município e escreve a ele:

*‘Como já disse, crianças, meu nome é Macaé...’ É sim, Tonito, seu nome é Macaé. Muito mais agora quando nos preparamos para lançar esta Edição Especial do aniversário de nossa terra. É a primeira vez, Tonito, que você não está aqui, ao nosso lado, participando deste trabalho que se repete a cada ano e que é muito você, Tonito, já que Macaé é o nosso assunto. Você, Tonito, auto-proclamado contador das histórias de Macaé (e que doce contador de histórias foi você), que se considerava impossibilitado de ‘escrever algo realmente digno do título História de Macaé’, você Tonito, se transformou hoje na presença mais forte de sua História. Quem ousará um dia, Tonito, contar a história que você não contou? Onde andarás, Tonito, a história que ainda não foi contada por você?(...) É seu nosso trabalho. Muito obrigado. Tonito. Nós o amamos (GRAÇA FILHO, *O Debate*, 26/07/1986, capa).*

Muitas poesias também foram escritas em sua homenagem. Entre elas: “O que ficou”, de Othon Pires; “Maré (Para Tonito)”, de Gilson Corrêa; “Recado ao Tonito”, de Cesáreo Júnior; “Tonito”, de Luiz Geraldo de Paula. A de Bernadete Braga Lima, republicada no aniversário da cidade em 1992, com o título “Ao Tonito”, registra, em poucas palavras, sua vida:

Ao Tonito

*A morte chega e, em silêncio,
Rouba de teus olhos de Espanha
O sol da estrada, o verde dos sonhos,
A areia morena, o rio, o mar...
Mas não nos pode tirar
Teu sorriso vencendo o cansaço
Teu trabalho suado de amor
E as palavras seguras e simples
Com que nos contava a nossa história.
Segue, Professor! Que tuas lições continuarão vivas.
Na voz de cada aluno, de cada macaense
e em cada pedaço de chão
da cidade que você amou.*

Estas poesias foram declamadas na ocasião do lançamento de sua última obra póstuma, no Solar dos Mellos, em janeiro de 2006.

Nas festividades do município ele também é sempre lembrado, pois os cadernos especiais tinham sempre a sua colaboração, e após o seu falecimento, continuaram sendo publicados textos de sua autoria, com a autorização da viúva, como se pode observar numa carta onde há o pedido para a publicação em jornais dos seus textos:

Tendo em vista os festejos dos 176 Anos de Emancipação Político-Administrativa do nosso município, a Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura está elaborando o Boletim Informativo da Municipalidade. Na oportunidade, gostaríamos de poder contar com a aquiescência de V. Sa. Para homenagearmos o ilustre escritor macaense 'Antônio Alvarez Parada' inserindo no Boletim Informativo textos tirados dos livros do autor supracitado. Na certeza de sermos atendidos, aguardamos uma resposta favorável o mais breve possível. Telefone para contato: 62.0550.

Anualmente, à época do falecimento de Antonio Alvarez Parada, saem artigos que fazem referência a ele. A maioria dos títulos marca o tempo: “Um ano de ausência”, “Um ano de saudade”, “Dois anos de ausência”, “Três anos de ausência”, “Quatro anos de ausência”. Seria esta uma forma de contar o tempo da falta? Ou uma estratégia de lembrança, para manter sua memória viva?

Num outro artigo publicado dois anos após a morte dele, intitulado de “Carta a Françoise”,¹³¹ Jorge Picanço Siqueira faz uma revelação aos leitores de que ele escrevia em jornais com o pseudônimo de “Barão de Goyanna”: “*Ninguém sabia disso. Nem os diretores dos jornais. Eu enviava meus artigos pelo correio*”. Sem indicar o nome do periódico e nem a data, revela que estava vendo um álbum antigo com a amiga e escritora Mariná de Moraes Sarmiento e se deparou com o tal artigo, assinado com o pseudônimo e que tinha como título “O historiador”:

Há muitos anos ele é um apaixonado pela história de Macaé. Revendo jornais antigos, atas das sessões solenes, os registros antigos, pouco a pouco, em artigos em nossos semanários ia narrando para vós, seus leitores e admiradores, as passagens mais curiosas e importantes de nossa “santa terrinha”, como ele e seu também ilustre irmão gostam de cognominar a nossa Macaé, a cidade mais clara do Brasil. Antes de seus estudos profundos, os macaenses conheciam muito pouco de seu passado(...) Hoje, Macaé tem uma história bastante conhecida por causa unicamente desse historiador. Ele não gosta de ser chamado de historiador, nós bem sabemos. Pessoalmente não entendemos o porquê ele prefere ser chamado de “um contador de histórias”, porquanto historiador ele o é, é autêntico, com todo merecimento.

É possível que este artigo tenha sido inicialmente publicado à época do 152º aniversário de Macaé, pois ele conta sobre o desfile cívico que homenageou a primeira obra de Tonito publicada sobre o município, provavelmente em 1965. Disse ele ao final: “*Foi a primeira vez que vimos um livro “desfilar” e você, meu caro Tonito deve ter visto como eu vi, em cada jovem que passava, uma página do seu livro imortal*”. Publicar novamente o artigo, agora se identificando como o autor, possibilitou que Jorge Picanço Siqueira, um escritor que de certa forma está dando continuidade ao trabalho de Tonito, revelasse aos macaenses que o reconhecia como historiador desde a sua primeira publicação.

¹³¹ In: *Jornal da Cidade*, 04/06/1988, p.4.

Em reportagem publicada em 26 de agosto de 1988, em *O Estado*, noticia-se que o presidente do Grupo Mônaco, Carlos Mônaco, iria inaugurar uma biblioteca na Casa Norival de Freitas, em Niterói, onde o interesse era difundir a história dos municípios fluminenses. Diz que “*não é assunto fácil de ser encontrado nas bibliotecas porque tem riqueza histórica, onde o individual se mistura com o coletivo*” (p. 6) e apresenta parte do acervo que foi formado pelo grupo e que será emprestado em regime de comodato: “*Entre as obras que serão emprestadas estão incluídas as de Alberto Lamego, Antônio Alvarez Parada, Toledo Pizza, Teixeira de Melo, Luiz Palmier, Antônio Fogueira de Almeida, frei Jacintho, Hilton Massa, além de todos os outros dos municípios fluminenses*” (p.6).

Dácio Lobo Júnior (1990), ao coordenar uma publicação sobre aspectos históricos e geográficos de Macaé, considera as obras do professor como fontes importantes que permitiram o trabalho de resgate histórico da cidade e afirma: “*Um dos maiores pilares desta bibliografia, o professor Antônio Alvarez Parada costumava definir-se muito mais como um contador de histórias do que, propriamente, um historiador, o que atesta o limite teórico de suas preciosas obras*” (p. 9). De fato, para este trabalho as obras de Tonito foram preciosas para embasar a escrita desta publicação. Apesar de reconhecer os limites teóricos de Antonio Alvarez Parada no seu ofício de historiador, Dácio Lobo Júnior o legitima como historiador preocupado em reunir e disponibilizar fontes preciosas sobre Macaé.

Antonio Alvarez Parada tem sido considerado por pesquisadores como um dos mais importantes escritores da cidade: “*No campo da literatura, o município de Macaé tem produzido escritores de renome – Godofredo Tinoco, Antônio Parada, Alberto Figueiredo Pimentel, entre outros*” (KNAUSS, 2004, p.117). Ressalta ainda que Tonito se distinguia no cenário intelectual por sua produção memorialística:

Um outro importante suporte de identidade de uma comunidade é a produção de seus memorialistas. O processo de construção de identidade desta cidade e de seus habitantes deve muito a alguns de seus ilustres escritores. Os nomes de Godofredo Tinoco e Antônio Alvarez Parada se destacam na historiografia da cidade de Macaé. (...) Durante todas as suas vidas de cidadãos, estes escritores e construtores da memória local, produzem registros diversos – depoimentos, artigos de jornais, livros, ensaios – sobre acontecimentos e práticas sociais do passado da região, contribuindo para a constituição de um acervo precioso da memória local. A imagem nostálgica de Macaé como um balneário tranqüilo é elaborada, por exemplo, através dos escritos de Antônio Alvarez Parada. A memória de um tempo que não volta mais eternizou-se através de sua pena, indicando pistas para que seus conterrâneos de hoje demarquem as suas identidades a partir do confronto com a Macaé das plataformas de petróleo, sintonizada com os dois lados do progresso (KNAUSS, 2004, p.121).

Contradição presente na escrita de Paulo Knauss que, ao mesmo tempo que coloca Antonio Alvarez Parada como escritor, afirma que seu trabalho é ofício de memorialista, diz

que ele se destaca na historiografia da cidade e, ao se referir aos documentos do arquivo de Tonito para a elaboração de sua obra coloca a referência como “*Coleção Historiador Antonio Alvarez Parada*”. Afinal, quais destas características de fato indicam, para ele, o ofício de Tonito?

No conjunto dos necrológicos, temos referências aos três ofícios de Antonio Alvarez Parada: professor, escritor e historiador. Os depoimentos, mesmo que imbuídos da especificidade deste tipo de escrita, que é enaltecer os aspectos positivos dos indivíduos logo após a morte, retratam o reconhecimento daqueles que fizeram parte de sua rede de relações.

Enfim, do ponto de vista da designação de seus pares, a morte veio apenas evidenciar as características que já eram reconhecidas por aqueles que conheciam e conviveram com Tonito desempenhando os diferentes ofícios de sua trajetória.

3. 1. 2 – A trajetória profissional nos lugares de lembrar

As homenagens a Tonito foram muitas. Uma das primeiras foi o projeto de lei do vereador Augusto Veloso de Assis, onde denomina de

Antonio Alvarez Parada a Escola Municipal 16 de Julho, situada no bairro Imbetiba. Para quem não sabe, a Escola 16 de Julho era parte integrante do SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, onde o homenageado exerceu o magistério durante muitos anos até que o SENAI foi extinto e surgiu no local onde estavam situadas as oficinas da Imbetiba as instalações da Petrobrás (04/08/86)¹³².

A escolha de um nome é sempre um ato que revela características daquele que nomeia: “*Tentar decifrar os segredos contidos na mudança de nome de uma escola, envolve entender que um nome não existe sozinho, faz parte de um contexto*” (MIGNOT, 1993, p. 620). Esta escola, no passado, era parte integrante do local onde Tonito trabalhou por mais de 25 anos. O novo nome não significou uma ruptura com o projeto anterior, mas essencialmente como forma de homenagear aquele que, por muitos anos desempenhou atividades como professor. Dentro desta perspectiva, o nome traduz um pertencimento, “*o nome evoca lembranças dos antigos colaboradores, ex-alunos e ex-professores*” (op. cit., 631).

Outro projeto de lei, também de agosto de 1986, denomina a Rua 64, localizada no Conjunto Habitacional Parque Aeroporto, de Professor Antonio Alvarez Parada.

Ainda no mesmo ano da data de falecimento, a Associação Amigos de Macaé nomeou sua biblioteca, na sede em Niterói (RJ): “*Está marcado para o dia 14 de dezembro*

¹³² A matéria, de título “Tonito Parada continua recebendo homenagens” não é assinada e no recorte, Detinha colocou apenas a data da notícia, dificultando a identificação do jornal onde foi publicada.

deste ano, a inauguração na sede da Associação Amigos de Macaé, da Biblioteca Antonio Alvarez Parada para reverenciar a memória do Professor Tonito” (O Debate, 05/11/1986, p.3). A AMA localizava-se no Palácio dos Jornalistas e, no ano anterior a sua morte, Antonio Alvarez Parada dedicou uma de suas crônicas para escrever sobre esta associação que, como ele indicou, estava com pouca força para sobreviver.

As homenagens prosseguiram ao longo dos anos transformando espaços da cidade de Macaé em “lugares de lembrar” Antonio Alvarez Parada, que na perspectiva de José Gondra (2000) são aqueles lugares que guardam aspectos da memória de um indivíduo, fragmentos daquele que não está mais presente e que deixou um legado. São os lugares onde se pode recordar. Nomeando os lugares é possível sempre lembrar quem nomeia.

Antonio Alvarez Parada passou a ser reconhecido como um escritor cuja produção contribuiu para ampliar o espaço intelectual da sociedade macaense. Sua dedicação na construção da memória e preservação da História de Macaé teve tamanha importância, que grande parte da documentação histórica do município foi organizada para constituir o acervo do Centro de Memória Antonio Alvarez Parada,¹³³ fundado em 1992, como parte integrante do Centro Macaé de Cultura.

Anteriormente, o então Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Macaé já havia anunciado a organização de um arquivo histórico que foi instalado na Barra de Macaé, em 1991. Em junho deste mesmo ano o nome de Antonio Alvarez Parada já era o indicado para nomear o arquivo que, inicialmente denominou-se Centro de Memória Professor Antonio Alvarez Parada.

O nome de Antonio Alvarez Parada foi escolhido a partir de uma votação feita em reunião na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, com o então Secretário, Aldo Mussi. Vários nomes foram cogitados, entre eles o de Eleosina Pereira de Queirós Mattoso, Alberto Figueiredo Pimentel e Doutor Télió Barreto; porém o de Tonito foi unanimemente acolhido.

Na organização do acervo foram reunidos cerca de 5.000 documentos históricos, um arquivo iconográfico com 1.500 imagens – composto por gravuras, fotografias e litografias - e uma seção de obras raras. Posteriormente o Centro de Memória passou a fazer parte do Museu da Cidade de Macaé, inaugurado em 2004. O museu funciona no Solar dos Mellos, patrimônio histórico de Macaé.

A criação de um espaço para preservação da memória de Macaé foi uma bandeira levantada por Tonito em diversas ocasiões e, neste sentido, esta iniciativa de nomear o centro de memória com seu nome era, de certa forma, uma maneira de reconhecer o importante

¹³³ Vilcson Gavinho foi o pesquisador responsável pela reunião da documentação histórica do município. O projeto que deu origem ao Centro é de sua autoria.

trabalho do historiador macaense. Em uma delas Antonio Alvarez Parada escreve, meses antes de falecer, com o título de “O Museu Histórico”,¹³⁴ sobre a importância do espaço:

Sinto-me um pouco sob suspeição para apoiar essa louvável campanha, por saber quem me conhece de minha já demorada vivência como futucador do passado macaense. (...) Sinceramente, porém, creio ser essa uma iniciativa pra lá de digna de aplausos. E apóio. A história macaense, cheia de variantes, deve ser materialmente conservada. Quanto mais não seja para ajudar na formação de uma mentalidade comunitária e de um traço de união entre o que Macaé foi, é e será.

Escrevendo ainda sobre o museu, apresentando aos leitores as tentativas anteriores de organizá-lo, enalteceu alguns aspectos necessários para que a proposta de concretização se efetivasse: o acervo, o local, a verba e a filosofia de execução. Sobre o acervo destacou: “*Quanto ao acervo, não será difícil recolher o pertencente à municipalidade nem obter doações ou empréstimos de objetos e documentos de caráter histórico junto a particulares*”. Estaria ele se incluindo como um dos doadores?

E, mais adiante, constrói um conceito de museu que permite vislumbrarmos nuances de sua perspectiva histórica:

Não é novidade alguma o entender-se não ser Museu Histórico apenas exposição de coisas antigas. Almojarifado de velharias, por assim dizer. (...) Mas não apenas isso. Ele precisa ser não sarcófago e sim organismo vivo. Promotor de cursos, exposições, ciclos de debates e palestras, foco de pesquisadores, casa de cultura pública, pujante e atuante.(PARADA, O Debate, 10/08/1985, p.2).

Nomear este importante espaço de preservação da história e da memória de Macaé talvez tenha sido o maior reconhecimento de seu trabalho como historiador. Todos esses espaços podem ser caracterizados como “*lugares de lembrar*”, aqueles onde podemos encontrar fragmentos de alguém, de uma vida, de uma trajetória, que estão associados a uma memória individual.

Uma bolsa de estudos também recebeu seu nome. No arquivo, a carta enviada pelo Professor Silas, do Jardim Escola Barãozinho – Sociedade Educacional Bruno Ostman Ltda,¹³⁵ datada de 07 de dezembro de 1993, dirigida a Maria Bernadette, onde conta sobre a influência de Tonito na sua formação e a homenagem:

Apesar da distância no tempo no espaço, jamais esqueci-me da competência, camaradagem e sinceridade do professor Antônio Alvarez Parada, o nosso estimado Tonito. Saí de Macaé determinado a estudar Química, certamente influenciado pelo mestre. Numa ocasião encontrei-me com ele na rua e seus olhos brilharam quando lhe disse que fazia Faculdade de Química no Rio. Agora são 21 anos lecionando esta disciplina.(...) A bolsa ‘Professor Antônio

¹³⁴ In: *O Debate*, 10/08/1985, p. 2.

¹³⁵ A escola ainda se localiza na Imbetiba, porém, já possui um outro prédio anexo, no centro da cidade.

Alvarez Parada' de caráter integral, será oferecida durante um ano ao melhor aluno (a) do módulo III – 5ª. à 8ª. séries.

Uma homenagem à Tonito foi recusada pela família. Na ocasião da inauguração do CIEP – Centro Integrado do Ensino Público, a Secretaria de Educação do Estado quis nomear o centro com o nome de Antonio Alvarez Parada. A família agradeceu a homenagem, mas recusou, justificando que não se relacionava diretamente às atividades de Tonito. A matéria em jornal, assinada pelo irmão Cesáreo Parada, “Um nome? Uma explicação, um agradecimento”, justifica à sociedade a recusa:

A família, imensamente lisonjeada e agradecida pela lembrança, rejeitou a homenagem, tornando necessária a explicação que o fato não está preso à implicações políticas como possa parecer e, sim, ao fato de respeitar o conceito negativo que ele fazia – como educador – da construção dos referidos Cieps, ponto de vista que ele tornou público ao escrever na coluna semanal que mantinha no jornal “O Debate”, dizendo do que sentia e pensava, a respeito desses Centros (16/10/86).¹³⁶

3. 1. 3 – Obras póstumas que imortalizam uma trajetória

Ao organizar quase todos os textos que produziu durante sua trajetória percebe-se que a intenção de Antonio Alvarez Parada era continuar publicando os seus trabalhos. Este projeto, interrompido com seu falecimento, foi continuado, na medida em que os interessados passaram a solicitar à guardiã do arquivo a sua produção. Iniciativas foram tomadas pela Petrobrás e pela Prefeitura Municipal de Macaé. Os textos das obras póstumas nos permitem analisar aspectos da construção da memória sobre este macaense. Como indicamos nos capítulos anteriores, duas foram editadas: *Histórias Curtas e Antigas* (1995) e *Cartas da Província* (2006).

A Petrobrás publicou a primeira obra póstuma *Histórias Curtas e Antigas de Macaé* (1995), onde estão reunidas mil crônicas, em dois volumes, textos originalmente publicados no Jornal *O Debate*, no período de 1978 a 1985. Nela, ele escreveu sobre diversos temas, em crônicas curtas que, muitas vezes retomam temas publicados anteriormente. Algumas histórias são repetidas em tempos e com números diferentes. Durante a organização do livro, os responsáveis pela edição sinalizaram esta observação no índice remissivo. Por que Tonito repetiu algumas crônicas? O assunto era relevante ou tinha alguma relação com a atualidade? Alguém solicitou republicação? Perguntas que permaneceram silenciadas.

¹³⁶ Não encontrei a matéria citada para comentar a opinião de Antonio Alvarez Parada a respeito dos Cieps.

Em um dos textos de apresentação, as palavras foram de reconhecimento do trabalho de Tonito sobre Macaé. Na mensagem da Petrobrás, intitulada “Em respeito à memória”, a Assessoria de Comunicação da empresa inicia o texto:

Quando um cidadão, por iniciativa própria, resolve decdosc Ouo trabalho, Ouoi

Os revisores em seguida escrevem “Nota explicativa” sobre algumas das dificuldades encontradas nas transcrições das crônicas e, logo na página seguinte, um ex-aluno, Nelson Mussi Rocha, faz a apresentação da obra com o próprio título do livro, “Histórias Curtas e Antigas de Macaé”, descrevendo pessoas, coisas e fatos abordadas nas crônicas escritas, e segue escrevendo:

A História de Macaé e Antônio Alvarez Parada, o nosso inesquecível Tonito, se entrelaçam, se condensam, são sinônimos. E podemos afirmar isto, sem

registro: *“Renegou sempre o título de historiador, por modéstia, pois sem dúvidas, as suas minuciosas pesquisas revelaram a vocação natural de historiador. Tonito foi mais que um professor, foi um artista”*.

Os textos intermediários que compõem as duas obras póstumas constroem uma certa apologia a Tonito. Um homem perfeito. Adorado. Professor exemplar. Guardião da história e da memória de Macaé. Será que Tonito, em vida, teve tanto reconhecimento quanto depois de morto?

3.3 – O reconhecimento de seus ofícios

Partimos da premissa de que Antonio Alvarez Parada era um colecionador que, *“aos olhos de Benjamin, se caracterizava por uma paixão que o punha em contato com o caos das lembranças”* (KONDER, 1999, p. 91). Ao constituir um arquivo pessoal repleto de fragmentos do passado, ele proporcionou que as novas gerações reencontrem este passado, não para contar como ele foi, mas para buscar indícios no que nele foi esquecido.

Ele pesquisou, leu e interpretou obras e documentos de Macaé, elaborando a sua escrita sobre a cidade, problematizando-a e colocando sua interpretação aos fatos sobre os quais escrevia. Portanto, tratou-se de pesquisa histórica. É inegável que hoje o que produziu contribui para a preservação da memória da cidade e constitui-se em fonte de pesquisa.

Podemos delinear o perfil de Antonio Alvarez Parada como de um intelectual público,¹³⁸ interessado em dialogar com a sociedade, em ser compreendido por ela. Um escritor que se dirigia a um público não especializado, um livre pensador que discutia abertamente com a sociedade as questões de sua época. Segundo Rossel Jacoby (1990), este tipo de intelectual já não existe mais, pois a maioria não é mais conhecida pelo grande público, estão fechados em discussões da academia e escrevem apenas para aqueles que são capazes de compreender seus textos.

A constituição deste arquivo, da mesma forma que permitiu que analisássemos sua auto-representação - a memória que construiu sobre si mesmo - e que examinássemos sua produção intelectual como forma de representar-se, de apresentar-se enquanto escritor, historiador e professor, permitiu também desenhar como a sociedade construiu a memória sobre ele, postumamente. É importante ressaltar que, em sua maioria, as representações póstumas presumem a construção de uma memória positiva.

¹³⁸ Consultar JACOBY (1990).

Recentemente Heira Couto – Herivelto Ferreira do Couto - seu amigo e também jornalista, escreveu um artigo com o título “O mistério de Tonito” que, de certa forma sintetiza o que a sociedade hoje, após 20 anos da ausência definitiva de Tonito, tem como representação:

Em ocasiões especiais pedem-me para escrever sobre o amigo Tonito. Nem sempre atendo tais solicitações. Nessas ocasiões muita gente escreve, discursa, se manifesta. Os jornais e os eventos estampam torrentes homenagens públicas de carinho, porque Tonito é uma unanimidade inteligente e afetiva da gente macaense. Prefiro, por isso, guardar para dias comuns, como este, o extravasamento de minha admiração e saudade. Poucos macaenses foram tão conhecidos e reconhecidos por seus conterrâneos como o Professor Antonio Alvarez Parada, o Tonito. Iluminou o nosso século XX com seu charme pessoal, suas qualidades humanas, intelectuais e morais. Dele se pode dizer tanta coisa, como por exemplo, o escritor, o professor, o historiador, o filósofo, o cronista, o jornalista, o cidadão exemplar, o amigo confiável. E mesmo dizendo tudo isto, não se terá dito tudo, porque Tonito foi mais e mais. Sintetizou sua gente. Ousou dizer que é um mistério de química, literatura, etnologia, história e sociologia. Outros ilustres macaenses têm escrito páginas admiráveis sobre Macaé e os macaenses. O lugar de Tonito, porém, é inquestionável. Por quê? Aí está o mistério. A perspicácia e sutileza de suas observações também não explicam. Penso que é o conjunto de sua obra, esmaltado de nobreza e amor, que desvenda o segredo pelo qual sua obra permanece qual faiança preciosa nos lares macaenses. É isto: segredo de álbum de recordações, misturado a delicadezas de louças antigas (Macaé Jornal, 23 a 28 de junho de 2006, p. 9).

Podemos dizer que a palavra professor está associada ao nome Antonio Alvarez Parada. Esta é a maior referência a seu nome, nome que a sociedade reconhece no seu trabalho profissional por mais de 30 anos dedicado ao magistério. Como professor, ficou marcado na trajetória de várias gerações de macaenses, de pessoas que se orgulham, até hoje, de terem sido seus alunos.

No entanto, sua obra é a preciosidade que deixa aos macaenses como legado de sua trajetória, como testemunho de sua erudição, como resultado de todo trabalho desenvolvido como historiador e escritor. Este era o reconhecimento que ele esperava dos macaenses? Escondido por tras de uma modéstia, enquanto estava vivo, não gostava quando alguém se referia a ele como historiador, respondendo que era apenas um contador de histórias. Mas seus pares reconheciam este ofício.

Guardando as devidas proporções, ao compararmos sua trajetória com a do historiador Philippe Ariès, encontramos uma semelhança: ambos foram investigadores solitários,¹³⁹ diletantes. Philippe Áriès só foi reconhecido como historiador quando tinha 65 anos de idade, depois da grande obra sobre o homem diante da morte. Em contrapartida, seus estudos e pesquisas foram motores para que centenas de historiadores desenvolvessem temas

¹³⁹ Esta expressão foi utilizada por Michel Winock ao prefaciar o livro de Philippe Áries (1994).

que ele elucidou. A obra de Tonito que já era reconhecida ganhou maior notoriedade e hoje, após a sua morte é importante fonte de pesquisa para diversos historiadores.

Neste sentido, tomamos a expressão utilizada por Philippe Ariès para o livro que se tornou seu auto-retrato e designamos a Antonio Alvarez Parada: um historiador diletante. O reconhecimento deste ofício foi anterior à morte.

Um historiador que, mesmo sem formação na área, buscou respostas para seguir suas intuições, fazer suas descobertas. Distante dos meios acadêmicos, esforçou-se para trabalhar metodologicamente seus textos, preocupando-se em registrar fatos, datas e nomes. Ele que, inicialmente arcava com as despesas decorrentes da edição de seus livros, passou a obter parte do financiamento da Prefeitura Municipal de Macaé e, posteriormente da Petrobrás.

De 1958, ano da publicação de seu primeiro livro até 1983, quando lançou *Meu nome, crianças é Macaé*, ele havia ocupado importantes espaços na sociedade macaense. Legitimando-se como escritor, jornalista e historiador, que detinha não somente um conhecimento especializado, mas também documentos raros que o credenciavam a escrever sobre o passado de sua cidade.

Esta é uma das últimas imagens, fixada no tempo, de Antonio Alvarez Parada:



Antonio Alvarez Parada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.
25 de março de 1985. Arquivo Pessoal Antonio Alvarez Parada.

Para os macaenses, o mérito de Antonio Alvarez Parada, e que levou a cidade a homenageá-lo das mais diversas formas, nomeando espaços públicos, publicando obras inéditas, reeditando livros, é inegável. Deve-se a ele grande parte dos registros da história do município e, por isso, sua memória tem sido cuidadosamente lembrada.

T ÑÜÉwâtûÉ wx âÅ ÄztwÉ
 Çt vÉÇääJâtûÉ wx âÅ tÜÖâ|äÉ ÑxääÉtÄ

Ao folhear o trabalho final, observando os documentos selecionados para compor minha pesquisa, onde entrelacei alguns fios da trajetória de Antonio Alvarez Parada a partir do seu arquivo pessoal, me pergunto: Que documentos não tive competência para ler? Teriam sido essas as melhores referências para este trabalho? Que outros papéis não tive a oportunidade de conhecer para tecer a trama que se expressou neste arquivo? O que ficou escondido em meio à poeira que se estabeleceu, nestes vinte anos, em seu gabinete? O que estará guardado dentro de seus livros?

Observei também que as lacunas deixadas, os esquecimentos, fazem parte de qualquer construção humana e são características do processo de acumulação dos documentos, da construção dos arquivos. Estes traduzem a identidade do titular e, por isso são importantes fontes para investigação. Narrar a trajetória de Antonio Alvarez Parada foi, de certa forma, narrar parte da História de Macaé.

Como pesquisadora, fiz minhas escolhas. Outras me foram impostas, como por exemplo, os muitos documentos que se referem à vida do casal, que não foram analisados neste trabalho. O conjunto do acervo que conta a história vivida pelos dois, em especial as fotografias, cartas e bilhetes, serviriam de fonte para uma interessante pesquisa, caso a viúva autorizasse. Resta a esperança de que mais tarde ela concorde.

Por outro lado, alguns documentos exigem mais tempo de pesquisa. É o caso das coleções de jornais do século XIX e XX, uma das preciosidades do arquivo, que merecem investigação, enquanto objeto de análise histórica. As possibilidades de investigação com este tipo de material são amplas e variadas e, por isso demandam um trabalho mais específico em relação a elas.

Procurou-se, com esta pesquisa, analisar as estratégias de preservação da memória que estão presentes no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada. Ao refletir sobre sua trajetória, a partir do arquivo, pude perceber que, por traz de uma humildade muitas vezes anunciada, na escrita e no discurso, estava um homem que queria ser reconhecido, que não queria ser esquecido, que pretendia deixar marcado o seu nome e, como herança aos macaenses, o seu infindável gosto pela pesquisa sobre a sua terra.

Tonito produziu e guardou os registros que servissem de suporte para revelar sua maneira de constituir-se, que por mim foi desenhada como um mosaico, apresentando as dimensões de sua trajetória: o professor, o escritor, o historiador. Esboçou, em meio aos papéis acumulados, um projeto autobiográfico, permitindo que, a partir destes vestígios, sua biografia pudesse ser escrita, na medida em que eles possibilitam interpretar seus espaços de formação, de atuação e, conseqüentemente suas redes de sociabilidade. Deixou marcada a sua erudição.

Ao mesmo tempo em que compôs uma memória de si, também o fez em relação à Macaé. Ao escrever artigos para jornais e revistas, publicar livros, fazer conferências, organizar cursos, produziu obras que hoje são utilizadas como fonte bibliográfica para diversos trabalhos desenvolvidos sobre questões relativas à sua cidade e região. Ao analisar sua produção intelectual pôde-se identificar a escrita epistolar como uma prática marcante na vida de Antonio Alvarez Parada. Por meio das cartas solicitava pesquisas, enviava livros, agradecia comentários, mantinha relações com pessoas distantes, enfim, alimentava sua rede de sociabilidade e, na mesma medida, era legitimado por ela para continuar pesquisando e produzindo.

Enquanto escreveu, selecionou e arquivou, ele foi, de certa forma, construindo uma memória da cidade: uma Macaé que precisava das referências do passado para não perder sua identidade. Deixou impressas suas opiniões como macaense, principalmente os seus medos em relação à chegada do progresso. Progresso que ele vivenciou apenas o início, mas que foi suficiente para vislumbrar os problemas futuros. Problemas futuros hoje mais que presentes. Talvez um pouco piores do que ele supunha que aconteceria. Solicitou aos macaenses, e aos que adotaram a cidade como sua terra natal, que guardassem a memória do que nela se construiu. Por meio de ações como esta, seria possível preservar a Macaé, aquela que, mesmo distante do progresso, propiciava a paz e a harmonia entre os homens.

Sua esposa, Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez, tornou-se, após sua morte, a guardiã de seu arquivo. Única herdeira. Recortando, guardando, registrando, ela tentou dar continuidade as práticas de arquivamento do marido. Disponibilizou seu acervo para consulta. Presenciou as inaugurações dos lugares que passaram a ter seu nome. Dedicou-se a continuar publicando seus trabalhos, muitos deles já organizados pelo próprio Antonio Alvarez Parada. Também fez escolhas. Selecionou o que queria mostrar. Guardou o que considerou parte apenas da história dos dois. Fabricou o seu imortal. Os necrológios, arquivados por ela, colaboraram para não macular a imagem do marido. A análise das construções póstumas permitiram afirmar que seu reconhecimento foi anterior à morte. A morte o consagrou como professor, escritor e historiador. Nada poderia prejudicar a imagem do homem perfeito, do marido exemplar, do professor dedicado, do pesquisador incansável enfim, da imagem positiva que queria para sempre guardada de Tonito, que nas palavras delas, é patrimônio de Macaé.

Patrimônio que precisa ser mantido vivo.

Algumas ações têm sido feitas para que sua memória se mantenha viva. As duas publicações póstumas e as que estão em andamento - projeto atualmente desenvolvido pela Secretaria de Acervo e Patrimônio Histórico, demonstram que há a preocupação de se

preservar o que se produziu sobre a História de Macaé. Seus livros, todos esgotados, estão sendo reeditados como forma de fazer com que mais pessoas tenham acesso a sua produção. Produção que contribui para a preservação da História de Macaé e, conseqüentemente de sua identidade.

Outras obras ainda podem ser produzidas a partir do arquivo. Algumas foram organizadas pelo próprio Tonito e aguardam publicação, como “A Sociedade Macaense”, “Setenta Anos de Poesia em Macaé” e “Calendário Macaense”. Outras podem ser organizadas, como por exemplo, sobre nomes de ruas, vultos históricos, patrimônios edificados, professores, enfim. Há material para produzir muitos livros.

Deixo o arquivo com a sensação de que há ainda muito a fazer. Quando o acervo receber o tratamento arquivístico adequado, for inventariado com cuidados técnicos, sem restrições, a sociedade terá material para o desenvolvimento de muitas pesquisas. Macaé ganhará quando isso ocorrer. Se isso ocorrer. Fica a sensação de trabalho concluído, em parte, e no fundo, o desejo de que este acervo faça parte do lugar que melhor lembrou a trajetória de Tonito: o Centro de Memória Antonio Alvarez Parada.

Referências Bibliográficas

1. Fontes Primárias

1.1. Arquivos

1.1.1. Arquivo Pessoal de Antonio Alvarez Parada. Macaé/RJ.

DOCUMENTAÇÃO:

- Álbuns de fotografias
- Álbuns de recortes de jornais
- Álbuns de selos
- Aquarelas
- Caderneta de anotações
- Correspondência pessoal
- Discursos
- Encadernações
- Jornais do século XIX
- Jornais do século XX
- Livro-caixa
- Livros
- Manuscritos
- Pastas
- Produção intelectual
- Revistas

1.1.2. Arquivo da Escola Municipal Professor Antonio Alvarez Parada

DOCUMENTAÇÃO:

- Livros de Antonio Alvarez Parada
- Pasta com recortes de jornais

1.1.3. Arquivo do jornal *O Fluminense*

DOCUMENTAÇÃO:

- Jornal *O Fluminense* – 1977 - 1979

1.1.4. Centro de Memória Antonio Alvarez Parada

DOCUMENTAÇÃO:

- Fotografias
- Jornais
- Livros
- Postais
- Recortes de jornais
- Revistas

1.1.5. Collecção D. Rosa Joaquina. Macaé/RJ.

DOCUMENTAÇÃO:

- Correspondência
- Cartões
- Convites

1.2. Bibliotecas

1.2.1. Acervo Bibliográfico do Centro de Memória Antonio Alvarez Parada

- Livros sobre Macaé e região

1.2.2. Biblioteca Pública Municipal Dr. Télió Barreto

- *Jornal O Debate* – 1976 - 1988

1.3. Entrevistas

- Adriana Bacellar Leite e Santos. Entrevista realizada em 25/07/2005.
- Fernando Cláudio Frossard Rangel. Entrevista realizada em 16/06/2004.
- Jane da Costa Marinho. Entrevista realizada em 14/06/2006.
- Jorge Luiz Saraiva. Entrevista realizada em 16/06/2004.
- Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez. Entrevistas realizadas em: 19/06/2003, 08/04/2005.
- Vilson Gavinho. Entrevista realizada em 10/01/2006.

1.4. Jornais e Revistas

- *A Razão* – 31/03/1935.
- *A Voz do Estudante* – 20/12/1959.
- *Evolução* – 20/04/1931.
- *Folha Macaense* – março de 1986.
- *Jornal da Cidade* – 29/04 a 10/05/1977; 22/07 a 29/07/1980; 22/03/1986; 29/03/1986; 04/06/1988.
- *Jornal de Macahé* – 27/08/1931.
- *Macaé Jornal* – 23 a 28/06/2006.
- *Monitor Macahense* – 21/02/1865.
- *O Debate* – 29/06 a 06/07/1979; 02/08/1980; 04/07/1981; 20/03/1982; 17/08/1982; 25/09/1983; 23/03/1985; 18/05/1985; 10/08/1985; 30/11/1985; 14/12/1985; 21/12/1985; 18/03/1986; 22/03/1986; 12/04/1986; 26/07/1986.
- *O Estado* – 26/08/1988.
- *O Fluminense* – 06/01/1978; 13/01/1978; 03/03/1978; 12/05/1978; 23/06/1978.
- *O Globo* – 16/03/1986.
- *O Lynce* – 04/11/1895; 22/04/1897; 13/05/1897.
- *O Momento* – 30/10/1939.
- *O Rebate* – 01/12/1950; 27/05/1956; 23/10/1960; 15/01/1961; 25/05/1963; .
- *O Século* – 25/12/1892.
- *Revista Academia* – 1963 – 1967.
- *Revista Vida Fluminense* – n.14, 1958.
- *Revista Comemorativa do 1º Centenário da Sociedade Musical Nova Aurora* – julho de 1973.
- *Revista do Centenário da Sociedade Musical Lyra dos Conspiradores* – 1982.

1.5. Livros

PARADA, Antonio Alvarez. **Coisas e Gente da Velha Macaé**: crônicas históricas. Edição do autor. São Paulo: EDIGRAF, 1958. (esgotado).

_____. **A B C de Macaé**: guia informativo e turístico. Edição do autor. Niterói: Gráfica Falcão Ltda, 1963. (esgotado).

_____. **Histórias da Velha Macaé**: crônicas históricas. Edição do autor. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1980.

_____. **Imagem da Macaé Antiga**: texto e arquivo fotográfico. Edição do autor. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

_____. O Barão de Monte de Cedro. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 337, out./dez., 1982, pp. 83-103.

_____. **Meu nome, crianças, é Macaé**. Apoio Cultural da Petróleo Brasileiro S. A. PETROBRAS, 1983.

_____. O Conselheiro João de Almeida Pereira. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 147 (351): 488-551, abr./jun., 1986.

_____. **Histórias Curtas e Antigas de Macaé**. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1995. Obra Póstuma. Volume I e II.

_____. **Cartas da Província**. Macaé: Macaé Offshore, 2006.

2. Fontes Secundárias

2.2. Dissertações e Teses

FRAIZ, Priscila Moraes Varella. **A construção de um eu autobiográfico**: o arquivo privado de Gustavo Capanema. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Literatura Brasileira da UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Defendida em 1994.

VARGAS, Silvana Cristina Bandoli. **A cidade plataforma**: memória e identidade em Macaé. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da UFF – Universidade Federal Fluminense. Defendida em 19/03/1997.

VAZ, Élide Mattos. **A encenação da educação nas cartas dos leitores**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1998.

VENANCIO, Giselle Martins. **A trama do arquivo**: análise da trajetória de Oliveira Viana. Tese de Doutorado. Departamento de História da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Defendida em 2003.

2.3. Revistas Especializadas e Textos apresentados em eventos

ANDRADE, Vera Lucia. **Uma nota de memória**. In: Literatura e Memória Cultural. Anais do 2º Congresso Abralic. Vol I. Belo Horizonte: Abralic, 1990, pp. 494-499.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998. pp. 9 - 34.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 29 – 42.

BLASCO MARTINEZ, Rosa M^a. Los Archivos Familiares. Planteamiento general y cuestiones para el debate. In: **Actas del VI Congreso Internacional de Historia de La Cultura Escrita**. Vol II. Calambur, 2002, pp. 390 – 403.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. História da cultura escrita. Ideias para el debate. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Editora Autores Associados / SBHE, jan-jul. 2003, n. 5, pp. 93-125.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, pp. 97-113.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo moderno. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol.11, n. 21, 1998, pp. 129 - 149.

- FALCON, Francisco J. C. A identidade do historiador. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1996/1.
- FRAIZ, Priscila Moraes Varella. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998, pp. 59 - 87.
- FROSSARD, Larissa. Cartas da Província: crônicas epistolares. In: **II Seminário Interno Educação e Imagem, Rio de Janeiro - UERJ**. Caderno de Resumos, 2004.
- _____. Do Escritor ao Leitor: bastidores de produção e circulação de livros. In: **I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial**. São Paulo: EDUSP, 2004, pp.76 – 77.
- _____. Álbuns de Retratos: fragmentos do tempo que narram detalhes de uma trajetória. In: **III Seminário Internacional As Redes de Conhecimentos e a Tecnologia: professores/professoras: textos, imagens e sons**. Rio de Janeiro: Laboratório de Educação e Imagem / PROPED - Faculdade de Educação (UERJ), 2005, pp. 18-18.
- _____. Capas, Prefácios e Dedicatórias Impressas: cerimônias de apropriação das obras de Antonio Alvarez Parada. In: **15º Congresso de Leitura do Brasil**, 2005, Campinas. Caderno de Resumos. Campinas: ALB / Faculdade de Educação UNICAMP, 2005, vol.1, pp.133 – 134.
- _____. A Cidade Conta Sua História: um educador escrevendo para o público infantil. In: **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Perspectivas e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. Programação e Resumos. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2006, vol.1, p.218.
- GAVINHO, Vilson; SILVA, Regina Céli. **Macaé, nossa terra, nossa gente**: Antonio Alvarez Parada – Historiador. Série Personalidades II. Instituto Histórico e Geográfico de Macaé, 1995.
- GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998, pp. 121 - 127.
- GONDRA, Jose. Anísio Teixeira - Lugares de Lembrar. **Teias**: Revista da Faculdade de Educação / UERJ, n. 1, jun. 2000. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2000 – v. pp. 74 – 81.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. **A propósito de uma experiência original**. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepu/depto/historia/textoler.html>. Acessada em 08/09/2005.
- MAUAD, Ana Maria. Imagens de passagem: fotografia e os ritos da vida católica da elite brasileira, 1850-1950. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Antropologia e Imagem. N – 1 – (1995) – Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995 – v.: il. pp. 137-152.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Decifrando o recado do nome: uma Escola em busca de sua Identidade Pedagógica. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 74, n.178, set./dez., 1993, pp. 619-638.
- NEVES, Margarida de Souza. A educação pela memória. **Teias**: Revista da Faculdade de Educação / UERJ, n. 1, jun. 2000. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2000 – v. pp. 9 – 15.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP – Brasil, 1981.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade!”: Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998, pp. 105 -119.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998, pp 35 - 42.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001, n.28, pp. 23-48.

2.4. Livros

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ARIÈS, Philippe. **Um historiador dileitante**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Laços de papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (orgs.) **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UFP, 2002, pp. 5 - 9.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: Obras Escolhidas. Vol.I. **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 222-234.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UFP, 2002, pp. 159-180.

_____. Cartas Adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Camara e CUNHA, Maria Tereza Santos Cunha (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 203-228.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHALOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M.. Apresentação. In: CHALOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M.. **Histórias em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. pp. 9-20.

CHARTIER, Roger. **As práticas de escrita**. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). **História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 113-162.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

- _____. **El juego de las reglas: lecturas.** Argentina: Fundo de Cultura Econômica, 2000.
- CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor.** São Paulo: Cosac & Naif, 2002.
- CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992. Série Passagens.
- FROSSARD, Larissa. Escritos Macaenses: à guisa de apresentação. In: PARADA, Antonio Alvarez. **Cartas da Província.** Macaé: Macaé Offshore, 2006, pp 10-16.
- GAVINHO, Vilson. Detinha de Tonito: Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez. In: FROSSARD, Larissa; GAVINHO, Vilson (orgs.). **Macaé, Nossas Mulheres, Nossas Histórias.** Macaé: Macaé Offshore, 2006, pp. 78-79.
- _____. Irene Meirelles. In: FROSSARD, Larissa; GAVINHO, Vilson (orgs.). **Macaé, Nossas Mulheres, Nossas Histórias.** Macaé: Macaé Offshore, 2006, pp. 120.
- GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores.** Rio de Janeiro: FGV – Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp.7-24.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- JACOBY, Rossel. **Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia.** São Paulo: Trajetória Cultural, EDUSP, 1990.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- KNAUSS, Paulo. **História e Memória – Macaé.** Anaã Engenharia Cultural, 2004.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão... [et al.]. – 5 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LOBO JR., Dácio Tavares et alli. **Macaé, síntese geo-histórica.** 100 Artes Publicações / PMM, Rio de Janeiro, 1990.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 225-249.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Tereza Santos e (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000, pp.123-143.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Eternizando a imagem pioneira. In: ALVES, Nilda & SGARBI, Paulo. (orgs.). **Espaços e imagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio Mignot. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- _____. **Papéis Guardados.** Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

NORA, Pierre. **A História Nova**. Lisboa: Edições 70, 1977.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PICANÇO, Jorge [] Siqueira. **Cartas a Françoise**. Niterói: Cromos, 1990.

RANUM, Orest. **Os refúgios da intimidade**. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (orgs.). História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 211-266.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: introdução metodológica. 5 ed. São Paulo: Ed. Nacional, INL, Brasília, 1978.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

TINOCO, Godofredo. **Motta Coqueiro**: a grande incógnita. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966, p.51.

_____. **A Imprensa Fluminense**: 1826/1963. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VENANCIO, Giselle Martins. **As Flores Raras do Jardim do Poeta**. O catálogo da Coleção Eurico Facó. Fortaleza, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil par crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)